

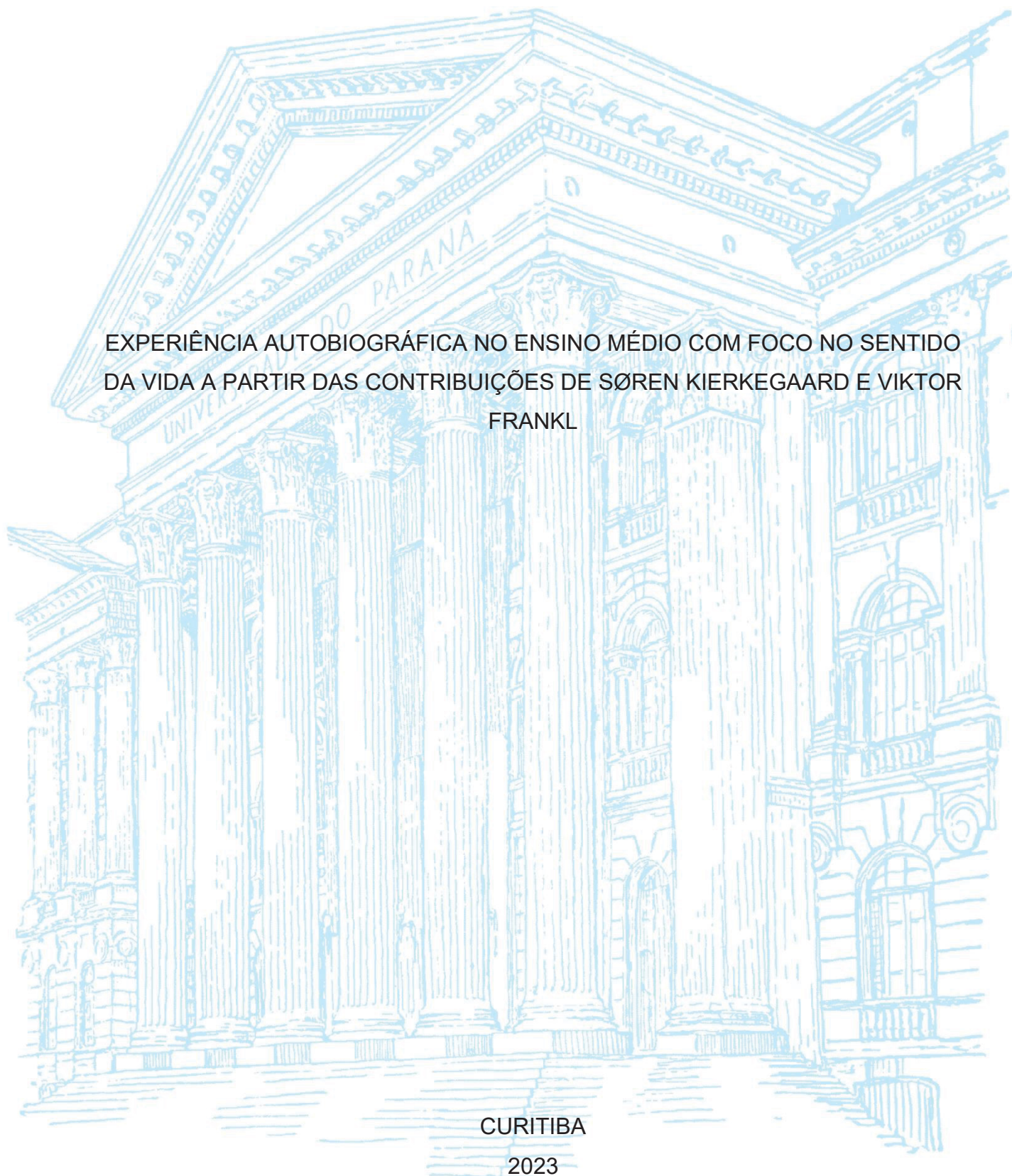
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NAHOR LOPES DE SOUZA JUNIOR

EXPERIÊNCIA AUTOBIOGRÁFICA NO ENSINO MÉDIO COM FOCO NO SENTIDO  
DA VIDA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE SØREN KIERKEGAARD E VIKTOR  
FRANKL

CURITIBA

2023



NAHOR LOPES DE SOUZA JUNIOR

EXPERIÊNCIA AUTOBIOGRÁFICA NO ENSINO MÉDIO COM FOCO NO SENTIDO  
DA VIDA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE SØREN KIERKEGAARD E VIKTOR  
FRANKL

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Filosofia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Neves Cardim

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Souza Junior, Nahor Lopes de

Experiência autobiográfica no ensino médio com foco no sentido da vida a partir das contribuições de Søren Kierkegaard e Viktor Frankl. / Nahor Lopes de Souza Junior. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Neves Cardim.

1. Sentido da vida. 2. Existencialismo. 3. Søren Kierkegaard. 4. Viktor Frankl. I. Cardim, Leandro Neves. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Filosofia. III. Título.

Bibliotecário: Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO FILOSOFIA -  
40001016170P6

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação FILOSOFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **NAHOR LOPES DE SOUZA JUNIOR** intitulada: **EXPERIÊNCIA AUTOBIOGRÁFICA NO ENSINO MÉDIO COM FOCO NO SENTIDO DA VIDA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE SÖREN KIERKEGAARD E VIKTOR FRANKL**, sob orientação do Prof. Dr. LEANDRO NEVES CARDIM, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 20 de Novembro de 2023.

Assinatura Eletrônica

21/11/2023 09:38:52.0

LEANDRO NEVES CARDIM

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

21/11/2023 14:01:08.0

ANTONIO EDMILSON PASCHOAL

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

21/11/2023 15:21:55.0

EVANILDO COSTESKI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ)

---

RUA DR. FAIVRE 405, ED. D. PEDRO II 6º ANDAR, SALA 610 - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-140 - Tel: (41) 3360-5098 - E-mail: [prof.filosofia@ufpr.br](mailto:prof.filosofia@ufpr.br)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 329281

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 329281

Aos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, por nunca desistirem de lutar pela Reforma Agrária no Brasil.

## AGRADECIMENTOS

O conhecimento é a única coisa na qual não se pode mensurar valor monetário, apesar de muitos sistemas teimar em fazê-lo. Por isso ele é de graça. Do mesmo termo latino da palavra *graça* (*gratia*), vem o termo *gratidão*. Porque conhecimento partilhado é agraciado e devemos elencar quem o fez possível.

Grato ao coordenador Helle Borges, pela autorização em aplicação da minha pesquisa no colégio particular do qual fazia parte. Aos estudantes voluntários dos 2os anos do Ensino Médio do ano de 2021 deste lugar: estes estarão até o último dia de minha vida com minha consideração e gratidão grandiosa.

Grato às Escolas de Educação Básica Paulina Gaya (Navegantes-SC), Julia Miranda de Souza (Navegantes-SC), José Arantes (Camboriú-SC), onde passei como professor temporário, por ajudarem a confirmar minha vocação no caminho da educação, e à Escola Professora Felicidade Pinto Figueredo (Balneário Piçarras-SC), onde sou funcionário efetivo, pela compreensão nos momentos decisivos da escrita desse trabalho dissertativo.

Grato ao Viktor Frankl Institute (Viena), por ceder materiais e esclarecer dúvidas sobre a pesquisa.

Grato aos professores do mestrado pela partilha e aos meus colegas de turma, especialmente a Tamara, pelo companheirismo, desabafo e amizade.

Grato ao meu orientador, prof. Dr. Leandro Neves Cardim, pela compreensão no decorrer desta longa jornada.

Grato à Leona, Mel, Jade e Grazi, quatro mulheres que fizeram parte da minha vida durante esse período do mestrado, mesmo nos percalços da vida.

Grato aos amigos Alessandra, Aline, Gabrielle, Larissa e Silas, pelo apoio e confiança.

Grato a todos os médicos que sempre cuidaram de mim: os oncologistas, e o Dr. Antônio, psiquiatra.

Grato aos animais que fizeram parte da minha pesquisa acadêmica (gatos, cachorros e calopsitas), através do seu companheirismo, pois mesmo sem tomar consciência da importância dos atos simbólicos, eles significam muito para mim.

Grato ao meu padrasto Vili pela companhia e conversas.

E, por fim, grato à minha mãe Marilete e ao meu pai Nahor (*in memoriam*) pelo incentivo ao caminho do conhecimento.

Ó luz! — é o brado que lançam todos os personagens dos antigos dramas, quando colocados diante de seu destino. Esse último recurso era também o nosso e, agora, eu o sabia. Em pleno inverno, aprendia por fim que existia em meu ser um verão invencível.

(CAMUS, 1979, p. 65)

## RESUMO

O presente trabalho consiste em apresentar a aplicação prática de uma autobiografia dentro do conceito filosófico do sentido da vida, conceito este que tem origem na concepção clássica, passa pelo mundo medieval e adentra na modernidade e contemporaneidade, abordando também temas como depressão e suicídio. Para tanto, recorre-se aos autores Søren Kierkegaard e Viktor Frankl para pensar a temática, bem como ao conceito de autobiografia dentro da perspectiva filosófica. Kierkegaard não trabalha exatamente uma temática específica sobre o sentido, mas foca nas decisões do indivíduo que é responsável pela sua existência. Frankl tem uma teoria sobre o sentido, oriunda principalmente da sua experiência no campo de concentração, onde o sentido é algo individual do ser humano e pode ser alcançado mesmo sob condições extremas. O trabalho prático focou na construção de uma autobiografia a partir de aulas lecionadas sobre o tema em 2021 na cidade de Camboriú, Santa Catarina, Brasil, onde os estudantes tiveram conteúdos sobre Existencialismo, Kierkegaard e Frankl, bem como conceitos-chaves do assunto, e entregaram ao professor suas histórias de vida. Palavras como suicídio, solidão e felicidade foram amplamente escritas pelos adolescentes. Com isso, o trabalho dissertativo quer ampliar a questão do pensar a si mesmo, uma atitude filosófica, situação muitas vezes esquecida no cotidiano.

Palavras-chave: sentido da vida; autobiografia; existencialismo; indivíduo; psicologia.

## **ABSTRACT**

The present work consists of presenting the practical application of an autobiography within the philosophical concept of the meaning of life, a concept that originates in the classical conception, passes through the medieval world and enters modernity and contemporaneity, also approaching themes such as depression and suicide. For that, authors Søren Kierkegaard and Viktor Frankl are used to think about the theme, as well as the concept of autobiography within a philosophical perspective. Kierkegaard does not exactly work on a specific theme about meaning, but focuses on the decisions of the Individual who is responsible for its existence. Frankl has a theory about meaning, derived from his experience in the concentration camp, where meaning is something individual to human beings and can be achieved even under extreme conditions. The practical work focused on the construction of an autobiography from classes taught on the subject in 2021 in the city of Camboriú, Santa Catarina, Brazil, where students had content on Existentialism, Kierkegaard and Frankl, as well as key concepts of the subject, and delivered to the teacher their life stories. Words like suicide, loneliness and happiness were widely written by teenagers. With this, the dissertation work wants to expand the issue of thinking about oneself, a philosophical attitude, a situation often forgotten in everyday life.

Keywords: meaning of life; autobiography; existentialism; individual; psychology.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – LIVROS DE VIKTOR FRANKL COM O TEMA <i>SENTIDO DA VIDA</i> EM PORTUGUÊS .....	51
FIGURA 2 – AULA SOBRE SØREN KIERKEGAARD NO DIA 13 DE ABRIL DE 2021 .....	69
FIGURA 3 – AULA SOBRE VIKTOR FRANKL NO DIA 27 DE ABRIL DE 2021 .....	69
FIGURA 4 – ENVELOPES DISPONIBILIZADOS PELO PROFESSOR.....	71
FIGURA 5 – ORIENTAÇÃO ENTREGUE NO ENVELOPE AOS ESTUDANTES .....	72
FIGURA 6 – DOIS EXEMPLOS DE AUTOBIOGRAFIAS ENTREGUES PELOS ESTUDANTES .....	73
FIGURA 7 – ATIVIDADE DE ESCRITA DE SI BASEADA EM ABELARDO E HELOÍSA.....	77

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – MAPA CONCEITUAL SOBRE EXISTÊNCIA EM SØREN KIERKEGAARD .....	48
GRÁFICO 2 – MAPA CONCEITUAL SOBRE SENTIDO DA VIDA EM VIKTOR FRANKL .....	57
GRÁFICO 3 – TERMOS COM MAIS APARIÇÕES .....	74

## **LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Curricular Comum
COVID-19	Coronavirus Disease 2019 (Doença por Coronavírus 2019)
OMS	Organização Mundial de Saúde
UCL	University College London
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	23
1.2 OBJETIVOS .....	25
1.2.1 Objetivo geral .....	25
1.2.2 Objetivos específicos.....	25
1.3 METODOLOGIA.....	25
1.4 BREVE DESCRIÇÃO DA PESQUISA.....	27
<b>2 O SENTIDO DA VIDA NA TRADIÇÃO FILOSÓFICA</b> .....	<b>29</b>
2.1 O SENTIDO DA VIDA NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA .....	31
2.2 O MUNDO MEDIEVAL E O SENTIDO EM DEUS.....	33
2.2.1 As <i>Confissões</i> de Agostinho como autobiografia de sentido.....	34
2.3 A CRISE DE SENTIDO DENTRO DA MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE.....	35
2.3.1 A questão da depressão e do suicídio na perspectiva do sentido da vida .....	37
<b>3 O SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA DE SØREN KIERKEGAARD</b> .....	<b>42</b>
3.1 UMA BIOGRAFIA AGITADA COM SENTIDO .....	42
3.2 PENSAR A SI MESMO NA EXISTÊNCIA .....	43
3.3 ANGÚSTIA E DESESPERO COMO REFLEXÃO SOBRE O SENTIDO .....	45
3.4 A RELAÇÃO ENTRE FÉ E SENTIDO .....	47
<b>4 O SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA DE VIKTOR FRANKL</b> .....	<b>50</b>
4.1 UMA VIDA RECONSTRUÍDA COM SENTIDO .....	50
4.2 A TEORIA DO SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA LOGOTERÁPICA .....	52
4.3 O SOFRIMENTO COMO PONTO CENTRAL NA BUSCA PELO SENTIDO.....	53
4.4 RELAÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA DE FRANKL E O EXISTENCIALISMO .....	55
<b>5 ATIVIDADE AUTOBIOGRÁFICA COMO PRÁTICA FILOSÓFICA</b> .....	<b>58</b>
5.1 A AUTOBIOGRAFIA NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA .....	60
5.1.1 As hagiografias.....	62
5.1.2 A autobiografia em Søren Kierkegaard e Viktor Frankl .....	64
5.2 AS REDES SOCIAIS COMO ELEMENTOS DAS ESCRITAS DE SI .....	66
<b>6 APLICAÇÃO DA ATIVIDADE AUTOBIOGRÁFICA</b> .....	<b>68</b>
6.1 APLICAÇÃO PRÁTICA .....	68

6.2 ANÁLISE DAS AUTOBIOGRAFIAS .....	73
6.3 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS .....	76
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>90</b>
<b>APÊNDICE – QUANDO NADA MAIS RESTA.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO 1 – CONTEÚDO SOBRE EXISTENCIALISMO NO MATERIAL DIDÁTICO DOS ALUNOS DA REDE ANGLO EM 2021 .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO 2 – PLANO DE AULA .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO 3 – AUTOBIOGRAFIA DIGITADA .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO 4 – AUTOBIOGRAFIA MANUSCRITA .....</b>	<b>102</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os séculos XIX e XX são marcados, costumeiramente, por serem épocas de inovações aceleradas e mudanças rápidas em diversos segmentos da humanidade. No século XIX, temos a Segunda Revolução Industrial, a descoberta e exploração do petróleo, as diversas independências da América Latina, e o advento da Sociologia. No campo da Filosofia, temos a forte influência do pensamento de Hegel, e após sua morte, em 1831, seus sucessores intelectuais dividiram-se em dois troncos, chamados por David Strauss de correntes de direita e esquerda hegeliana (REALE, 1991). Ambas as correntes mantiveram debates acesos aos acontecimentos sociais e históricos de sua época, e suas consequências para o ser humano. Podemos destacar nesse contexto pós-hegeliano as análises de Arthur Schopenhauer (1788-1860), Ludwig Feuerbach (1804-1872), o já citado Strauss (1808-1874), Bruno Bauer (1809-1882), Karl Marx (1818-1883) e aquele a quem essa pesquisa irá desenvolver, Søren Kierkegaard (1813-1855). Por fim, coroa o século XIX o pensamento de Friedrich Nietzsche (1844-1900), com todo um repensar a respeito dos valores humanos até então consagrados. Foram várias mudanças abruptas na sociedade (VAN LOON, 2004), acontecimentos observados por diversos pensadores e também onde participaram ativamente. Esse processo, muitas vezes doloroso, principalmente aos trabalhadores e pessoas mais simples, teve consequências não só econômicas: “O trabalhador [...] muito diferente da classe média, estava a uma distância mínima do miserável, e via a insegurança como constante e real.” (HOBSBAWN, 2011, p. 336).

Diante desse quadro conturbado socialmente, questões de ordem psíquica começaram a manifestar-se e serem estudadas. Tudo isso, historicamente, já vinha sendo gestado há séculos (NASIO, 2022), mas a rapidez das inovações e organização das ciências puderam mostrar novas compreensões a respeito de como as pessoas eram atingidas em sua mente. Isso acarretou uma nova abordagem para aqueles que estudavam a mente humana: na segunda metade do século XIX aparecem, pela primeira vez, os termos *depressão*, em 1854, através do psiquiatra francês Jean-Pierre Falret (1794-1870) e *estados depressivos*, em 1899, com o

psiquiatra alemão Emil Kraepelin (1856-1926), dentro de uma análise histórico-social onde era incluído o antigo conceito de *melancolia*<sup>1</sup> (DUNKER, 2021).

O século XX é o período das duas guerras mundiais, da corrida espacial, das lutas pelos direitos humanos, e a percepção a respeito do ser humano dentro do campo da subjetividade torna-se uma temática importante no estudo filosófico (MARTINS, 2018). Questões sociais aprofundam-se enormemente, onde o aumento das desigualdades social e econômica levam a questionar os modelos até então vigentes. Os conceitos estabelecidos historicamente passam a serem relativizados, e até o método científico é colocado em xeque:

O que estava em causa agora não era a busca da verdade, mas a impossibilidade de separá-la de suas condições e consequências. Ao mesmo tempo, o debate era essencialmente entre pessimistas e otimistas em relação à raça humana. Pois a crença básica dos que pensavam em restrições ou autolimitações à pesquisa científica era que a humanidade, como hoje organizada, não era capaz de lidar com os seus poderes de transformação da Terra, ou mesmo de reconhecer os riscos que corria (HOBSBAWN, 2015, p. 535).

Devido à já mencionada preocupação com a subjetividade, os séculos XIX e XX também são os séculos de estudo e produção de Sigmund Freud (1856-1939), Carl Jung (1875-1961), Alfred Adler (1870-1937) e outros pensadores da Psicologia, que trouxeram diferentes visões e alertas para a sociedade relacionadas às doenças psíquicas. Ademais, as pessoas começaram aos poucos a compreender a necessidade de não só tratar doenças como depressão, síndrome do pânico, estresse, ansiedade, etc., mas também de desenvolver terapias para uma redescoberta das causas psicológicas para as doenças citadas, bem como uma reflexão sobre o papel da identidade, liberdade e subjetividade (NASIO, 2022).

Os supracitados séculos trouxeram à reflexão filosófica o Existencialismo, uma corrente filosófica que pautou temas como a existência, a liberdade, a finitude, responsabilidade, entre outros, aprofundando ainda mais a reflexão sobre a subjetividade. Longe de ser um movimento filosófico unificado (REYNOLDS, 2014),

---

<sup>1</sup> O termo *melancolia* (no original μελαγχολία, a “bílis negra”) foi cunhado por Hipócrates (460 a.C. – 370 a.C.) para definir um conjunto de sintomas: aversão à alimentação, irritabilidade, tristeza, falta de ânimo, insônia e inquietação. Esse conceito perpassou a história, e inclusive temos exemplos curiosos, como de Teresa de Lisieux (1873-1897), mística cristã conhecida popularmente como Santa Teresinha, que manifestou os citados sintomas e escreveu abertamente sobre eles (TERESINHA, 1986). Somente a partir dos séculos XVII e XVIII foram reescritos os sintomas desse problema e analisados sob outro prisma (SANTA CLARA, 2009).

o Existencialismo tornou-se célebre por ser um modo de pensamento *cult*, de intelectuais reunidos em cafés parisienses discutindo questões do “eu” humano mais profundo. Nomes como Jean-Paul Sartre (1905-1980), Simone de Beauvoir (1908-1986), Albert Camus (1913-1960), Karl Jaspers (1883-1969), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Martin Heidegger (1889-1976) (esses dois últimos nunca aceitaram o rótulo de “existencialistas” aplicados a si mesmo) (JOLIVET, 1961), dentre outros, alimentaram os debates acadêmicos, literários, estéticos e políticos do mundo, como um ponto de referência intelectual. É até hoje ensinado na disciplina de Filosofia nos bancos escolares e tema de inúmeras pesquisas pelo mundo afora.

Tanto a Psicologia quanto o Existencialismo possuem vínculos teóricos muito estreitos, juntamente com a Fenomenologia. Franz Brentano (1838-1917), um dos principais teóricos fenomenológicos de base teórica para Husserl, elaborou uma teoria psicológica em oposição à de Wilhelm Wundt (1832-1920), este considerado o pai da Psicologia moderna como ciência (BORIS, 2011). O estudo da mente, sentimentos e condições psicológicas moveu muitos pensadores: por isso Filosofia e Psicologia andam lado a lado.

O Existencialismo é uma corrente filosófica que desponta após os eventos da Primeira Guerra Mundial. Desenvolve-se no chamado período “entre guerras” e de certa forma afirma-se nas décadas seguintes após a Segunda Guerra Mundial, tornando-se moda (REALE; ANTISERI, 1991), principalmente vinculada aos ambientes acadêmicos e culturais parisienses e berlinenses. Emergindo da Fenomenologia, é comumente definido como a corrente que estuda, de forma a concentrar no ser humano, os temas existenciais como liberdade, morte (geralmente tratada pelos pensadores na palavra “finitude”), angústia, autenticidade, responsabilidade, escolhas pessoais, e temas conexos (REYNOLDS, 2014).

As raízes do Existencialismo encontram-se no filósofo e teólogo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855). Inclusive aqui entramos em uma questão de cunho semântica. O termo *existencialismo* foi cunhado pelo pensador francês Gabriel Marcel (1889-1973), em um tom crítico à Sartre e outros filósofos de abordagens semelhantes:

[...] O pensamento existencial degenera em existencialismo, isto é, num sistema do qual o autor se torna prisioneiro. Ali, é preciso dizer com a maior clareza que todo sistema, todo *ismo* qualquer que seja, só pode ir ao encontro do que deve ser o cuidado permanente do dramaturgo, aquele de

deixar as personagens se desenvolver em sua independência (MARCEL, 1964, p. 10, grifo do autor)<sup>2</sup>

Porém, é com Kierkegaard que inicia aquilo conhecido como corrente existencialista, ou até mesmo uma *filosofia da existência*. Segundo alguns comentadores, o termo usado por Gabriel Marcel é uma referência a uma expressão usada por Kierkegaard, no original dinamarquês *Existents-Forholdet*: “[...] vou esboçar a *relação da existência*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 83, grifo nosso).

Contraopondo o pensamento de Hegel, dominante nas academias intelectuais da Europa, Kierkegaard propõe uma abordagem relacionada ao significado da existência individual (REYNOLDS, 2014). Segundo Kierkegaard, a visão hegeliana sistemática e dialética do movimento da história não conseguiria abarcar os meandros e as dificuldades da existência humana, pois a lógica não faz aprofundamento na angústia, nos sofrimentos e nas infinitas possibilidades humanas. A própria vida de Kierkegaard é marcada por suas angústias diante de situações como seu noivado fracassado com Regine Olsen e a polêmica religiosa de um Cristianismo autêntico (pela qual travou uma guerra ideológica e literária com a Igreja Luterana da Dinamarca). Vários temas trazidos por Kierkegaard sobre o assunto podem ser relacionados, por exemplo, como as tensões de angústia no campo da sexualidade (KIERKEGAARD, 2010a), tendo em vista o desenvolvimento desse campo em nossos adolescentes, algo muitas vezes os afligindo constantemente. A própria noção de desespero, abordada pelo pensador dinamarquês, abre a possibilidade de discutir vivências do cotidiano, principalmente em tempos midiáticos, de excesso de comparação com os outros e tentativa de fuga da individualidade: “observe quem quiser se certificar dos homens do espontâneo: no momento do desespero, o primeiro desejo que lhes vêm, é terem sido ou tornaram-se outros” (KIERKEGAARD, 2010b, p. 73).

No campo da abordagem teórico-pedagógica dos currículos escolares do Brasil, o Existencialismo é situado dentro do conteúdo escolar da BNCC, de forma a interpretar as “(...) múltiplas dimensões da existência humana” (BRASIL, 2018, p. 472). Na Proposta Curricular de Santa Catarina, estado onde leciona o autor da

---

<sup>2</sup> No original: “[...] la pensée existentielle dégénère en existentialisme, c’est-à-dire en un système dont l’auteur devient prisonnier. Là, il faut le dire avec la plus grande netteté, tout système, tout *isme* quel qu’il soit, ne peut qu’aller à l’encontre de ce qui doit être le souci permanent du dramaturge, celui de laisser les personnages se développer dans leur indépendance.”

presente pesquisa, o tema do Existencialismo é situado na Unidade III “A Filosofia e seus grandes problemas”, nos seguintes tópicos: “Essência e existência” e “As soluções idealistas, materialistas e existencialistas” “A questão da morte” e “Valores: Bem, mal, felicidade, liberdade, igualdade, justiça, direitos humanos” (BRASIL, 1998, p. 42).

Alguns dos temas trabalhados pelo Existencialismo trazem à tona algumas problemáticas atuais. Segundo dados de pesquisas dos EUA, os 8,7% dos jovens daquele país sofriam de depressão em 2005, número saltado para 11,3% em 2014 (BOTELHO, 2017). Segundo estudos da UCL (AGÊNCIA BRASIL, 2019), as redes sociais elevam depressão entre garotas adolescentes, onde os sintomas manifestaram-se em 1 entre cada 4 garotas analisadas. Cada dia mais, as doenças psíquicas atingem nossos jovens, levando-os muitas vezes para vazios existenciais imensos. Balneário Camboriú, por exemplo, é uma das cidades de Santa Catarina com alto índice de suicídios entre jovens, com dados amplamente mostrados pela imprensa (BALANÇO GERAL ITAJAÍ, 2017); porém, apesar dos índices oficiais, há várias dificuldades para atividades a respeito sobre políticas de reflexão e enfrentamento a essa problemática (BRASIL, 2021).

A reflexão sobre a identidade pessoal é algo essencialmente humano (ROSA; PULINO, 2020), aparecendo em algum momento da vida. Mais além, existe a famosa pergunta “qual o sentido da vida?” nos proposta de forma natural, principalmente diante de algum grande desafio. Nesse ínterim, há também a problemática do vazio existencial, abordada mais adiante nesta pesquisa.

A ideia de pensar o sentido da vida não é atual, e também não é algo fácil de ser definido conceitualmente. Quando Aristóteles inicia sua famosa *Metafísica*, afirma: “Todos os homens, por natureza, desejam conhecer” (ARISTÓTELES, 1969, p. 36), aponta uma finalidade natural para o ser humano, culminando na *eudaimonia* (felicidade). Diversos outros pensadores trabalharam a questão do sentido na perspectiva de uma finalidade (KIYMAZ, 2019). Também não podemos deixar de mencionar a visão religiosa a respeito do sentido da vida, nas realizações de como um ser transcendente confia a cada humano ou a uma comunidade, assim como uma grande maioria assume essa ideia de sentido religioso como uma missão pessoal (BOFF, 2021).

A busca por sentido pode ser muitas vezes frustrante. Tanto a vontade de encontrar o sentido e o vazio de sentido podem causar neuroses, conflitos morais e

até mesmo espirituais. Por vezes, pessoas passam por diversas questões que fazem inclusive perder a vontade de viver (FRANKL, 2015). Pelo processo próprio biológico, os adolescentes são talvez um dos grupos mais afetados pelo questionamento sobre o sentido da vida.

Os adolescentes, durante seu desenvolvimento, são questionados constantemente para pensarem diversas realizações, muitas vezes através da pressão familiar, dos docentes e do próprio grupo de amigos. Além disso, precisam lidar com outros problemas, situações a partir de descobertas de si mesmos, e muitos pensam: para que existir? Não só os estudantes refletem sobre questões existenciais: somos bombardeados constantemente por várias reflexões sobre elas ao longo de nossa vida. É claro que, no processo de construção da identidade pessoal, os adolescentes são tocados de forma mais delicada e especial sobre esse assunto. Por isso, o papel do educador é refletir com cuidado e pensar com os estudantes os debates acerca de um possível sentido existencial.

Diante do exposto é um desafio muito grande para os professores de Filosofia trabalharem uma corrente filosófica como o Existencialismo, com temas tão delicados e caros principalmente aos jovens, seus estudantes. Apesar de promover uma existência autêntica e pregarem a autonomia do indivíduo frente ao mundo, há de se compreender que, apesar das decisões caberem única e exclusivamente ao eu, sabe-se não ser uma reflexão tão simplista assim, pois estão imbuídos no processo valores, família e pessoas conexas ao redor daqueles a quem se educa. Para tal, a presente pesquisa dissertativa se debruçou sobre essas temáticas tão delicadas, e como elas poderiam ser apresentadas aos estudantes. Sendo assim, um trabalho prático foi aplicado aos estudantes de Ensino Médio sobre escrita autobiográfica, com foco na ideia de sentido da vida, tendo como base um dos teóricos da filosofia da existência, e um autor da psicologia influenciado pela mesma corrente, produzindo uma teoria a respeito do sentido da vida.

O referencial teórico da pesquisa será a obra ***Pós-escrito às Migalhas Filosóficas***, escrita por Kierkegaard em 1846, sob o pseudônimo de Johannes Climacus. Além dela, outras obras como *O conceito de angústia* e *Doença para a morte* serão centrais para compreender o papel do indivíduo humano e possibilitar a ele a busca em si mesmo pela verdade e sentido. Também *Ponto de vista de minha obra como escritor* trará a questão da relação de Kierkegaard com a perspectiva

autobiográfica, prática esta desenvolvida com os estudantes para a confecção deste trabalho dissertativo.

Nesse interim, como exemplificar, em uma prática de ensino direcionada aos adolescentes, estes muitas vezes atordoados por pressões relacionadas ao futuro, ou diferentes angústias pessoais e familiares, a ideia de responsabilidade individual existencial? A partir daqui, para possibilitar uma leitura mais concreta, a pesquisa irá utilizar bases teóricas da psicologia existencial de Viktor Frankl, bem como o próprio exemplo de vida deste.

Leitor do Existencialismo, mas ao mesmo tempo crítico dele (FRANKL, 1986), o psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi o fundador da escola denominada Logoterapia, criada a partir de seu trabalho para conter problemas psíquicos em Viena na década de 30 e 40 (FRANKL, 2015), e aprofundada em sua terrível experiência nos campos de concentração de Auschwitz e Dachau. O segundo texto base de referencial teórico a ser utilizado nessa pesquisa é ***Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração***, escrito por Frankl em 1946, logo depois de sua libertação. Nessa obra, de caráter autobiográfico, o médico vienense faz um relato de suas condições nos campos, bem como o método pessoal que reflete a possibilidade de a pessoa dar sentido à sua existência, mesmo diante de condições exteriores consideradas imutáveis:

(...) no campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas. E havia uma alternativa! A cada dia, a cada hora no campo de concentração, havia milhares de oportunidades de concretizar essa decisão interior, uma decisão da pessoa contra ou a favor da sujeição aos poderes do ambiente que ameaçam privá-la daquilo que é a sua característica mais intrínseca – sua liberdade (...) (FRANK, 2014, p. 88).

Através da experiência do campo de concentração vivida por Frankl e como ele abriu a possibilidade de encontrar um sentido nas condições do lugar, é onde os referenciais teóricos propostos para a pesquisa se encontram. O conceito de possibilidade de Kierkegaard dialoga com o de liberdade e responsabilidade na Logoterapia (ROSA; PULINO, 2020), teoria formulada e proposta por Viktor Frankl ao meio acadêmico.

A logoterapia proposta por Frankl é a terapia baseada no sentido, pois, segundo ele, “a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua

vida” (FRANKL, 2014, p. 124), sendo esse sentido único e exclusivo do próprio indivíduo.

A vida e o exemplo de Viktor Frank foram apresentados aos estudantes, que puderam conhecer melhor sua proposta de decisões individuais mesmo em meio aos sofrimentos. Aqui se percebe uma ligação muito forte entre o pensamento de Kierkegaard e Frankl, ao evocar a individualidade na reflexão sobre a existência. Cada qual a seu modo, e principalmente a experiência da vivência profissional de Frankl e sua escola logoterápica abre um leque de possibilidades onde os conteúdos abordados para a pesquisa em sala de aula não se tornassem entristecidos, mas sim uma reflexão acerca das potencialidades e da construção diária da identidade humana e de seu sentido, mesmo diante das crises.

A reflexão continua, em sua perspectiva de fundamentação teórica, pautando suas análises no campo da investigação bibliográfica, primeiramente estabelecendo uma reflexão sobre o sentido da vida na perspectiva filosófica, passando pela Antiguidade Clássica em Aristóteles e Epicuro, adentrando na filosofia medieval, especialmente Agostinho e continuando com a ideia de crise de sentido na modernidade e contemporaneidade, focando nos conceitos clássicos do existencialismo de Søren Kierkegaard como “indivíduo”, “angústia”, “desespero”. Para auxiliar no processo de reflexão individual, a pesquisa dissertativa também bebeu das fontes vindas do psiquiatra austríaco Viktor Frankl; este trouxe uma leitura existencial sobre a busca de sentido da vida diante do sofrimento, a partir de sua própria experiência pessoal de sobrevivência no campo de concentração. A própria construção da autobiografia, bem como a visão filosófica e até mesmo hagiográfica sob o tema, é imprescindível para os resultados obtidos na atividade com os estudantes.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A anterior introdução, ao mencionar longamente o Existencialismo, quis mostrar como os pensadores dessa dita corrente, de uma forma ou outra, apontaram o caminho para pensar as possibilidades da vida e seus significados. Mesmo em reflexões muitas vezes consideradas “sem saída” do ponto de vista moral e racional, beirando o absurdo, eles revolucionaram a Filosofia, cabendo hoje, principalmente aos educadores da Filosofia, caminharem numa proposta de construção contínua do

conhecimento sobre a existência humana. Debates, leituras em grupo e dinâmicas podem ajudar os estudantes a trabalharem temas como “morte”, “liberdade”, “condição humana” e “existência” de forma tranquila e positiva. Cabe dizer do Existencialismo ser uma das correntes filosóficas com uma grande carga reflexiva para auxiliar nossos estudantes na construção de sua identidade pessoal, pois seus temas conectam-se com questões cotidianas vivenciadas pelos jovens, que os acompanharão na sua livre vivência até a finitude do seu ser.

A proposta de pesquisa não quer cair em possíveis leituras de autoajuda ou motivacionais. Pretendeu-se ter um aprofundamento teórico e aplicação prática dentro dos conceitos abordados pelos dois pensadores já citados: Søren Kierkegaard e Viktor Emil Frankl. Eles foram importantes pensadores no auxílio de um processo de busca do indivíduo, cada um a seu modo, e o diálogo entre suas leituras nos traz um recorte profundo sobre a vivência humana, tão cara aos adolescentes frequentadores das salas de aula.

O nexos entre os temas existenciais e a Psicologia é visível. Daí a necessidade de um olhar abrangente aos temas a serem trabalhados. Muitos estudantes com questões a serem resolvidas podem estar muito sensíveis em algumas reflexões, cabendo à escola como um todo estar atenta para ajudá-los. A atual pandemia de COVID-19 também nos traz elementos para a composição do presente trabalho, visto desse período estar elevando o nível de depressão e outras doenças mentais (UERJ, 2020). Nesse ínterim, o trabalho prático da presente pesquisa de Mestrado Profissional, foi a construção, por parte dos estudantes, de uma autobiografia, aplicada em 2021 no 2º ano do Ensino Médio do Colégio Anglo (Unidade Camboriú), em acordo com o referencial teórico apresentado.

Sabe-se de o papel da Filosofia não dar respostas simples aos problemas, aliás, muitas vezes nem dar respostas. A partir do Existencialismo, pode-se promover um debate saudável sobre a autenticidade e a construção identitária, mas isso acaba sendo muitas vezes sofrível para alguns. Sem cair em pessimismos, metodologias aplicadas na sala de aula podem auxiliar nossos estudantes em um processo educativo, para eles assumirem suas identidades de forma corajosa, vivendo a liberdade e debatendo constante sobre a alteridade, o respeito e uma vivência cada vez mais autêntica e segura.

## 1.2 OBJETIVOS

O presente trabalho dissertativo, a partir de seus objetivos a seguir descritos, quer responder a seguinte pergunta: *A partir de uma atividade de autobiografia, como podemos aplicar as contribuições da teoria do indivíduo em Soren Kierkegaard e do sentido da vida em Viktor Frankl, com o objetivo de auxiliar os estudantes do Ensino Médio a procurarem o próprio sentido existencial?*

### 1.2.1 Objetivo geral

Propor formas de reflexão do sentido da vida a partir das reflexões de Søren Kierkegaard e Viktor Frankl, através da construção de uma autobiografia junto aos estudantes de Ensino Médio.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- a) Descrever as ideias de sentido da vida presentes na tradição filosófica;
- b) Conceituar os conceitos kierkegaardianos de “indivíduo”, “angústia” e “desespero”, bem como a interpretação de sentido em Søren Kierkegaard;
- c) Abordar a experiência de Viktor Frankl no campo de concentração e sua busca pelo sentido
- d) Construir junto aos estudantes perspectivas de sentido da vida diante dos sofrimentos cotidianos, a partir de atividade autobiográfica;
- e) Explicitar os conceitos de autobiografia filosófica e hagiografias

## 1.3 METODOLOGIA

A presente pesquisa encontra-se vinculada em um programa de Mestrado Profissional, portanto, é necessário elucidar de forma clara suas metodologias. Sim, no plural, pois, tendo em vista a questão profissional, há um elemento de aplicação prática, exigindo então mais de uma abordagem metodológica. Além disso, temos o diálogo com um autor estudado na área da Psicologia, pedindo também um outro olhar metodológico para a pesquisa. Aqui cabe frisar de Frankl, por ter influência da Filosofia existencialista, não ser visto apenas como um autor de passagem

(FOLSCHEID; WUNENBURGER, 1997), como algum leitor poderia de início supor, mas essencial para a o trabalho realizado em sala.

Primeiramente, para trabalharmos a noção de sentido da vida na filosofia e os conceitos sobre a temática em Kierkegaard e Viktor Frankl, foi utilizada uma metodologia descritiva de cunho bibliográfico, utilizando-se de comentadores da História da Filosofia, diversos autores e dos pensadores citados. Além disso, para Viktor Frankl também foi necessária uma leitura para além do olhar filosófico, haja vista de o mesmo ter sido psiquiatra de formação e desenvolveu uma teoria no campo da Psicologia. A mesma metodologia foi utilizada na confecção dos verbetes, encontrados no apêndice desta pesquisa, lembrando de a filosofia também ser uma atividade com conceitos, e até mesmo *criação* de conceitos (GALLO, 2012).

A parte prática da pesquisa se desenvolveu na reflexão de sentido da vida operada pelos estudantes, em vistas de situações do cotidiano nas quais geralmente possam causar sofrimentos, sonhos, projetos, entre outros, utilizando-se de uma construção autobiográfica (realizada em diferentes estilos literários, como crônica, prosa, etc.). Portanto, encaixou-se melhor na aplicação, a metodologia narrativa, haja vista de as estruturas dos cursos da vida individuais terem sido questionadas (SCHUTZE, 2013). Essa metodologia baseia-se justamente nessa questão da individualidade centrada na existência humana (SAHAGOFF, 2015), o que, de alguma forma, correlaciona-se com as concepções existencialistas de Kierkegaard onde a pesquisa se apoia teoricamente. Segundo os próprios teóricos e estudiosos dessa metodologia, a escrita autobiográfica é o melhor exemplo de aplicação da metodologia narrativa:

A escrita autobiográfica é uma maneira de escrever sobre o contexto de uma vida, pode ser uma história sobre um breve instante de um evento particular. A autobiografia é sempre uma representação, um recontar, uma reconstrução particular da narrativa de um determinado sujeito (SAHAGOFF, 2015).

Por fim, nas autobiografias entregues pelos estudantes, utilizou-se a metodologia qualitativa, analisando os pormenores dos escritos, tendo em vista a questão subjetiva ali colocada, onde os sujeitos que realizaram a atividade prática têm suas histórias e nuances pessoais (MENDES, 2017). Tanto a metodologia narrativa quanto a qualitativa ficam mais claras durante o desenvolvimento do

capítulo 6, tratando a questão da atividade prática da pesquisa realizada com os estudantes.

#### 1.4 BREVE DESCRIÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa dissertativa divide-se em mais 5 capítulos: 4 de cunho teórico e 1 com conteúdo prático.

No capítulo 2, será tratada a temática do *sentido da vida* na perspectiva filosófica, abordando questões semânticas da expressão, bem como passando por pensadores criteriosamente escolhidos<sup>3</sup>, em diferentes épocas da História da Filosofia, explicitando suas teorias a respeito do sentido da vida. É um tema denso não abarcando somente um capítulo, mas pode ser utilizado para outras pesquisas acadêmicas.

O capítulo 3 trabalha a concepção de Søren Kierkegaard a respeito do sentido da vida. Ficará claro, neste capítulo, a longa introdução anteriormente feita a respeito do Existencialismo: os temas abordados pelo pensador dinamarquês em seus escritos precisam ser analisados no viés da filosofia da existência, justamente por ter sido trabalhado em sala de aula junto a essa corrente filosófica. A vida e a obra de Kierkegaard são indispensáveis para a compreensão da questão, bem como os clássicos conceitos de *angústia*, *desespero* e *fé*.

No capítulo 4 temos a rica e preciosa contribuição de Viktor Frankl a respeito do sentido da vida, tendo em vista deste ter sido o grande trabalho do psiquiatra austríaco durante sua vida. Sua biografia é apresentada, pois é a partir dela que Frankl aprofunda e contextualiza sua teoria do sentido. Também será abordada a questão da Logoterapia e o aspecto do sofrimento para compreensão do sentido.

A discussão do capítulo 5 é relacionada à autobiografia na Filosofia. Esse capítulo foi deixado propositalmente após as concepções de sentido da vida justamente para preparar a discussão sobre a prática. Também há um subtítulo dedicado às hagiografias, pois suas nuances também interessam na composição do trabalho e na discussão sobre a prática realizada.

---

<sup>3</sup> Aqui cabe uma pequena explanação, justificando o exposto. A ideia de sentido é amplamente debatida na filosofia, e o pesquisador desta dissertação necessitou escolher, dentro da História da Filosofia, autores que pudessem dialogar nas temáticas apresentadas por Kierkegaard e Frankl, além daqueles produtores de autobiografias.

O capítulo 6 é dedicado todo para apresentar a atividade prática do Mestrado Profissional. Primeiramente a descrição das aulas dadas sobre Existencialismo no Colégio Anglo em 2021, depois a apresentação de Kierkegaard e Frankl aos estudantes, a discussão sobre o sentido da vida com eles e a proposta de trabalho da autobiografia. Esta também foi analisada através dos relatos entregues pelos adolescentes envolvidos no projeto.

Além das considerações finais e das referências bibliográficas, o presente trabalho traz alguns verbetes essenciais para a compreensão teórica, as páginas do livro didático da Somos Educação utilizado em sala de aula para a introdução do conteúdo e duas das vinte autobiografias do trabalho prático realizado, uma digitada e outra manuscrita. Cabe frisar de ter sido uma orientação da coordenação pedagógica do Colégio Anglo apenas algumas autobiografias terem sido escaneadas nessa pesquisa de forma completa, a fim de proteger dados pessoais e situações sensíveis que poderiam ser interpretadas pelos leitores da dissertação.

## 2 O SENTIDO DA VIDA NA TRADIÇÃO FILOSÓFICA

O filósofo Sócrates (470 a.C. – 399 a.C.), quando enfrentava seu julgamento em Atenas, ao ser acusado de corrupção da juventude e ateísmo, disse aos seus acusadores e juízes que uma “[...] vida sem exame não é vida digna de um ser humano” (PLATÃO, 1972, p. 28). De certa forma, Sócrates via suas ações de questionamentos na *ágora* como uma determinada missão, ou, até mesmo, um sentido para viver. Deve-se lembrar dele tender a fazer isso através da sua própria mãe Fainarete, uma parteira. Sócrates então, viu sua vida direcionada a também ser um parteiro, mas de ideias (PLATÃO, 2010).

Mesmo tendo o exemplo de Sócrates, não só em suas falas, mas também em suas ações, a questão do sentido da vida dentro da História da Filosofia não é tão simples assim em ser abordada. O tema do sentido obviamente perpassa a tradição filosófica, mas não é algo consensual em ser discorrido e definido, conforme escreveu o professor Tufan Kıymaz (2019), da Universidade de Bilkent na Turquia. Segundo esse autor, muitos pensadores da tradição filosófica tiveram diferentes questões para abordar o mesmo problema, tais como:

O que, se é que existe alguma coisa, torna uma vida significativa?” [...]; “Sobre o que é tudo isso?” “Qual é (são) o(s) propósito(s) da vida (minha vida)?” “O que torna a vida valiosa?” “O que faz a vida valer a pena e não irremediavelmente fútil?” “O que torna a vida significativa?” “Uma vida em particular alcança um bom propósito?” “O que faz a vida valer a pena?” [...]; “Qual é o propósito da existência humana?” “O que devemos buscar?” “Quais fins (se houver) realmente valem a pena?” [...]; “Qual é a utilidade da vida de um homem?” “Em que condições a vida de um homem tem alguma utilidade?” [...]; “A vida humana vale a pena?” “A vida humana tem (ou pode) algum significado?” [...]; “Para que serve tudo isso?” “Por que estou aqui?” “Qual é o sentido disso tudo?” [...]; “A vida tem um propósito ou objetivo?” “A vida tem algum valor?” “Minha vida significa alguma coisa?” [...]; “Por que viver?” “Por que vale a pena viver?” [...]; e muitas outras variações. (KIYMAZ, 2019, p. 147)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> No original: “What, if anything, makes a life meaningful?” [...]; “What is it all about?” “What is (are) the purpose(s) of life (my life)?” “What makes life valuable?” “What makes life worthwhile and not irredeemably futile?” “What makes life significant?” “Does a particular life achieve a good purpose?” “What makes life worth living?” [...]; “What is the purpose of human existence?” “What should we seek?” “What ends (if any) are really worthwhile?” [...]; “What is the use of a man’s life?” “Under what conditions is a man’s life of some use?” [...]; “Is human life ever worthwhile?” “Does (or can) human life have any meaning?” [...]; “What is it all for?” “Why am I here?” “What is the point of it all?” [...]; “Does life have a purpose or point?” “Does life have some value?” “Does my life signify something?” [...]; “Why live?” “Why is life worth living?” [...]; and many other variations.

Porém, as questões anteriores, mesmo sendo diferentes em alguns aspectos, unem-se no modo de ver a vida como tendo um propósito, seu valor e sua utilidade. Aliás, o próprio termo *sentido*, na perspectiva filosófica, abre um leque enorme de possibilidades. Abbagnano (1999) traz o termo *sentido* como o mesmo de *significado*, e este último possui 5 pontos de definição: a) uso na linguagem, b) emoção ou estímulo, c) intenção do falante, d) intenção imagética, e) vetor ou disposição. Lalande (1999) coloca a segunda ideia do termo *sentido* como “valor” ou até mesmo “alcance”. A problemática continua se abrirmos a discussão para a expressão *sentido da vida*, e, propriamente no conceito *vida* este trabalho dissertativo não conseguiria abarcar a totalidade das definições sobre o termo, bem como todas as questões correlatas. Kiyamaz (2019) trata dessa dificuldade, focando apenas sobre *significado*, colocando, a partir das questões anteriormente apresentadas, como *propósito da vida* ou, até mesmo, *denotar uma importância sobre a vida*.

Grande parte das teorias do sentido abordam a questão do *finalismo*, ou, a doutrina que trata da causalidade do fim, conforme veremos dentro da concepção aristotélica, e os léxicos de filosofia tratam o termo *fim*, por exemplo, do seguinte modo: “[...] a própria coisa que se pretende realizar, o objetivo; [...] a ideia do objetivo, a intenção; [...] o sentido para o qual uma tendência se dirige” (LALANDE, 1999, p. 411); “[...] intuito ou alvo, ou seja, fim em seu aspecto subjetivo, como aquilo onde se tem em mira certa intenção, mas pode ser diferente do alvo atingido na realidade” (ABBAGNANO, 1999, p. 457).

Dito isto, observa-se de grande parte dos pensadores colocarem a questão do sentido dentro da perspectiva de fim ou finalidade. Assim, pressupõe-se uma preocupação atual a respeito do sentido foi abarcada pela questão do finalismo:

Colocar a questão do sentido em termos de “fim” é o modo como procedeu a grande tradição filosófica. Essa não fala, como nós, em “sentido da vida”, mas em “fim último” ou “fim supremo” do homem. No fundo, é a mesma coisa, apenas os contextos são diferentes e, por isso, também as conotações. De fato, perguntar sobre o sentido da vida é o mesmo que perguntar se ela tem um final bom e feliz (BOFF, 2014, p. 13).

Kiyamaz (2019) e Boff (2014) trazem a questão do sentido para além do sentido de finalidade. Há também as ideias de valor<sup>5</sup>, direção e até mesmo destino. Além disso, também é importante frisar da questão do sentido ser diferente nas diversas abordagens científicas, como é o caso da ideia psicológica do sentido da vida:

[...] é o significado percebido da vida de alguém do ponto de vista de alguém. É “o *conhecimento da* ordem, coerência e propósito na existência de alguém, a busca e obtenção de objetivos valiosos e um sentimento de realização que o acompanha” (REKER; WONG *apud* KIYMAZ, 2019, p. 149, grifo do autor)<sup>6</sup>

Nesse interim, podemos perceber alguns pensadores que elaboraram teorias e escritos a respeito desses temas. Passando por concepções naturalistas e metafísicas, a questão do sentido é um tema filosófico tomando contornos bastante fortes com o advento da Psicologia nos séculos XIX e XX, haja vista desta ciência ter bebido de fontes filosóficas, como é o caso dos teóricos deste trabalho dissertativo: Søren Kierkegaard, considerado precursor do Existencialismo e Viktor Frankl, inspirado na filosofia existencialista (tanto de forma positiva quanto negativa) para elaborar sua teoria psicológica do sentido (FRANKL, 2020).

A partir de agora, concentrarei a questão do sentido na tradição filosófica dentro da Antiguidade Clássica, falando de Aristóteles e Epicuro, para tratar do mesmo tema na Filosofia Medieval, principalmente em Santo Agostinho e refletir sobre esse tema na visão da crise de sentido exposta durante os períodos Moderno e Contemporâneo. Este último período também aparece nos capítulos 3 e 4, pois refletem a ideia de sentido em Kierkegaard e Frankl.

## 2.1 O SENTIDO DA VIDA NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Como foi exposto, as questões envolvendo a ideia de sentido da vida na Filosofia são inúmeras. Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) tratou dessa temática a partir da ideia de *τέλος* (*télos*), em sua obra *Ética à Nicômaco*, escrita nos últimos períodos

---

<sup>5</sup> Lembremos de Camus: “Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (CAMUS, 2019, p. 13).

<sup>6</sup> No original: [...] is the perceived meaningfulness of one’s life from one’s point of view. It is “the *cognizance of* order, coherence, and purpose in one’s existence, the pursuit and attainment of worthwhile goals, and an accompanying sense of fulfillment.”

de sua vida (PHILIPPE, 2002). Conforme aponta a professora Martha Nussbaum, da Universidade de Chicago, o *télos* pode ser compreendido como "o propósito ou objetivo para o qual algo é feito" (NUSSBAUM, 2001, p. 58):

Voltemos novamente ao bem que estamos procurando e indaguemos o que é ele, pois não se afigura igual nas distintas ações e artes; é diferente na medicina, na estratégia, e em todas às demais artes do mesmo modo. Que é, pois, o bem de cada uma delas? Evidentemente, aquilo em cujo interesse se fazem todas as outras coisas. Na medicina é a saúde, na estratégia a vitória, na arquitetura uma casa, em qualquer outra esfera uma coisa diferente, e em todas as ações e propósitos é ele a finalidade; pois é tendo-o em vista que os homens realizam o resto. Por conseguinte, se existe uma finalidade para tudo que fazemos, essa será o bem realizável mediante a ação; e, se há mais de uma, serão os bens realizáveis através dela. (ARISTÓTELES, 1991, p. 11).

Qual então seria esse propósito/finalidade da vida humana para Aristóteles? O filósofo estagirita afirma que "a felicidade é, portanto, algo absoluto e autossuficiente, sendo também a finalidade da ação" (ARISTÓTELES, 1991, p. 13), logo, ela é então o *télos*, o fim último das atividades humanas, não um fim particular e ou intermediário (PHILIPPE, 2002). Todo o agir humano direciona-se à felicidade, alcançada através da prática das virtudes. A felicidade não é um estado passageiro ou uma emoção momentânea, mas sim uma atividade constante, exigindo a prática das virtudes. Além disso, a felicidade não pode ser alcançada individualmente, mas sim em comunidade: "o ser humano é por natureza um animal social e, por isso, a vida em comunidade é essencial para a realização do *télos* humano" (NUSSBAUM, 2001, p. 114)

Outro pensador que tratou da questão do sentido da vida ligado à felicidade foi Epicuro (341 a.C.–270 a.C.). Este filósofo do período helenístico defendeu de a felicidade consistir em uma vida tranquila e serena, livre das perturbações que afetam a alma. Para alcançar essa tranquilidade, ele propôs uma filosofia baseada na busca pelo prazer moderado e na eliminação das perturbações mentais:

[...] é preciso praticar as coisas que produzem a felicidade, no caso dela estando presente, tudo temos, mas estando ausente, tudo fazemos para obtê-la. (EPICURO, 2002, p. 35)

Segundo o filósofo francês Pierre Hadot (1922-2010), em sua obra *Epicuro e as Bases do Epicurismo*, "a filosofia de Epicuro não é uma apologia do prazer e da indolência, mas sim um convite a uma vida responsável e consciente, em que a

busca pela felicidade é orientada pela sabedoria e pela ética" (HADOT, 1999, p. 62). Assim, a filosofia de Epicuro propõe uma vida de moderação e reflexão, na busca da felicidade duradoura através do equilíbrio entre os prazeres imediatos e os prazeres duradouros. A felicidade para Epicuro é a principal motivação da existência humana (SOUSA, 2022).

## 2.2 O MUNDO MEDIEVAL E O SENTIDO EM DEUS

O paradigma alterado sob o advento do Cristianismo na história nos remete a uma nova reflexão sobre a questão de uma vida com sentido. As religiões sempre pautaram isso de forma muito incisiva, até porque, o fato de acreditar em um Transcendente parece algo obrigatoriamente orientando para uma vida com significado e propósito. Na linha do proposto por Kiyamaz (2019), podemos chamar de *teorias sobrenaturais do sentido*, e estas também orientam para um conceito de infinito. Dentro da concepção filosófica e teológica cristã, a questão do sentido está intimamente ligada com uma orientação rumo ao Deus, ou até mesmo um retorno a Ele (pensando como uma espécie de caminho perdido pelo pecado original) (BOEHNER; GILSON, 2003).

A filosofia cristã medieval, no caso, a Patrística e a Escolástica, construiu variadas teorias do sentido da vida. Pensadores como Boécio (480-525), Tomás de Aquino (1225-1274) e Guilherme de Ockham (1285-1347), dentre outros, trouxeram abordagens significativas sobre o sentido da vida. Boécio, por exemplo, trouxe uma abordagem interessante, colocando a palavra *destino* na visão sobre a vida. A vida entrelaça-se numa relação entre a Providência, vinda de Deus, e o Destino, vindo das coisas. O ser humano, quando se distancia de Deus, entrega-se aos desígnios do destino, mas ao se aproximar do Criador, faz a vida moldar-se à necessidade divina (BOEHNER; GILSON, 2003). A Providência precede o Destino, onde propósito de vida do ser humano orienta-se junto de Deus.

Não entraremos aqui em todas as concepções específicas, mas sim brevemente na questão do sentido em Agostinho de Hipona, haja vista de o mesmo inclusive ter escrito uma autobiografia relacionada a isso, metodologia de interesse desta pesquisa científica.

### 2.2.1 As *Confissões* de Agostinho como autobiografia de sentido

Aurélio Agostinho (354–430), popularmente conhecido como Santo Agostinho de Hipona no catolicismo, escreveu por volta do ano 400 uma de suas obras mais conhecidas: *Confissões*. Esse escrito pode ser considerado uma autobiografia do sentido, pois o autor se propõe a revelar sua própria trajetória em busca de um sentido para sua vida. A obra é dividida em treze livros e cada um deles aborda um período específico da vida de Agostinho, desde sua infância até sua conversão ao cristianismo:

Em consonância com o duplo sentido da palavra “confessio”, a obra resume-se num reconhecimento sincero das próprias fraquezas humanas (aspecto autobiográfico) e numa exaltação entusiástica da bondade e da providência divinas (aspecto teológico, frequentemente descurado. (BOEHNER; GILSON, 2003, p. 140).

Nessa obra, Agostinho aborda a importância da busca pela verdade como um caminho para a felicidade e a realização pessoal. Para ele, a verdadeira felicidade só pode ser alcançada por meio da contemplação e união com Deus, a fonte de toda a verdade. Segundo o autor, “Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (AGOSTINHO, 1980, p. 34).

Essa busca pela verdade de Deus não é exterior. Deve ser feita dentro de si mesmo. O pensamento de Agostinho, na linha platônica, rejeita a visão de mundo corpóreo (BOEHNER; GILSON, 2003), então o ser humano precisa voltar-se para si. Diz o filósofo na sua autobiografia:

Eis o espaço que percorri através da memória, para Vos buscar, Senhor, e não Vos encontrei fora dela. Nada encontrei que se referisse a Vós de que não me lembrasse, pois, desde que Vos conheci, nunca me esqueci de Vós. Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, a mesma Verdade. Desde que a conheci, nunca mais a deixei esquecer. Por isso, desde que Vos conheci, permaneceis na minha memória, onde Vos encontro sempre que de Vós me lembro e em Vós me deleito. São estas as minhas santas delícias, que, por vossa misericórdia, me destes, ao olhades para a minha pobreza. (AGOSTINHO, 1980, p. 231)

Agostinho vê o sentido da vida como “uma união de amor com Deus” (BOURKE, 1955, p. 174). Essa união não é apenas um estado de contemplação passiva, mas sim um caminho ativo de busca pela santidade e pela transformação

pessoal, com o objetivo de alcançar a felicidade eterna junto a Deus. Sua obra *Confissões*, conforme dito, destaca essa longa caminhada pessoal do pensador africano, e o mesmo faz essas descrições abordando seus sofrimentos e conversão rumo ao sentido de união com Deus.

Como sendo uma das autobiografias mais antigas do mundo, Agostinho não se limita a uma simples narração de eventos: ele emprega uma linguagem expressiva e criativa. A prosa vista no texto é eloquente e repleta de emoção, transformando a obra *Confissões* não apenas em uma reflexão teológica, mas também em uma notável realização literária, perdurando até os dias atuais (REALE, 1990). Por isso, foi importante destacar essa obra-prima nesta pesquisa, haja vista de o gênero literário da autobiografia também passar por uma ressignificação de acontecimentos passados, como fez Agostinho principalmente a respeito de sua vida pré-conversão. A questão relacionada à autobiografia em uma perspectiva filosófica será tratada com mais afinco no capítulo 5 desta pesquisa.

### 2.3 A CRISE DE SENTIDO DENTRO DA MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE

A Reforma Protestante, iniciada oficialmente em 1517 com as manifestações e publicações de Martinho Lutero, trouxe à tona uma nova forma de pensar do seu contexto de época, o Humanismo. A relação com a religião, principalmente a cristã, foi alterada, e várias concepções foram ressignificadas. A racionalidade instrumental, principalmente nas Revoluções Industrial e Francesa, o debate e a fragmentação do conhecimento (FRANKL, 2015), questionaram os referenciais tradicionais de sentido, principalmente os oriundos da fé religiosa.

A base de pensar o sentido torna-se então secular e racional. René Descartes (1596-1650) traz a questão do autoconhecimento e busca pela razão: há um caminho para a ciência e uma ordem lógica na vida para tal (DESCARTES, 2021). Sua visão do *cogito* é, de alguma forma, colocar a razão como a centralidade de toda a vida.

A modernidade trouxe consigo um progresso científico e tecnológico sem precedentes, trazendo mudanças profundas na forma como percebemos o mundo (HOBBSAWN, 2015). A citada racionalidade instrumental, característica desse período, privilegiou a busca por eficiência e controle, relegando valores e questões

existenciais a um segundo plano. Nesse contexto, tradições religiosas e sistemas de valores pré-estabelecidos foram enfraquecidos, deixando um vácuo de significado (NIETZSCHE, 2011).

A Segunda Guerra Mundial provocou profundas reflexões em todo o mundo sobre a vida e a morte. No pensamento de Viktor Frankl, um dos teóricos deste trabalho, isso será mais abordado. Como visto na introdução, a filosofia existencialista emergiu no pós-guerra como uma resposta à angústia e ao vazio existencial do homem moderno. Autores como Albert Camus e Jean-Paul Sartre exploraram o tema do absurdo da existência humana, destacando a falta de sentido intrínseca à vida. Diante dessa condição, os indivíduos são confrontados com a liberdade radical de criar seu próprio sentido, enfrentando o desafio de encontrar significado em um mundo aparentemente desprovido dele (SARTRE, 1973). Vários outros pensadores na contemporaneidade também expuseram temáticas a respeito da relação entre como o ser humano diante de si mesmo e do seu sentido, e destaco aqui duas abordagens inclusive divergentes: Guy Debord (1931-1994) e Byung-Chul Han (1959 - ).

Debord argumenta de a sociedade moderna ter tornado-se uma espetacularização da vida, na qual a cultura, a política e o consumo são mediatizados, transformando a experiência em uma série de imagens e espetáculos. Nesse contexto, o indivíduo perde a capacidade de experienciar diretamente o mundo e acaba alienado em uma realidade superficial, marcada pela alienação e pelo vazio existencial. Ele critica a sociedade do consumo e a cultura de massa, que se concentra em uma busca constante por prazeres efêmeros, desviando a atenção das questões mais profundas do sentido da vida. A busca incessante por prazer imediato, o consumismo desenfreado e a exposição constante às imagens (por isso o termo *Sociedade do Espetáculo*, título de seu livro mais famoso e ficou popularizado) e informações têm contribuído para a alienação do indivíduo em relação a si mesmo e à sua busca por sentido (DEBORD, 1997). A valorização do *ter* em detrimento do *ser* dificulta a reflexão profunda e o encontro de um propósito para além das aparências.

Byung-Chul Han, por outro lado, explora questões relacionadas ao isolamento, à sociedade do desempenho e à cultura do positivismo, destacando da cultura contemporânea da positividade e do excesso de informação criar uma pressão constante sobre os indivíduos, levando à chamada *sociedade do cansaço*

(termo que, similarmente a Debord, é o título do livro mais famoso de Han que se tornou popular em sua teoria). Nesse contexto, a busca frenética por autossuperação e produtividade resulta em um vazio interior, na medida em que a necessidade de autenticidade e reflexão é substituída pela busca por um "eu" performático: “frente ao eu-ideal, o eu real aparece como fracassado, acossado por suas autorreprimendas. O eu trava uma guerra consigo mesmo” (HAN, 2017, p. 102). Han argumenta da hiperconectividade e o excesso de informação terem levado a um isolamento paradoxal, uma vez de os indivíduos terem se tornado cada vez mais auto-exigentes e auto-exploratórios, mas ao custo de uma conexão genuína com os outros.

Embora atuem em contextos diferentes, Debord e Han compartilham uma preocupação com a busca pelo sentido existencial em um mundo cada vez mais dominado por uma cultura de superficialidade, alienação e pressão constante. Ambos convidam os indivíduos a refletirem sobre suas vidas, relacionamentos e a natureza da sociedade moderna, buscando uma compreensão mais profunda do sentido da existência em um contexto em constante mudança, que, na perspectiva de ambos, trazem, por exemplo, a questão da depressão, vista a seguir.

### 2.3.1 A questão da depressão e do suicídio na perspectiva do sentido da vida

É difícil não se falar sobre a questão do sentido sem envolver dois temas, que são por vezes extremamente delicados e polêmicos: a depressão e o suicídio.

A depressão é uma doença com uma ampla variedade de quadros, mas geralmente está ligada à falta receptação de diversas substâncias no cérebro: serotonina, dopamina, adrenalina e noradrenalina (DUNKER, 2021). É a maior causa de suicídios do mundo, e o Brasil é o país em desenvolvimento com maior número de deprimidos (OLIVETO, 2011). A filosofia se preocupou, ao longo da sua tradição, em compreender a natureza da depressão, questionando se é uma condição puramente biológica ou se está enraizada em aspectos existenciais e filosóficos da vida humana. Muitos pensadores examinaram o problema do sofrimento e o associaram à depressão, e como isto se relaciona com a condição humana (FRANKL, 2020).

Dentro da perspectiva desta pesquisa, podemos perceber da depressão, de certa forma, colocar um vazio existencial e a perda do sentido da vida. O ser

depressivo perde seu horizonte de possibilidades (BOFF, 2021). O que ele tinha, ele perde, talvez a maior perda: de si mesmo e do que poderia ser:

[...] a perda não só de um objeto amado e externo, mas talvez de um objeto interno, de algo dentro de si mesma, algo de si mesma, em uma palavra, de uma ilusão. Sim, o deprimido está triste não só por ter perdido o que tinha, mas sobretudo por ter perdido o que era, e eu diria mesmo por ter perdido a ilusão que lhe dava força para ser o que era (NASIO, 2022)

Aqui cabe frisar da citação trazer o panorama da desilusão. Por que o ser humano se ilude? Com sua própria vida? O sentido da vida seria então uma ilusão? Precisamos pensar o termo *ilusão* não visto de forma totalmente negativa, mas sim, como frisa Nasio (2022) como uma projeção do que se quer ou que se foi.

Um dos temas mais correlatos com a questão do sentido da vida, principalmente no período contemporâneo, é o do *suicídio*. De forma conceitual, é como causar a si mesmo a morte, de forma voluntária (LALANDE, 1999). Ele é um tema extremamente controverso, até mesmo dentro da Filosofia, e sabe-se de um tabu social muito grande para falar do assunto. Abbagnano (1999), por exemplo, diz da maioria dos filósofos condenar essa prática. Apesar disso, diz Albert Camus: “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio” (CAMUS, 2019, p. 13). A perda de razão em viver e os questionamentos sobre uma vida com significado são um dos motivos para o cometimento de muitos suicídios (ASSUMPÇÃO, 2021).

Nos dados da OMS de 2019, é a 2ª maior causa de morte entre jovens de 15 a 19 anos (ASSUMPÇÃO, 2021). A pandemia de COVID-19 causou recentemente um impacto substancial, onde grupos minoritários tiveram um aumento nos casos de suicídio (ORELLANA et. al., 2021). Há uma interessante linha de reflexão da pandemia ter trazido um novo prisma para olhar as doenças psíquicas e os casos de suicídio, até porque construiu para essa geração um novo significado de ver a vida e as pessoas à sua volta (NASIO, 2022).

Na Filosofia o tema do suicídio aparece em muitos autores como Platão, Aristóteles, Diógenes, Epiteto, Cícero, Sêneca, Plotino, Agostinho, Hume, Locke, Rousseau, Voltaire, Diderot, Schopenhauer, Marx, Durkheim, Sartre, Camus, Cioram, entre outros. É possível que o tabu, principalmente religioso sobre o assunto, possa ter influenciado nos textos ao longo da história sobre o assunto. Vamos ao exemplo de Agostinho a respeito da temática.

Agostinho trabalha a ideia de suicídio em sua obra *A cidade de Deus*, publicada por volta de 426. Ao refletir sobre o suicídio de Judas Iscariotes, discípulo de Jesus, visto em Mateus 27,3-6, e também do suicídio do político romano Catão, o Jovem (95 a.C.–46 a.C.), o filósofo condena essa atitude:

Porque é pois que o homem que nenhum mal causou, contra si o vai causar? Porque é que com a sua própria morte vai ele executar um inocente para não suportar um culpado? Porque é que vai cometer na sua própria pessoa um pecado próprio para evitar que nela se cometa um pecado alheio? (AGOSTINHO, 1996, p. 149)

Há um outro exemplo curioso de Agostinho sobre suicídio: Lucrecia, uma nobre romana estuprada por Sexto Tarquínio, filho do rei de Roma, Tarquínio o Soberbo. Esse episódio foi o estopim para a derrubada do rei e a instalação da República Romana em 509 a.C. (VAN LOON, 2004). O fato de Lucrecia ser casada com o cônsul Lúcio Tarquínio Colatino, deixou ela, depois do episódio infame, com um grave sentimento interior, principalmente a respeito de desonra e possível adultério. Por isso, teria cometido o suicídio. Como ela era inocente do adultério, ao cometer o suicídio, segundo Agostinho, ela teria acentuado a ideia de adultério, mesmo não o tendo feito. Por isso, suicidando-se, ela acabou matando uma inocente (ela mesma), incorrendo em um grave erro: “Ela, a tão exaltada Lucrecia, ela sim, é que matou uma Lucrecia inocente, casta e, para mais, vítima de violência” (AGOSTINHO, 1996, p. 154).

Na contemporaneidade, temos autores como Arthur Schopenhauer (1788-1860), Karl Marx (1818-1883), e Émile Durkheim (1858-1917), que abordaram a questão do suicídio com pormenores, onde os dois últimos inclusive tiveram textos intitulados a respeito do suicídio.

Schopenhauer, influenciado pela filosofia budista, diz de a vida ser permeada pelo sofrimento, sendo o suicídio uma forma de escapar disso. Mas, segundo ele, a morte não dará fim ao sofrimento, ocasionado pela “Vontade de Viver”, uma força cega e insaciável que nos impulsiona a buscar satisfação. Mas essa “vontade” não é física: logo, ela não é destruída pelo suicídio. A verdadeira libertação do sofrimento e a busca de sentido estão na negação da Vontade de Viver, no reconhecimento da futilidade das paixões mundanas e na busca de um estado de tranquilidade e desapego:

Tal libertação do conhecimento eleva-nos tão completamente sobre tudo isso quanto o sono e o sonho. Felicidade e infelicidade desaparecem. Não somos mais indivíduo, este foi esquecido, mas puro sujeito do conhecimento. Existimos tão-somente como olho cósmico UNO, que olha a partir de todo ser que conhece, porém só no homem tem a capacidade de tornar-se tão inteiramente livre do serviço da Vontade (SHOPENHAUER, 2005, p. 269).

Karl Marx escreveu em 1846 um pequeno artigo sobre o assunto, tratando o suicídio como um “[...] sintoma da desorganização deficiente de nossa sociedade” (MARX, 2006, p. 24). Ele elenca uma tabela organizada pelo arquivista Jacques Peuchet (1758–1830) sobre os suicídios em Paris no ano de 1824, algo que, muitos anos depois, em 1897, um outro estudioso do assunto irá se debruçar e ampliar: Émile Durkheim, no seu famoso tratado sobre o assunto. Ambos, Marx e Durkheim analisam a questão dentro de uma perspectiva social (DURKHEIM, 1973) e econômica, pouco focando na questão individual. Esse pertencimento do ser humano à sociedade é crucial para a compreensão da perspectiva de suicídio tanto em Marx quanto em Durkheim. Marx (2006) inclusive analisa dos casos de suicídio observados por Peuchet serem maiores dentro de doenças como a depressão, e também sabe pairar uma grande obscuridade mesmo diante de fatos e dados do assunto:

Como se explica que, apesar de tantos anátemas, o homem se mate? É que o sangue não corre do mesmo modo nas veias de gente desesperada e nas veias dos seres frios, que se dão o lazer de proferir todo esse palavrório estéril. *O Homem parece um mistério para o Homem; sabe-se apenas censurá-lo, mas não se o conhece.* (MARX, 2006, p. 26, grifo do autor)

Os pormenores de suicídio vistos por Agostinho, Schopenhauer e Marx servem como uma forma de ajudar a interpretação da temática de sentido da vida proposta por Kierkegaard, um dos teóricos desta pesquisa; isso se justifica pela questão religiosa (Agostinho) e também por seus contemporâneos, leitores e críticos de Hegel (Schopenhauer e Marx).

Com relação à Viktor Frankl, o outro teórico desta pesquisa, temos o pano de fundo a respeito do tema retornar com força durante o período pós-Segunda Guerra, como citado anteriormente. A relação do absurdo da vida, principalmente posta por Camus (2019) faz a questão do suicídio ser um problema filosófico de uma grande necessidade de atenção, haja vista de a Psicologia já estar em plena construção e refletindo sobre. Frankl trabalhou no assunto antes mesmo de Camus,

inclusive em abordagens práticas terapêuticas (veremos no capítulo 4), mas a turbulência no conflito bélico solidificou sua teoria.

Na aplicação prática deste trabalho, também se notou entre os estudantes avaliados a citação sobre o assunto, por isso, apesar da delicadeza em ser abordado, ele não pode ser deixado de lado. Ao falar de sentido da vida, muitos automaticamente remetem à questão da possibilidade de continuar ou não vivendo. Essa situação será exposta com mais clareza no capítulo 6 desta pesquisa, com os resultados das autobiografias.

O capítulo seguinte agora versará sobre as ideias centrais de Søren Kierkegaard e como estas se entrelaçam com a questão do sentido da vida.

### 3 O SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA DE SØREN KIERKEGAARD

#### 3.1 UMA BIOGRAFIA AGITADA COM SENTIDO

O filósofo Søren Kierkegaard nasceu em 5 de maio de 1813, em Copenhague, na Dinamarca, filho de Ane e Michael Kierkegaard. A presença do seu pai é importante no seu pensamento, principalmente na questão religiosa, pois incutiu no filho uma forma de refletir o Cristianismo com variados sentimentos de culpa, pecado e sacrifício. Em 1840 fica noivo de Regine Olsen (1822-1904), filha de um alto funcionário do Estado dinamarquês, e rompe no ano seguinte, marcante para sua obra e vida (FARAGO, 2006). O noivado foi apenas uma das variadas polêmicas de sua vida: escrevia de forma pseudonímica, criando diversos personagens, confundindo os grupos literários de Copenhague (STEWART, 2017); foi vítima de uma calúnia do jornal *O Corsário*: o filósofo, de forma paradoxal, não aceitou uma resenha primeiramente positiva do periódico a respeito de um escrito, e, por fim, o folhetim iniciou uma série de ataques com charges o ridicularizando na sociedade de Copenhague (FARAGO, 2006); e teve um célebre embate com a Igreja Luterana, pois, em sua perspectiva, ela não representava o Cristianismo autêntico, sendo apenas uma instituição de Estado e corrompida (KIERKEGAARD, 2021), utilizando de escritos religiosos, bem como de críticas direcionadas à membros do clero (BACKHOUSE, 2019).

Tornou-se no ano de 1841 mestre em Teologia pela Universidade de Copenhague, com uma tese sobre a ironia em Sócrates (KIERKEGAARD, 2006), e alguns meses depois embarca para Berlim, frequentando os cursos de Schelling sobre Hegel, numa plateia onde também se encontrava Mikhail Bakunin, Friedrich Engels, Alexander von Humboldt, já citado David Strauss, entre outras personalidades filosóficas (LE BLANC, 2003). No início seu pensamento tinha vínculos fortes com o hegelianismo, mas depois o aborda criticamente, sem nunca se afastar de muitos dos conceitos de Hegel (PROTASIO, 2014). Essa crítica paradoxal é muito forte em seus escritos críticos contra a Igreja Luterana. Morreu em 11 de novembro de 1855, acometido de uma paralisia, em meio à polêmica com a Igreja Luterana. Seu funeral foi um escândalo público, com a Igreja de Nossa Senhora lotada de curiosos para ver como os clérigos se comportariam com seu maior crítico, passando pelo constrangimento do irmão bispo Peter Kierkegaard

tendo de tocar no assunto durante o culto fúnebre, e culminando com seu sobrinho Henrik Lund lendo trechos das críticas do tio à Igreja em meio ao protesto do deão Tryde, que fazia a encomendação do caixão no cemitério (BACKHOUSE, 2019).

### 3.2 PENSAR A SI MESMO NA EXISTÊNCIA

Kierkegaard não possui uma teoria clara a respeito do sentido da vida. Porém, seus escritos acabam promovendo uma reflexão sobre isso, justamente pelo fato de pensadores posteriores que realmente debateram a ideia de *sentido* terem lido e debatido sua obra.

Para pensar a questão do sentido, é necessário recorrer à ideia de racionalidade, criticada por Kierkegaard, mas isso não faz do pensador ser um irracionalista (CRUZ, 2021). Sua crítica à racionalidade tem elementos evocados a partir de Agostinho e Pascal, no sentido desta capacidade pretender ser a totalidade sobre o humano, alheando a individualidade. Para o pensador, uma das grandes responsáveis por esse esquecimento do que é realmente um ser humano individual foi a filosofia de Hegel (PAULA, 2009). Kierkegaard foi primeiramente fascinado pela concepção de Hegel a respeito do ser humano, mas depois afastou-se da mesma. Sobre isso, escreveu, entre 1842 e 1843, uma obra intitulada *De omnibus dubitans est* (traduzido do latim como *É preciso duvidar de tudo*), onde, em uma forma romanceada, conta a história de Johannes Clímacus, nome este que servirá de pseudônimo para diversas obras suas. Nessa obra, Johannes é um hegeliano, fascinado pela problemática do sistema, da comunidade. Porém, aqui Kierkegaard já começa a afastar-se do pensamento de Hegel, provavelmente decepcionado com os cursos que frequentou de Schelling em Berlim:

Que o indivíduo pudesse tomar consciência do eterno, isso decerto conseguia entender, e esta tinha sido a intenção de uma filosofia anterior, se é que tal existira, mas tornar-se consciente em toda a concreção histórica, mesmo por esse padrão, e não apenas no que se refere ao que passou, isso, para ele, estava reservado para a eternidade (...) a eternidade só estava presente no tempo de uma forma abstrata (KIERKEGAARD, 2003, p. 56).

No texto citado mostra claramente o personagem Clímacus diante de um sistema que quer englobar até mesmo a eternidade. Clímacus é um Hegel, faz filosofia a partir da dúvida, de modo totalmente racional e idealista. Nesse ínterim, a

filosofia de Kierkegaard, dando origem, como vimos, à costumeira escola filosófica do “Existencialismo”, vai de encontro à sistematização: “Um sistema da existência não pode haver (...) Existência é o que abre espaço, que aparta um do outro; o sistemático é a completude, que reúne” (KIERKEGAARD, 2013, p. 124).

Aqui entramos na teoria de sentido existencial proposta na obra *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*<sup>7</sup>, central para a compreensão desta pesquisa e de sua aplicação prática. Escrita, como visto na Introdução, em 1846<sup>8</sup>, essa obra também usa o pseudônimo de Johannes Clímacus para suas reflexões, e agora toda a comunicação do filósofo remete ao problema da subjetividade (ADORNO, 2010).

Segundo o pensador dinamarquês, pode haver um desinteresse pela existência, algo muito comum, haja vista de as pessoas dificilmente perguntarem-se por si e apenas viverem. Porém, há situações exigindo decisões, e esse movimento geralmente causa angústia (KIERKEGAARD, 2010a). Durante o processo de existir, o ser humano se depara em 3 estádios: o estético (a vida pelo prazer, beleza e exterior), o ético (vinculado à moralidade, principalmente conjugal e as regras do mundo) e o religioso (a opção pelo Cristianismo autêntico). Esses estádios não são graus, mas modos de vida onde todos os seres humanos se inserem. E é nesse processo em alcançar, através de um salto, o estádio religioso, avançando na existência, que o ser humano descobre a finalidade de sua vida, mas não sem passar por trágicas escolhas (MESNARD, 2003).

Em uma tensão chocando a realidade estética e ética, o indivíduo acaba muitas vezes racionalizando demais sua existência, ou vivendo a vida estética<sup>9</sup>. Diante das variadas possibilidades existenciais, e para não correr o risco de cair na angústia e desespero, “a tarefa do pensador subjetivo é *compreender-se a si mesmo na existência*” (KIERKEGAARD, 2016, p. 68, grifo do autor). Essas possibilidades conferem à subjetividade um caráter de liberdade, e cabe a quem fizer a experiência

---

<sup>7</sup> Na tradução brasileira, a obra é dividida em duas partes, por isso as referências a essa mesma obra aparecem como 2013 ou 2016.

<sup>8</sup> Essa obra não é apenas central para o presente trabalho dissertativo. Era também para Kierkegaard uma espécie de conclusão de seu trabalho literário (felizmente não ocorrido em 1846). O filósofo, por uma questão familiar e religiosa, pensava da sua morte ocorrer com 33 anos, então basicamente fez uma revisão de todo seu projeto existencial no *Pós-escrito* (VALLS In: Kierkegaard, 2013, p. 5)

<sup>9</sup> Lembremos aqui poder correlacionar com as vivências dos adolescentes, pois estes estão descobrindo sentimentos como amor, vivenciando paixões, e a noção estética é muito forte, se deparando com as ideais de beleza nos outros e em si mesmo. Esse ponto será abordado no capítulo 6, com os resultados da atividade prática.

da compreensão subjetiva, construir aquilo chamado de existência autêntica (FARAGO, 2006).

O pensador subjetivo, ou seja, o ser humano que, em um vislumbre de razão, consegue pensar sobre si, ao contrário daqueles dos apenas viventes, tem sua própria existência ética e sua própria realidade efetiva. Kierkegaard distingue o pensador subjetivo do pensador abstrato: este último está na tentativa de explicar racionalmente a história, em uma clara crítica a Hegel. Para Kierkegaard, a comunicação do pensador subjetivo deve ser orientada para a existência.

Essa orientação é dada pelo conceito de *paixão*: “o existir, se isso não for compreendido tal como como uma assim chamada existência, é algo que não se faz sem paixão (KIERKEGAARD, 2016, p. 24). A paixão é o elemento profundo de movimento orientando cada estágio da existência. Porém, não só a paixão basta, e a tarefa de movimentar-se existencialmente nem sempre é fácil. Vejamos como a questão dos conceitos de *angústia* e *desespero* possibilitam a compreensão do sentido da vida para Kierkegaard.

### 3.3 ANGÚSTIA E DESESPERO COMO REFLEXÃO SOBRE O SENTIDO

No processo de compreensão de si mesmo na existência, aquele que pensa subjetivamente depara-se com a angústia e o desespero. A angústia, em termos kierkegaardianos, é um estado emocional fundamental resultante da liberdade e da capacidade de escolha do ser humano (LE BLANC, 2003). Ela se origina do conflito interno entre a possibilidade de infinitas escolhas e a necessidade de tomar decisões. A angústia é a sensação de ansiedade e desconforto originada de quando confrontamos a responsabilidade de escolher entre alternativas, sabendo de nossas escolhas terem implicações e consequências:

A angústia é uma qualificação do espírito que sonha, e pertence como tal à Psicologia. Na vigília está posta a diferença entre meu eu e meu outro; no sono, está suspensa, e no sonho ela é um nada insinuado [...] O conceito de angústia não é tratado quase nunca na Psicologia, e, portanto, tenho de chamar a atenção sobre sua total diferença em relação ao medo e outros conceitos semelhantes que se referem a algo determinado, enquanto que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade (KIERKEGAARD, 2010a, p. 45)

O ser humano, ao excluir sua singularidade diante da multidão, acaba sendo consumido pela angústia, além de vivenciar a própria realidade de pecado (SALLES, 2019). Mas, para sair dela, entra em um paradoxo: entrega-se à fé, mas ela também é portadora de angústia (LE BLANC, 2003). Por isso, ao adentrar no estágio religioso, o pensador subjetivo depara-se com um outro ponto: o desespero. Ele ocorre quando um indivíduo não é capaz de reconciliar sua existência com suas escolhas e responsabilidades.

No entanto, o desespero surge quando alguém tenta preencher esse vazio infinito com coisas finitas e temporais, como riqueza, poder, fama ou prazeres mundanos. Essa tentativa de encontrar significado e satisfação no limitado inevitavelmente leva à frustração e ao desespero. O desespero é, portanto, uma manifestação da desconexão entre a natureza finita do ser humano e seu desejo inato de infinitude.

Kierkegaard também distingue entre dois tipos de desespero: desespero virtual e desespero real (KIERKEGAARD, 2010b). O virtual ocorre quando alguém não está ciente de sua condição de desespero, ou seja, não reconhece a discrepância entre sua busca por infinitude e a busca por coisas finitas. Por outro lado, o desespero real ocorre quando alguém está plenamente ciente dessa tensão e, mesmo assim, persiste em suas tentativas fúteis de encontrar significado nas coisas finitas, sem conseguir libertar-se:

Desesperar de si próprio, querer, desesperado, libertar-se de si próprio, tal é a fórmula de todo o desespero, e a segunda: querer, desesperado, sê-la, reduz-se àquela, como atrás reduzimos [...], ao desespero no qual alguém quer ser ele próprio, aquele em que se recusa a sê-lo. Quem desespera quer no seu desespero, ser ele próprio. Mas então, é porque não pretende desembaraçar-se do seu eu? Aparentemente, não; mas se virmos as coisas mais de perto, encontramos sempre a mesma contradição (KIERKEGAARD, 2010b, p. 33)

Diante desse quadro de angústia e desespero, e mais ainda, diante da multidão, pois esta tenta de alguma forma alienar o ser humano em suas regras morais (principalmente no estágio ético), há uma exigência maior do que a paixão para movimentar o ser humano e ele descobrir seu próprio sentido. Como ele vai lidar com as variadas “realidades” e compreender realmente a si mesmo? Ou ele apenas imagina? São nessas realidades apresentadas a necessidade de uma compreensão da realidade efetiva como possibilidade (KIERKEGAARD, 2016).

Entre a ação pensada e a ação real, entre possibilidade e realidade efetiva, não há, talvez, nenhuma diferença em termos de conteúdo; a diferença na forma é sempre essencial. A realidade efetiva é o estar interessado em existir nela (KIERKEGAARD, 2016, p. 57).

Ou seja, a possibilidade sai do campo objetivo (as escolhas) e passa a ser a si mesmo, subjetivo. O ser humano guia a si mesmo existencialmente. Ele é a sua própria verdade: “a subjetividade é a verdade; a subjetividade é a realidade efetiva” (KIERKEGAARD, 2016, p. 60). Kierkegaard invoca então a responsabilidade do indivíduo sobre a própria existência. O mundo objetivo (as escolhas) possui seus objetivos, significados, dentro do transitório (CRUZ, 2021); já a subjetividade orienta para o espiritual, onde o Cristianismo tem um papel importantíssimo. E aqui entramos em um novo ponto para a compreensão do sentido da vida em Kierkegaard: o papel central do Cristianismo e da fé.

### 3.4 A RELAÇÃO ENTRE FÉ E SENTIDO

Para Kierkegaard, de forma paradoxal, é o Cristianismo que vai elencar o sentido da vida de um ser humano: ele pode viver plenamente sua liberdade, pois o Cristianismo o faz identificar-se como um verdadeiro pensador subjetivo. Foi ele, o ser humano, o autor dessa opção. Assumir-se cristão é viver plenamente um sentido para a vida. Mas como isso pode ser algo livre, se o filósofo era nascido em uma pátria cristã (Dinamarca) e a Igreja estava em todos os aspectos da vida? (PAULA, 2009).

É por isso do dever de o pensador subjetivo desvincular-se do Cristianismo histórico (chamado também por Kierkegaard de Críandade). Aqui, ele precisa sair da institucionalidade e promover um retorno ao Cristianismo autêntico, bíblico (KIERKEGAARD, 2013). Ao fazer isso, vai aproximando-se de uma opção individual por Deus.

Não há como escapar, dentro do processo do Cristianismo, dessa opção por Deus: isso é o cerne da fé. Quem tentar o contrário estará perdido, ou posto em outros estádios da existência (estético ou ético). Mesmo se viver esteticamente, é necessária uma escolha para a vida:

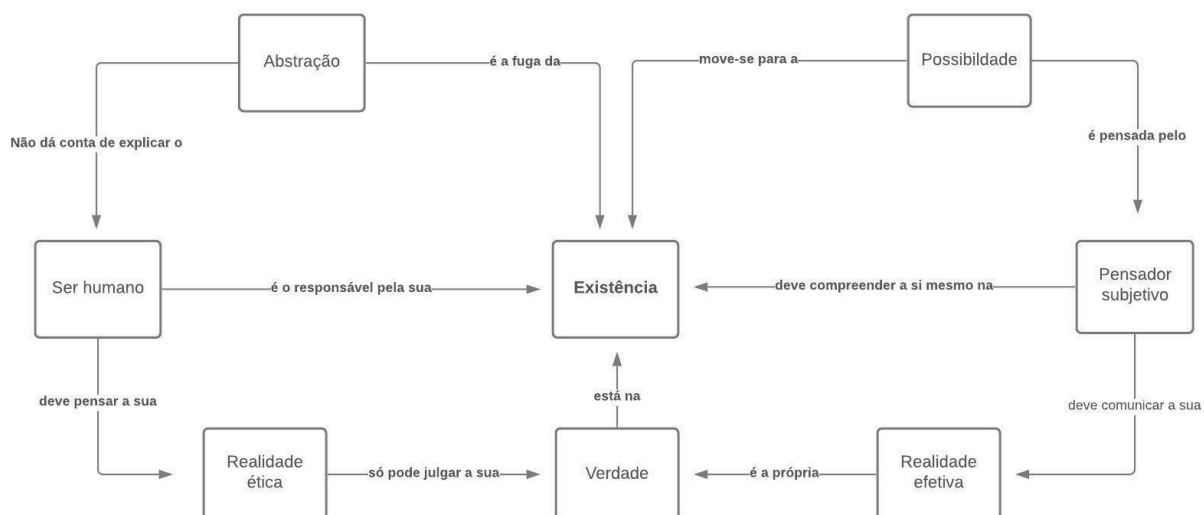
O problema da existência e de sua determinação vai ganhando contornos além da vida imediata do modo estético de existir, convocando outro modo de lidar com a vida, protagonizado pelo modo ético [...] e que coloca em cena um convite à reflexão e a uma tomada de decisão (PROTASIO, 2014, p. 144).

Mas a fé, mesmo sendo algo tido sua irredutibilidade em Deus, é também uma escolha, uma opção. E o ser humano, na sua individualidade, é aquele de poder fazer opções. A existência torna-se então um confronto com as possibilidades (LE BLANC, 2003), e é nessa tensão que nasce, paradoxalmente, o sentido. A fé cristã possibilita ao ser humano um sentido pleno de sua existência, onde então ele torna-se responsável por si mesmo:

O cristianismo quer, de fato, dar de presente ao indivíduo uma felicidade eterna, um bem que não é distribuído no atacado, mas é só para um, um único de cada vez. Se o cristianismo admite que a subjetividade, como possibilidade da apropriação, é a possibilidade de aceitação desse bem, ele não supõe, contudo, que a subjetividade sem mais nem menos esteja pronta e acabada, que tenha, sem mais nem menos, uma ideia real do significado desse bem [...] Assim o cristianismo protesta contra toda objetividade; quer que o sujeito se preocupe infinitamente consigo mesmo (KIERKEGAARD, 2013, p. 134).

Para concluir esse capítulo, apresento um mapa conceitual elencando os principais pontos sobre a ideia de existência em Kierkegaard, a partir das ideias estabelecidas por ele na obra *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*, de onde podemos interpretar uma teoria de sentido da vida no filósofo.

GRÁFICO 1 – MAPA CONCEITUAL SOBRE EXISTÊNCIA EM SØREN KIERKEGAARD



FONTE: Adaptada de KIERKEGAARD (2016).

Podemos perceber de toda a orientação do sentido da vida em Søren Kierkegaard culminar em seu aspecto religioso. Mais que isso: é importante frisar a importância de sua reflexão a respeito da existência no *Pós-escrito* elaborando uma verdade sobre o Cristianismo e a relação com o Indivíduo, central na teoria de Kierkegaard: “a tarefa do pensador subjetivo é transformar-se a si mesmo num instrumento que expresse, de modo claro e definido, o humano na existência” (KIERKEGAARD, 2016, p. 73).

No próximo capítulo, abordaremos a questão do sentido da vida em Viktor Frankl, que bebeu de fontes existencialistas, inclusive do próprio Kierkegaard para elaborar sua teoria logoterápica.

## 4 O SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA DE VIKTOR FRANKL

### 4.1 UMA VIDA RECONSTRUÍDA COM SENTIDO

Um dos teóricos que mais escreveu sobre o sentido da vida, elaborando uma teoria sobre o assunto, foi o médico austríaco Viktor Emil Frankl. Grande parte das suas concepções nasceram das próprias experiências de vida, por isso, sua biografia é deveras importante.

Ele nasceu em 26 de março de 1905, em Viena, na Áustria, filho de Gabriel e Elsa Frankl, tendo mais 2 irmãos. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) sua família passa por várias privações: muitas vezes precisavam até mendigar para conseguir comida. Com o fim do conflito, vai estudar e interessa-se por Psicologia. Em 1920 passa a se corresponder com Sigmund Freud (1856-1939): um dos manuscritos enviados de Frankl para Freud é publicado no *International Journal of Psychoanalysis* (VIKTOR FRANKL INSTITUTE, 2020).

Desde jovem se interessou pela questão do sentido da vida, fazendo inclusive sua primeira palestra a respeito do assunto com apenas 15 anos (FRANKL, 2010). A partir de 1925 inicia a faculdade de Medicina na Universidade de Viena, e ainda como estudante monta centros de aconselhamentos para jovens, focado em outros estudantes. Após sua formação, torna-se membro de setores de hospitais focados em suicidas e outras questões neurológicas (VIKTOR FRANKL INSTITUTE, 2020).

Com a anexação da Áustria pela Alemanha em 1938, ele, por ser judeu, começa a sofrer restrições do seu trabalho e perseguições. Mesmo assim, no Departamento Neurológico do Hospital Rothschild, onde era diretor, sabota os planos nazistas de eutanásia. Em 1941 casa-se com a enfermeira Tilly Grosser, mas as autoridades nazistas obrigam-na a abortar o filho do casal que estava a caminho. No ano seguinte, Viktor e Tilly são presos e junto com os pais de Frankl são deportados para o campo de concentração de Theresienstadt. Sua irmã Stella foge para a Austrália e seu irmão Walter e esposa tentam escapar pela Itália. O pai de Viktor, Gabriel, morre em 1943 no campo por exaustão (VIKTOR FRANKL INSTITUTE, 2020).

Viktor, Tilly, e pouco depois sua mãe de 65 anos, são transportados para o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. A mãe, Elsa, é assassinada na

câmara de gás em 1944. Ele é transferido para Kaufering e mais tarde para Tuerkheim. Nesse último campo, contrai febre tifoide e começa a escrever o manuscrito de um livro, com papéis roubados do escritório do lugar. Em 27 de abril de 1945, ele é libertado por tropas americanas e recebe a notícia que sua esposa, sua mãe, seu irmão e cunhada morreram todos em Auschwitz (VIKTOR FRANKL INSTITUTE, 2020).

As perdas familiares desestabilizam Frankl, mas ele encontra apoio de amigos para terminar seu livro *O médico e a alma*, um dos primeiros livros publicados em Viena no pós-guerra. A 1ª edição do livro esgota-se em poucos dias. Torna-se diretor da Policlínica Neurológica de Viena, cargo que ocupará por 25 anos. Em 1946 publica o seu livro de mais sucesso, *Em busca de sentido*, escrito em apenas 9 dias (FRANKL, 2010). No ano seguinte casa-se com Eleonore Schwindt e nasce sua filha Gabrielle.

Torna-se professor na Universidade de Viena em 1955 e sua teoria psicológica do sentido, chamada de Logoterapia, expande-se por diversos países, sendo convidado para palestras. Escreve diversos livros, principalmente focados na questão do sentido da vida. Cátedras de Logoterapia são fundadas em universidades, bem como sociedades psicanalíticas do mesmo tema. No dia 2 de setembro de 1997, morre em Viena (VIKTOR FRANKL INSTITUTE, 2020).

FIGURA 1 – LIVROS DE VIKTOR FRANKL COM O TEMA SENTIDO DA VIDA EM PORTUGUÊS



Fonte: o autor (2022)

## 4.2 A TEORIA DO SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA LOGOTERÁPICA

Mesmo se interessando pela questão do sentido da vida desde sua adolescência, passando pelos seus primeiros anos como médico, a experiência vivida por Viktor Frankl nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial foi crucial para a sua teoria de sentido, pois irá dominar parte de seus escritos, palestras e aulas durante sua vida. Frankl é, de fato, um pensador do sentido da vida.

A teoria do sentido em Viktor Frankl e sua abordagem prática na Psicologia são o mesmo: a Logoterapia. Aqui cabe mencionar a influência da corrente filosófica do Existencialismo, tanto que Frankl publica uma obra a respeito do tema: *Psicoterapia e Existencialismo*, em 1967, um compilado de conferências e palestras. Nomes ligados ao Existencialismo, como Heidegger, Kierkegaard e Jaspers são citados. Sartre também de certa forma o influencia, principalmente nas concepções de liberdade, mas ele também é criticado por Frankl (FRANKL, 1986).

Para entendermos a teoria do sentido em Frankl, necessitamos compreender não só sua biografia, mas também seus apontamentos a partir das suas experiências nos campos de concentração. Primeiramente, talvez seria necessário conceituar o que é o *sentido* para Frankl. Porém, esse termo, segundo o próprio pensador, é difícil de ser conceituado:

Jamais [...] o sentido da vida humana pode ser definido em termos genéricos; nunca se poderá responder com validade geral à pergunta por esse sentido. A vida como a entendemos aqui não é nada vago, mas sempre algo concreto, de modo que também as exigências que a vida nos faz sempre são bem concretas. Essa concreticidade está dada pelo destino do ser humano, que para cada um sempre é algo único e singular (FRANKL, 2014, p. 102).

O sentido da vida parte de uma decisão interior, e ele é individual. Sem dúvidas, é importante frisar dessa decisão só poder ser dada pelo próprio sujeito em questão: ele deve analisar sua vida e significar seus aspectos (FRANKL, 2014). Assim como na visão sartreana, para Frankl a liberdade configura o sentido, pois, mesmo diante de situações consideradas extremas (e ele cita o exemplo das condições do campo de concentração), há uma atitude alternativa frente a isso. Para

o psiquiatra, a vontade de sentido está ligada a uma ideia de valor de sobrevivência sob essas condições:

[...] os que se mostraram mais aptos a sobreviver, ainda mais em tais situações limites, foram aqueles que, reafirmo, estavam orientados para o futuro, para uma tarefa que os esperava mais adiante, para um sentido que desejavam realizar (FRANKL, 2015, p. 23).

Porém, as condições extremas nos podem trazer sofrimento, e o sofrimento também tem um sentido, justamente por fazer parte do conjunto da vida. Vejamos no próximo subtítulo.

#### 4.3 O SOFRIMENTO COMO PONTO CENTRAL NA BUSCA PELO SENTIDO

O sofrimento para Frankl não anula o sentido da vida. E inclusive o sentido do sofrimento pode fazer o ser humano crescer para além de si mesmo: pois como não podemos mudar as situações, “[...] é exigido, a mudar nós mesmos.” (FRANKL, 2015, p. 30). São as situações da vida, boas ou ruins, que nos proporcionam a busca pelo sentido:

*O sentido não só deve, mas pode ser encontrado, e a consciência conduz o homem em sua busca. Em síntese, a consciência é um órgão do sentido. Podemos defini-la, então, como a capacidade intuitiva de descobrir o rastro do sentido – único e singular – escondido em cada situação (FRANKL, 2015, p. 25, grifo do autor)*

O sofrimento é uma tarefa única e original da pessoa humana. Não há como tirar dela isso nem substituir, “[...] mas na maneira como ela própria suporta esse sofrimento está também a possibilidade de uma realização única e singular” (FRANKL, 2014, p. 103). O grande problema para o autor não é então o sofrimento, mas justamente o *vazio* de sentido, geralmente manifestado pelo “estado de tédio” (FRANKL, 2014, p. 131), e geralmente desemboca na desproporcionalidade sexual. Ou seja, a frustração aqui não é sexual, mas sim existencial, ao contrário da análise psicanalista freudiana (FRANKL, 2015).

Portanto, a abordagem clínica para lidar com o ser humano a respeito de si mesmo deve ser diferente. É necessário sim ocupar-se inclusive da trágica existência do ser humano e tomá-la a sério (FRANKL, 1973). A abordagem psicoterápica do sentido formulada por Frankl, a Logoterapia, por vezes polêmica,

coloca o indivíduo como centro, onde ele tem a possibilidade de, através de valores criativos, tomar as rédeas do próprio destino por meio de uma ação correta (FRANKL, 2015). Lembrando de isso ser uma evocação à responsabilidade individual: “A logoterapia vê na responsabilidade (*responsibleness*) a essência propriamente dita da existência humana” (FRANK, 2014, p. 133-134, grifo do autor). Os condicionamentos não determinam o indivíduo, mas ele determina se render a eles ou não:

A logoterapia ensina que a liberdade humana não é uma liberdade de condicionamentos, mas sim liberdade para assumir uma atitude diante de condicionamentos. Dessa maneira, decidir sobre a própria atitude perante o sofrimento significa exercer essa liberdade. Ao fazer isso, o ser humano, em certo sentido, transcende o mundo e seu sofrimento (FRANKL, 2020, p. 45)

Para formular sua teoria, além da experiência como prisioneiro no campo de concentração, Frankl fez várias pesquisas e atuação clínica prática, e também de levantamentos estatísticos para corroborar suas teses. O vazio de sentido, por exemplo, era algo muito acentuado nos jovens, e correspondia a índices consideráveis de depressão (cerca de 20%) e suicídio. O ser humano, em seu desenvolvimento biológico e histórico, foi perdendo alguns dos seus instintos básicos, e necessitou fazer opções: às vezes ele não sabe o que deve fazer, ficando então, vazio (FRANKL, 2014). Sendo assim, a logoterapia é uma teoria, como vimos, da evocação à responsabilidade da pessoa, “e ela somente pode responder à vida *respondendo por* sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável” (FRANKL, 2014, p. 133, grifo do autor).

Um dos mais belos exemplos sobre a busca de sentido parte de uma experiência específica vivida por Frankl no campo de concentração. Quando estava preso, o médico não sabia se sua esposa estava viva ou não, mas o fato de pensar sobre ela de alguma forma o fez continuar tendo gosto para viver, mesmo em meio à trágica situação de seu meio (e talvez a morte certa):

Meu espírito ainda se apegava à imagem da pessoa amada. Continuo falando com ela, e ela continua falando comigo. De repente me dou conta: nem sei se minha esposa ainda vive! Naquele momento fico sabendo que o amor pouco tem a ver com a existência física de uma pessoa. Ele está ligado a tal ponto à essência espiritual da pessoa amada, a seu “ser assim” (nas palavras dos filósofos) que a sua “presença” e seu “estar-aqui-comigo” podem ser reais sem sua existência física em si e independente de seu estar com vida. Eu não sabia, nem poderia ou precisaria saber, se a pessoa amada estava viva [...]. As circunstâncias externas não conseguiam mais

interferir do meu amor, na minha lembrança e na contemplação amorosa da imagem espiritual da pessoa amada (FRANKL, 2014, p. 56)

O trecho integral do capítulo reproduzi no Apêndice essa pesquisa. O aspecto fatídico do sofrimento em questão (a prisão pelo campo de concentração), não impediu Frankl de procurar um motivo para continuar vivendo. A questão é, que muitas vezes, situações de sofrimento podem apagar a racionalidade. Por isso, é necessário, através da atividade logoterápica, reelaborar uma nova atitude frente ao sofrimento, e também, frente ao seu passado:

Não há dúvida de que geralmente a pessoa somente leva em conta o campo de restolhos da transitoriedade e se esquece dos abarrotados celeiros do passado, onde ela guardou, de uma vez por todas, seus atos, suas alegrias e também seus sofrimentos. Nada pode ser desfeito, nada pode ser eliminado; eu diria que *ter sido* é a mais segura forma de ser (FRANKL, 2014, p. 144, grifo do autor).

Para Frankl (2014), é possível então descobrir o sentido na vida de três diferentes formas:

- 1) Criando um trabalho e praticando um ato;
- 2) Experimentando algo ou encontrando alguém (aqui o amor);
- 3) Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável.

#### 4.4 RELAÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA DE FRANKL E O EXISTENCIALISMO

Viktor Frankl sempre deixou clara a influência da teoria existencialista em seu trabalho e na formulação de teses da Logoterapia. Autores como Heidegger, Jaspers e Kierkegaard fazem parte da construção de suas teses relacionadas à busca de sentido. Uma série de conferências de Frankl relacionadas sobre o assunto foram publicadas, em língua portuguesa, com o título de *Psicoterapia e Existencialismo*. Em uma delas, Frankl reflete sobre a questão da liberdade dentro da concepção existencialista:

[...] a liberdade de um ser finito como o homem é uma liberdade limitada. O ser humano não é livre de condicionamentos, sejam eles de natureza biológica, psicológica ou sociológica. Mas ele é, sempre permanece, livre para tomar uma posição diante de tais condicionamentos; ele sempre conserva sua liberdade para escolher sua atitude perante esses condicionamentos (FRANKL, 2020).

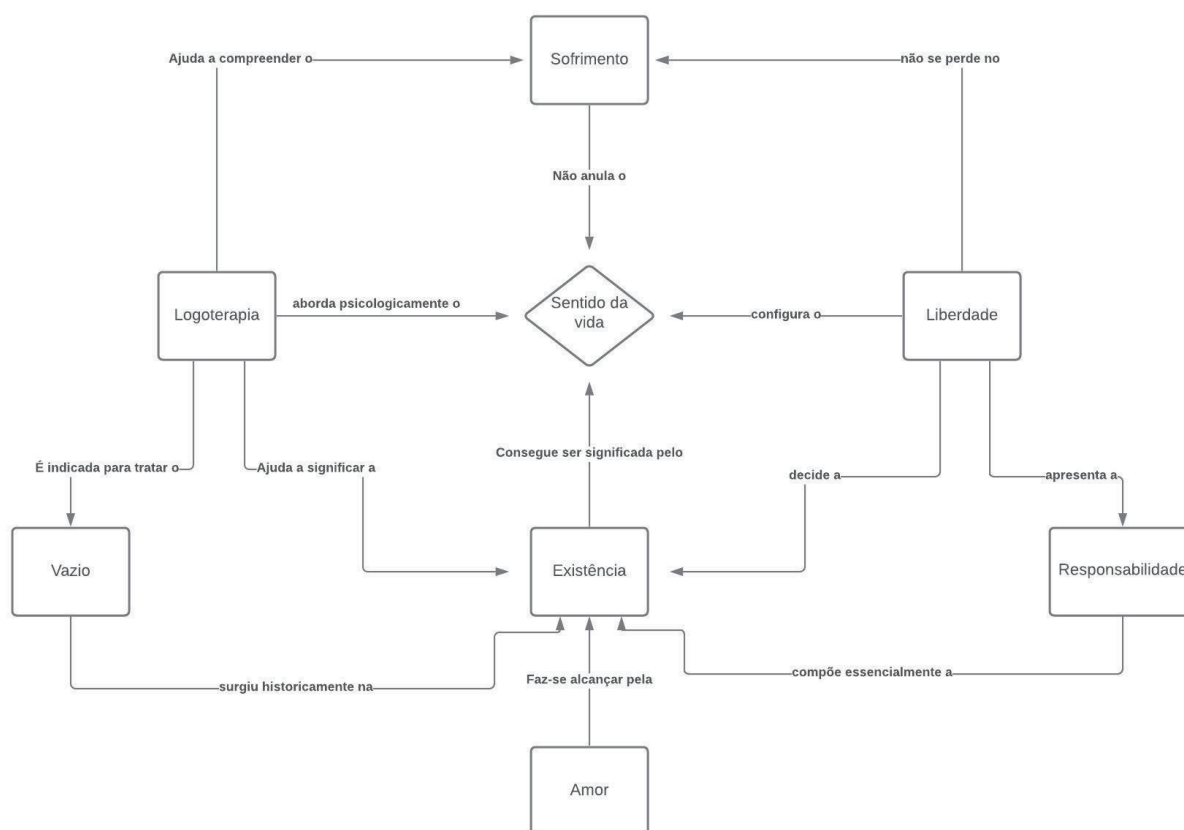
É importante frisar que para ele a análise existencial é a própria Logoterapia. Olhar o ser humano livre, consciente de sua subjetividade é o ponto inicial para ajudar, na terapia, a fim de encontrar o sentido para sua vida. De certa forma, a teoria de Frankl acaba também construindo uma espécie de antropologia existencial, por isso, ela foi importante para a construção dessa pesquisa e de sua aplicação prática.

Aqui também entra um conceito crucial na concepção do sentido existencialista de Frankl: a *noogênese*, um termo oriundo do médico inglês Hugh Doherty (falecido em 1891) e recorrente em Teilhard de Chardain (1881-1955). É derivado das palavras gregas *nous*, (*νοῦς*, "intelecto", "mente" ou "espírito") e *gênesis* (*Γένεσις*, "princípio", "origem" ou "criação") (DOHERTY, 1871; CHARDAIN, 1970). É à origem ou à criação da dimensão espiritual ou mental da existência humana (FRANKL, 2019).

Na perspectiva de Frankl, a noogênese é um dos três principais aspectos da existência humana, ao lado da biologia ligada às necessidades físicas) e da psicologia (aspectos emocionais e mentais). A noogênese se concentra na dimensão mais profunda e espiritual da vida, explorando questões relacionadas ao sentido, valores, propósito e busca de significado na existência (FRANK, 2020). Há neuroses noogênicas: estas causam o vazio existencial e a perda de sentido. Essa dimensão espiritual é umnexo forte entre o pensamento da teoria existencialista e a visão logoterápica.

No gráfico a seguir, elaborado por este pesquisador a partir do pensamento de Viktor Frankl visto em sua obra *Em busca de sentido*, onde podemos vislumbrar um resumo da teoria de sentido do autor:

GRÁFICO 2 – MAPA CONCEITUAL SOBRE SENTIDO DA VIDA EM VIKTOR FRANKL



FONTE: Adaptado de FRANKL (2014).

Concluindo o presente capítulo, o sentido da vida é uma autorrealização do ser humano, a partir de uma busca, mesmo diante dos sofrimentos em sua volta. Para Frankl, “[...] o homem só é capaz de realizar-se à medida que cumpre um sentido” (FRANKL, 2015, p. 66). A seguir, o próximo capítulo tratará da atividade prática realizada com estudantes a partir dos apontamentos de Kierkegaard e Frankl.

## 5 ATIVIDADE AUTOBIOGRÁFICA COMO PRÁTICA FILOSÓFICA

Uma autobiografia é a construção histórica da vida de alguém feita pela própria pessoa em questão. Geralmente possui cunho narrativo, e é talvez a mais tendenciosa dos relatos de uma vida, haja vista os recortes, ocultações e reforços dos tons pretendidos pelo autor. Os teóricos da presente dissertação escreveram também suas autobiografias: Kierkegaard uma (*Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor*, publicada em 1859, postumamente, mas seus *Diários*, com cunho autobiográfico, também foram publicados postumamente, a partir de 1869) e Frankl duas (*Em busca de sentido*, publicada em 1946, e *O que não está escrito nos meus livros*, publicada em 1995). Tratarei deles tratarei no subtítulo 5.1.2.

No caso de uma autobiografia como trabalho filosófico, já arremete à propriamente uma autobiografia filosófica, pois se fala de si com os conceitos filosóficos, que problematizam e criticam aspectos históricos passados, presentes e futuros. Portanto, se encaixa melhor na pesquisa a metodologia narrativa, haja vista de as estruturas dos cursos da vida individuais serem questionadas (SCHUTZE, 2013). Essa metodologia baseia-se justamente nessa questão da individualidade centrada na existência humana (SAHAGOFF, 2015), o que, de alguma forma, correlaciona-se com as concepções existencialistas de Kierkegaard onde a pesquisa se apoia teoricamente. Segundo os próprios teóricos e estudiosos dessa metodologia, a escrita autobiográfica é o melhor exemplo de aplicação da metodologia narrativa:

A escrita autobiográfica é uma maneira de escrever sobre o contexto de uma vida, pode ser uma história sobre um breve instante de um evento particular. A autobiografia é sempre uma representação, um recontar, uma reconstrução particular da narrativa de um determinado sujeito (SAHAGOFF, 2015).

A professora Katia Muricy (2017) aborda em artigos e livros o conceito da escrita de si, a partir de perspectivas nietzschianas e foucaultianas. A autora inicia sua exploração sobre a noção de autobiografia e seu contexto histórico-filosófico, um antecedente essencial para compreender a evolução do gênero literário da autobiografia. A complexidade do texto autobiográfico reside em sua fluidez de sentido. No sentido amplo, mencionar-se no texto é um ato existente desde o início da escrita. No entanto, quando olhamos de perto, a noção de autobiografia como um

empreendimento de autorretrato narrativo tem raízes bem definidas na Europa ocidental do século XIX. Este período também coincide com o surgimento da concepção contemporânea do indivíduo.

O ato de escrever sobre si mesmo envolve um desafio. O "eu" colocado no papel é uma coleção de percepções em constante mudança e, muitas vezes, contraditórias. É uma entidade exigindo da escrita rápida o capturar e o fixe temporariamente em palavras. No processo de escrita, o "eu" se torna algo insubstancial, algo evoluindo continuamente.

Uma tese central da autora é sobre a identidade se desintegrando na prática autobiográfica. Isso nos leva ao chamado de um "paradoxo da autoria". Um exemplo disso é encontrado em *Ecce Homo*, de Friedrich Nietzsche. O uso constante do pronome "eu" dá a impressão de um autor unificado. No entanto, as diversas manifestações e contextos desse "eu" implicam dele não pode ser compreendido ou previsto fora de suas constantes transformações. A autora interpreta o "eu" em *Ecce Homo* como uma construção fictícia, enfatizando o caráter fluido e mutável da identidade no contexto autobiográfico.

A reflexão sobre a natureza da autobiografia nos leva a considerações profundas sobre como a identidade é moldada e comunicada. Muricy (2017) destaca a complexidade da escrita de si mesmo, revelando como o "eu" retratado no papel é, na verdade, uma construção em constante evolução. Esse paradoxo da autoria nos desafia a repensar a noção tradicional de uma identidade estável e unificada.

Na mesma perspectiva de Muricy (2017), temos Foucault, que abordou muito a perspectiva da escrita de si em sua teoria. Nas palavras do próprio autor:

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com a anacorese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível então fazer uma primeira analogia: o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário. Mas, simultaneamente, é levantada uma segunda analogia, que se refere à prática da ascese como trabalho não somente sobre os atos, porém mais precisamente sobre o pensamento: o constrangimento que a presença de outro exerce na ordem da conduta, a escrita o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma; nesse sentido, ela tem um papel muito próximo da confissão ao diretor espiritual sobre a qual Cassiano dirá, na linha da espiritualidade evagriana que ela deve revelar, sem exceção, todos os movimentos da alma (FOUCAULT, 2004, p. 145).

Escrever para recordar ou para esquecer? Não importa, mas escrever sobre si traz uma multiplicidade de apelos existenciais. A escrita filosófica de si é possivelmente um dos grandes exercícios filosóficos que, mesmo muitos autores da Filosofia tendo escritos tão pouco sobre si mesmo, legaram essa tarefa para outras gerações. E particularmente, com o advento da psicologia, ela acabou tornando-se deveras necessária atualmente.

Como a aplicação prática se deu a partir da construção de uma autobiografia, fez-se necessário constantemente pensar sobre a metodologia no campo educacional aplicada no desenvolvimento do processo (narrativa, conforme exposto na introdução deste trabalho dissertativo). O objetivo foi focar na escrita autobiográfica, dentro dos conceitos estudados.

Deve-se lembrar dos estudantes envolvidos na pesquisa serem adolescentes, alunos de Ensino Médio, com características psíquicas, sociais e familiares próprias. Tudo foi aplicado com cuidado, pensando nas vivências ali envolvidas.

## 5.1 A AUTOBIOGRAFIA NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Não farei uma lista de quantas autobiografias os filósofos escreveram, mas devemos ter em mente de muitos pensadores terem estabelecido sobre a escrita de si. Alguns o fizeram em forma de publicações ou até mesmo de diários, descobertos posteriormente. Outras foram realizadas por discípulos, estudantes (isso talvez fugiria do conceito de autobiografia?), mas foram incorporadas como escritas de si depois de serem revisadas e autorizadas.

Como visto no capítulo 2 desta pesquisa, uma das primeiras autobiografias filosóficas foi o livro *Confissões*, de Agostinho de Hipona, carregada do aspecto religioso sob o prisma da conversão ao Cristianismo feita pelo autor<sup>10</sup>. Além desta, outros livros não são propriamente autobiografias, mas deixam traços para tal: o *Discurso do Método*, publicado em 1637 por René Descartes, traz aspectos da vida do autor e também do caminho dele ao conhecimento (REALE; ANTISERI, 1990).

Uma das mais conhecidas autobiografias filosóficas possui o mesmo nome da obra de Agostinho, mas foi escrita pelo pensador francês Jean-Jacques

---

<sup>10</sup> Esse episódio é celebrado na liturgia católica no dia 24 de abril, data comumente aceita pela Ordem Agostiniana da conversão de Santo Agostinho.

Rousseau (1712-1788). Publicada postumamente em 1782, *Confissões* é uma das primeiras autobiografias modernas e tem sido altamente influente na literatura e na filosofia, principalmente pelo aspecto íntimo e introspectivo sobre a vida do autor e suas reflexões sobre uma ampla gama de temas, desde a experiência pessoal até a sociedade e a natureza humana (ROUSSEAU, 1965).

Talvez a mais polêmica e conhecida autobiografia filosófica seja a já citada *Ecce Homo*, de Nietzsche. Essa obra é muitas vezes vista de forma irônica, inclusive nas redes sociais, pelos títulos de seus capítulos (Ex: “Por que sou tão sábio”, “Por que escrevo tão bons livros”). Um aspecto notável desse livro é a forma como Nietzsche aborda a questão de sua própria identidade e sua relação com a filosofia. Ele se apresenta como uma figura solitária e incompreendida, frequentemente referindo-se a si mesmo como um “destino” e “legislador solitário”. *Ecce Homo* discute a visão de mundo do pensador, chamada por ele de “imoralismo”, argumentando de a moralidade tradicional ser uma forma de fraqueza e negação da vida. Ele advoga por uma filosofia que abraça a vontade de poder e a afirmação da vida (NIETZSCHE, 1995). É mister frisar do livro ter sido escrito em 1888, portanto antes de seu colapso mental, o deixando em estado de demência até sua morte em 1900, sendo então sua última obra escrita.

Sobre Nietzsche e a escrita de si podemos elencar o conceito utilizado por Derrida: *otobiografia* (do termo οὖς, “orelha”): a verdade contida em um texto é uma expressão direta do autor e, portanto, não pode ser separada de sua vida (DERRIDA, 2021). Nesse sentido, a pesquisa otobiográfica visa compreender como a vida do autor influenciou sua produção escrita, pois o ato de escrever é uma parte formadora da identidade do autor. A metáfora do labirinto (por isso a questão da orelha) é usada para ilustrar esse processo (NIETZSCHE, 1995). O ato de ouvir a vida por trás da formação do autor é comparado a percorrer um labirinto, onde cada passagem revela uma parte da jornada do autor. A anatomia do ouvido é mencionada devido à sua semelhança com a forma de um labirinto, e a mitologia de Ariadne sugere a importância de desvendar e compreender as experiências presentes na formação do autor. A pesquisa otobiográfica busca identificar e compreender as vivências que moldaram a produção escrita do autor, reconhecendo de os escritos não existirem no vácuo, mas serem profundamente influenciados pelas experiências e eventos da formação da identidade do autor. Isso implica olhar

além das palavras escritas e mergulhar nas experiências de vida que deram origem a essas palavras. Diz Derrida sobre Nietzsche:

Sua própria identidade, esta que ele deseja declarar e que não tem nada a ver, a tal ponto lhe é desproporcional, com aquilo que seus contemporâneos conhecem sob esse nome, sob seu nome, ou antes, seu homônimo, Friedrich Nietzsche, esta identidade que ele reivindica, ele não a obtém de um contrato com seus contemporâneos. Ele a recebe do contrato inaudito que travou consigo mesmo. Ele se endividou consigo mesmo e *nos implicou na transação por isso que resta de seu texto à força de assinatura* (DERRIDA, 2021, p. 29)

Passemos agora para um caso específico a respeito das autobiografias: a escrita da vida dos santos.

### 5.1.1 As hagiografias

A questão das hagiografias merece uma reflexão a parte nesse capítulo. A vida dos santos, muitas vezes escritas por eles mesmos, são interessantes para a interpretação da escrita de si.

A hagiografia, a escrita dos santos (do grego *hagios*, *αγιος*, “sagrado”), é uma área situada entre a literatura e a hagiologia (o estudo dos santos e coisas sagradas). O Brasil conta, inclusive, com uma academia literária e científica sobre esse assunto: a Academia Brasileira de Hagiologia, fundada em 2004, com sede em Fortaleza, Ceará, funcionando aos moldes da Academia Francesa e similar às outras academias literárias: possui 40 cadeiras, onde o patrono de cada uma é um santo católico (LIRA, 2005).

Os(as) santos(as), beatos(as) e outros ligados à tradição cristã, deixaram milhares de escritos, muitos em profundidade pessoal. Isso remete inclusive a uma questão bíblica: nesse livro sagrado judaico-cristão, temos *Jó* e *Lamentações* como escritas de si, e evocam fortemente a questão do sofrimento e dor, algo absorvido pelo Cristianismo ao longo da história (GASS, 2005).

Não há data precisa do início da escrita hagiográfica da tradição cristã. Porém, temos elementos, a partir das cartas de Paulo de Tarso (5-67) contidas no Novo Testamento e também durante a perseguição do Império Romano aos primeiros cristãos. Um exemplo é o *Passio sanctarum Perpetuae et Felicitatis* (traduzido do latim como *A paixão das santas Perpétua e Felicidade*), um diário escrito por Santa Perpétua durante sua prisão em 203, completado por um redator

após seu martírio. Nesse texto ela conta um conflito com seu pai (este a persuadia para renunciar à fé cristã) e também os dias anteriores à sua execução (HEFFERNAN, 2012).

O caráter do sofrimento, muito vinculado nos teóricos estudados na pesquisa, foi algo recorrente em diversas autobiografias hagiográficas, como visto em algumas partes dessa pesquisa o exemplo de Agostinho nas suas *Confissões*. Pedro Abelardo (1079-1142), um dos mais famosos dialéticos que deixou obras no campo da Filosofia e da Teologia cristã, deixou uma obra chamada *História das minhas Calamidades*, muito conhecida por abordar seu famoso romance com Heloísa (1090-1164) e também a perseguição sofrida por São Bernardo de Claraval (1090-1153) a respeito de teses teológicas supostamente consideradas heréticas. Nessa obra, escrita principalmente sobre o pendão da culpa, aparecem teses interessantes sobre a Trindade e também um curioso discurso de Heloísa contra o matrimônio (ABELARDO, 1973). As cartas trocadas por Abelardo e Heloísa também contém aspectos íntimos com nuances teológicas da vida entre ambos, após tornarem-se clérigos (ZUMTHOR, 2002).

Outra autobiografia famosa no Cristianismo foi a *História de uma alma*, já citada em nota de rodapé na p. 17. São os diários de Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897), que versam sobre sua vida desde a infância até o acometimento da tuberculose, a doença fatal a vitimando com apenas 24 anos. A opção pela Ordem Carmelita, no aspecto de silêncio e contemplação, são traços marcantes na escrita dessa religiosa católica (TERESINHA, 1986).

Um ponto importante em algumas escritas hagiográficas é o misticismo. Santas como Margarida Maria Alacoque (1647-1690), Gemma Galgani (1878-1903) e Faustina Kowalska (1905-1938) são conhecidas na tradição católica pelas suas visões, deixaram escritos a respeito desses eventos, na forma de diários. Além de mostrarem esse campo da religiosidade, os diários trazem aspectos de suas vidas de forma muito íntima (GIOVETTI, 2017). Aqui pode-se perceber da mística realizar um recorte muito interessante a esta pesquisa, pois essa forma de experiência, apesar de polêmica e que necessita de um amplo processo dentro da Igreja para ter aprovação oficial, mostra o campo da individualidade como um peso extremo no cunho autobiográfico: só um eu muito profundo poderá ter uma experiência concreta com um ser divino.

A escrita dos santos é algo esgotado nessas linhas, e aqui não cabe estender de forma demasiada esse assunto, mas é algo que possibilita uma melhor compreensão da questão da autobiografia para a pesquisa: a religiosidade ocupa um espaço importante na escrita de si, seja ela de forma positiva ou negativa, fato visto na aplicação prática. Os santos e outros escritores cristãos (como Abelardo), escreveram obviamente em cunho positivo com relação à religião, enalteceram aspectos de valores morais coletivos, e em aspectos individuais e outras práticas consideradas questionáveis muitas vezes obscureceram, ou interpretaram sob a égide da culpa e pecado. Inclusive nesse ponto há uma grande semelhança com Kierkegaard (mesmo este não pertencendo à fé católica)<sup>11</sup>. Passemos então, para as autobiografias escritas por Kierkegaard e Viktor Frankl.

### 5.1.2 A autobiografia em Søren Kierkegaard e Viktor Frankl

Ambos os teóricos dessa pesquisa trouxeram obras tratando de aspectos autobiográficos. Começemos por Kierkegaard, a partir de seus *Diários*, escritos entre 1835 e 1854. Apesar de não revelar muitos aspectos íntimos da vida do filósofo, eles trazem um panorama de seu pensamento e muitas das famosas frases conhecidas principalmente nos meios virtuais: “[...] é crucial encontrar uma verdade que seja verdadeira para *mim*, encontrar a ideia pela qual estou disposto a viver e morrer”<sup>12</sup> (KIERKEGAARD, 1959, p. 44, grifo do autor). Esses diários, em um determinado período, foram parte de confidência de Kierkegaard e sua então noiva Regine Olsen (KIERKEGAARD, 1949) tanto que, muitos anos após o falecimento do filósofo, biógrafos procuraram a ex-noiva para falar sobre aspectos pessoais da relação entre os dois, vindas das anotações (BACKHOUSE, 2019). Além das correspondências com a ex-noiva, os diários contém cartas trocadas com seu melhor amigo, Emil Boesen (este acompanhou o filósofo até seus últimos dias no hospital). Os diários começaram a ser publicados a partir de 1869, mas foram a partir de 1938, com a

---

<sup>11</sup> Aqui cabe um esclarecimento importante. A Igreja Católica possui uma visão de moral coletiva, vinculada à ideia de Reino de Deus e comunidade (AGOSTINHO, 1986). Kierkegaard era luterano, e o protestantismo originado a partir de 1517 enfatizava a questão forte do indivíduo e a fé pessoal (*sola fides*). Essa dicotomia entre catolicismo e luteranismo inclusive foi objeto de análise do próprio Kierkegaard no *Pós-escrito*, onde dedicou um capítulo para tratar sobre a questão da Igreja (KIERKEGAARD, 2013, p. 40-51).

<sup>12</sup> No original: “[...] the thing is to find a truth which is true for *me*, to find *the idea for which I can live and die*.”

tradução de Alexander Dru, foram tornados mais conhecidos (é a edição usada aqui).

O conceito de autobiografia filosófica para Kierkegaard pode ser realmente aplicado em *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Esse livro foi publicado em 1859 por seu irmão Peter Kierkegaard, bispo da Igreja Luterana (BACKHOUSE, 2019). A obra, assim como os *Diários*, não traz aspectos pessoais e íntimos da vida do filósofo, mas é realmente um propósito de revisão e explicação de seu caminho literário: ele descreve cronologicamente a construção de suas obras e explica também seus pseudônimos, bem como mostra o caráter religioso e teológico na sua produção:

Esta pequena obra propõe-se, pois, dizer o que sou verdadeiramente como autor, que fui e sou um autor religioso, que toda a minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema do tornar-se cristão, com intenções polémicas directas e indirectas contra a formidável ilusão que é a cristandade, ou a pretensão de que todos os habitantes de um país são, tais quais, cristãos (KIERKEGAARD, 1986, p. 22)

Passemos agora para Viktor Frankl. Este produziu, primeiramente uma reflexão específica a respeito de sua experiência no campo de concentração de Auschwitz, o livro já citado *Em busca de sentido*, escrito em 1946 e sendo sua obra mais famosa, sendo editada e reeditada várias vezes. A obra tem 3 partes: a primeira aborda toda a experiência do campo de concentração até a sua libertação em 1945 e como o pensador se comportou diante do quadro de morte certa, com relatos de comportamentos de outros prisioneiros; a segunda são os conceitos fundamentais da Logoterapia, como o sentido da vida, a questão do sofrimento e outros, que vimos já na pesquisa; e a terceira parte, incluída a partir de 1984, é uma palestra realizada por Frankl em 1983 na cidade alemã de Regensburg, a respeito da tese do otimismo trágico (FRANKL, 2014).

Há também a obra publicada em 1995, com o título em português *O que não está escrito nos meus livros*. Essa obra é fruto da anotação pessoal de Frankl, e em um primeiro momento não tinha o objetivo de publicá-la: “[...] o máximo é viver uma vida sobre a qual se possa escrever um livro” (FRANKL, 2010, p. 9) Ali fala de seu percurso desde a infância, seu caminho acadêmico e profissional, podemos conhecer melhor seus pais, a esposa falecida no campo de concentração e os meandros dessa terrível experiência nas mãos dos nazistas, bem como sua vida

posterior, principalmente pela descoberta do novo amor após a libertação, e também sua fama e desenvolvimento da Logoterapia. Foi apresentada por ocasião dos 90 anos de Frankl (FRANKL, 2010).

## 5.2 AS REDES SOCIAIS COMO ELEMENTOS DAS ESCRITAS DE SI

O fenômeno das redes sociais é uma temática importante para refletir a questão da escrita de si, principalmente com os adolescentes, nos quais esta pesquisa foi aplicada.

Formadores de opinião, pensadores, políticos e artistas utilizam as redes sociais para reflexões, fomentando debates, muitas vezes problemáticos, fazendo desse espaço virtual a nova *ágora* (*ἀγορά*), se assim compararmos com o espaço de debates nas *poleis* (*πόλεις*) que possibilitou o crescimento do pensamento clássico (NEPOMUCENO, 2022).

Aqui não entraremos na qualidade dos assuntos oriundos das redes sociais, mas sim um ponto importante relacionado a esta pesquisa: é um espaço utilizado de forma ampla, para desabafos (os famosos “textões”), reflexões pessoais, expressão de opiniões muitas vezes não são vistas no cotidiano. Uma das redes mais usadas, inclusive pelos adolescentes nesse ponto, é o X (antigo Twitter), pois nele você pode fazer postagens em até 280 caracteres; além do intenso fluxo de informação com notícias e comentários de outros usuários e ser um espaço aberto, possibilita ao usuário postar sobre si, como em um desabafo (COUTO; MISSIAS-MOREIRA; CARMO, 2018). No Facebook há uma outra lógica, a organização de um perfil pessoal com detalhes e um álbum para você arquivar suas recordações, e no Instagram a situação está ligada ao imagético.

As redes sociais, ao trabalharem a dicotomia público e privado, acabam trazendo a questão da escrita de si muito forte, mas lembrando de algo sem muita ordenação lógica e ligada, em grande parte, aos sentimentos. Os sentimentos experienciados pelas santas místicas no passado dão lugar a uma explosão de raiva, choro e alegrias, obviamente sem ver como isso está no físico do escritor, mas apenas na demonstração do conteúdo ali exposto. A velocidade com que esses desabafos também se vão, é outro ponto a ser analisado, pois a informação acaba sendo substituída rapidamente. A crítica a um pai é facilmente esquecida, por

exemplo, quando se em 2 minutos depois o usuário que a fez agora fala do gosto de um sorvete.

No próximo capítulo, será abordada a atividade autobiográfica realizada com os estudantes de Ensino Médio, dentro da questão teórica proposta até então.

## 6 APLICAÇÃO DA ATIVIDADE AUTOBIOGRÁFICA

### 6.1 APLICAÇÃO PRÁTICA

A aplicação do projeto de pesquisa da presente dissertação se deu no Colégio Anglo, na Unidade Camboriú-SC, com a turma do 2º ano do Ensino Médio, a partir do dia 13 de abril de 2021, em 5 momentos com os estudantes, sendo cada momento 1 aula de 50 minutos. Primeiramente, houve uma conversa deste pesquisador com o então coordenador pedagógico da rede<sup>13</sup>, Helle Borges, explicando como funciona a proposta do Mestrado Profissional em Filosofia, e, posteriormente, apresentando como se daria a aplicação da autobiografia. A partir da autorização do coordenador, o professor da disciplina então organizou junto ao cronograma e plano de aula a sequência didática no qual se daria então a exposição teórica e a aplicação prática sendo então definida do seguinte modo:

- I. Abordagem teórica do Existencialismo e apresentação da vida e conceitos de Søren Kierkegaard – 13 de abril
- II. Debate sobre os conceitos de angústia, desespero e individualidade a partir de reflexões pessoais trazidas pelos estudantes – 20 de abril
- III. Apresentação da vida de Viktor Frankl e sua experiência no campo de concentração, bem como de sua teoria sobre o sentido – 27 de abril
- IV. Construção de uma autobiografia focada na reflexão do sentido da vida – Em casa, com entrega para 04 de maio
- V. Partilha dos resultados e debate – 23 de novembro (após a leitura das autobiografias e organização de resultados)

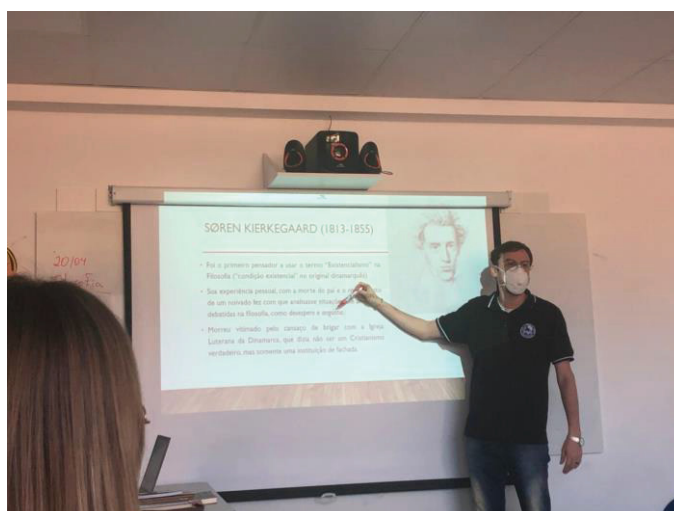
Percebe-se um longo tempo entre a entrega dos trabalhos e a discussão. Esse longo hiato entre o momento IV e o momento V justifica-se por dois motivos: primeiro a questão do andamento das aulas, do cronograma e dos prazos

---

<sup>13</sup> As raízes do Sistema de Ensino Anglo surgem em 1894 pelo educador português Antônio Guerreiro (1859-1936), que fundou um ginásio escolar em São Paulo. Após várias mudanças estruturais, em 2010 passa a pertencer à Abril Educação e em 2015 ao grupo Somos Educação, onde está até hoje (ANGLO, 2022). O colégio Anglo onde este pesquisador trabalhou entre 2021 e 2022 possui diferentes unidades, que se encontram nas cidades de Balneário, Itajaí, Itapema e Camboriú, todas sob a mesma gestão administrativa, sediada em Balneário Camboriú.

estabelecidos pelo colégio, e segundo pela análise e leitura das autobiografias realizadas pelo professor. Porém, isso foi acordado entre o professor e os estudantes: antes do término do ano letivo, quando os demais conteúdos já estivessem sido finalizados e ainda não fossem iniciados os exames finais, seriam apresentados então os resultados da pesquisa, conforme serão mostrados mais adiante no gráfico 3.

FIGURA 2 – AULA SOBRE SØREN KIERKEGAARD NO DIA 13 DE ABRIL DE 2021



FONTE: o autor (2021)

FIGURA 3 – AULA SOBRE VIKTOR FRANKL NO DIA 27 DE ABRIL DE 2021



FONTE: o autor (2021)

Durante as aulas da disciplina de Filosofia, os estudantes do 2º ano do Ensino Médio tiveram o conteúdo sobre Existencialismo, conforme a BNCC, plano

de ensino (ver ANEXO 2) e o material didático da rede Anglo (ver ANEXO 1) (DORIGO, 2021). A abordagem sobre essa temática deu-se de forma geral, com os principais conceitos teóricos e apresentando brevemente os grandes nomes de filósofos dessa corrente<sup>14</sup>. Na aula do dia 13 de abril, os estudantes estudaram os pensadores clássicos do Existencialismo: a vida e obra de Søren Kierkegaard (onde foi dado mais ênfase), Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Martin Heidegger. Dia 20 de abril, a aula focou nos principais conceitos do Existencialismo: angústia, desespero, individualidade, existência, sentido, finitude, possibilidade, etc., dentro de uma perspectiva crítica, partindo da própria vida dos estudantes, ocasionando um pequeno e rico debate. No dia 27 de abril, os alunos conheceram a vida e obra de Viktor Frankl, e nessa aula o professor explicou o seu trabalho de mestrado, os objetivos e perguntou se os estudantes topariam fazer parte da prática. Após resposta afirmativa, sem aparentes objeções, os estudantes foram orientados com um protocolo para a entrega da autobiografia, para ser entregue na semana seguinte, dia 04 de maio, bem como foi disponibilizado pelo professor um envelope para tal. Os alunos que não conseguissem realizar a entrega na data proposta, tiveram a oportunidade de fazê-lo durante a aula de História, com a professora Fabiana.

Na aula de 04 de maio os estudantes então entregaram suas autobiografias. A construção da autobiografia foi deixada de forma livre no quesito de gêneros textuais. O professor deu aos alunos um envelope contendo orientações, e esse envelope seria entregue sem identificação, com texto anônimo, e tanto poderia ser manuscrito ou digitado. A atividade foi opcional, e o professor, com anuência da coordenação pedagógica e dos próprios estudantes, deu 1 ponto na prova trimestral para os alunos que entregassem esse trabalho. A fim de controle de entrega, o professor apenas anotou em uma lista separada os nomes daqueles que entregaram.

---

<sup>14</sup> Como toda corrente filosófica, há variadas controvérsias relacionadas aos pensadores pertencentes ao Existencialismo. Muitos deles recusaram a alcunha de “existencialista”, e o próprio Kierkegaard, considerado o “fundador” do Existencialismo, jamais pensou em criar uma nova linha de pensamento, haja vista de o mesmo ter uma visão adversa de questões sistemáticas, dentro de sua crítica a Hegel.

FIGURA 4 – ENVELOPES DISPONIBILIZADOS PELO PROFESSOR

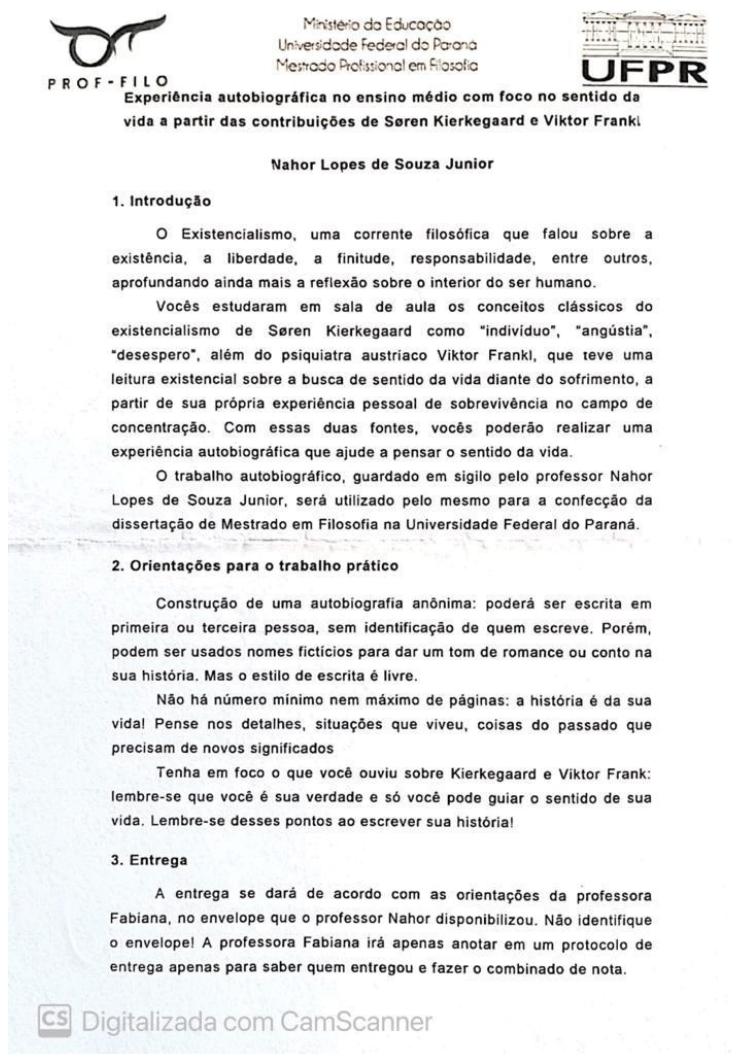


FONTE: o autor (2021)

Nos critérios entregues pelo professor dentro do envelope, deveriam ser contemplados na autobiografia os conceitos de angústia, desespero, indivíduo, possibilidades e sentido da vida. Possíveis situações problemas que surgissem, como fortes emoções e resistências, seriam avaliadas por uma equipe psicopedagógica da escola, com o intuito de auxiliar no desenvolvimento da atividade e suas consequências. No entanto, essas situações felizmente não ocorreram.

Durante a semana de construção das autobiografias, como os alunos fizeram em suas casas, não houve um momento para conversar sobre possíveis dúvidas na composição do trabalho, mas o professor deixou seu contato através das redes sociais para caso algum estudante quisesse perguntar algo. Dois estudantes tiveram dúvidas metodológicas, sanadas de modo tranquilo pelo professor.

FIGURA 5 – ORIENTAÇÃO ENTREGUE NO ENVELOPE AOS ESTUDANTES

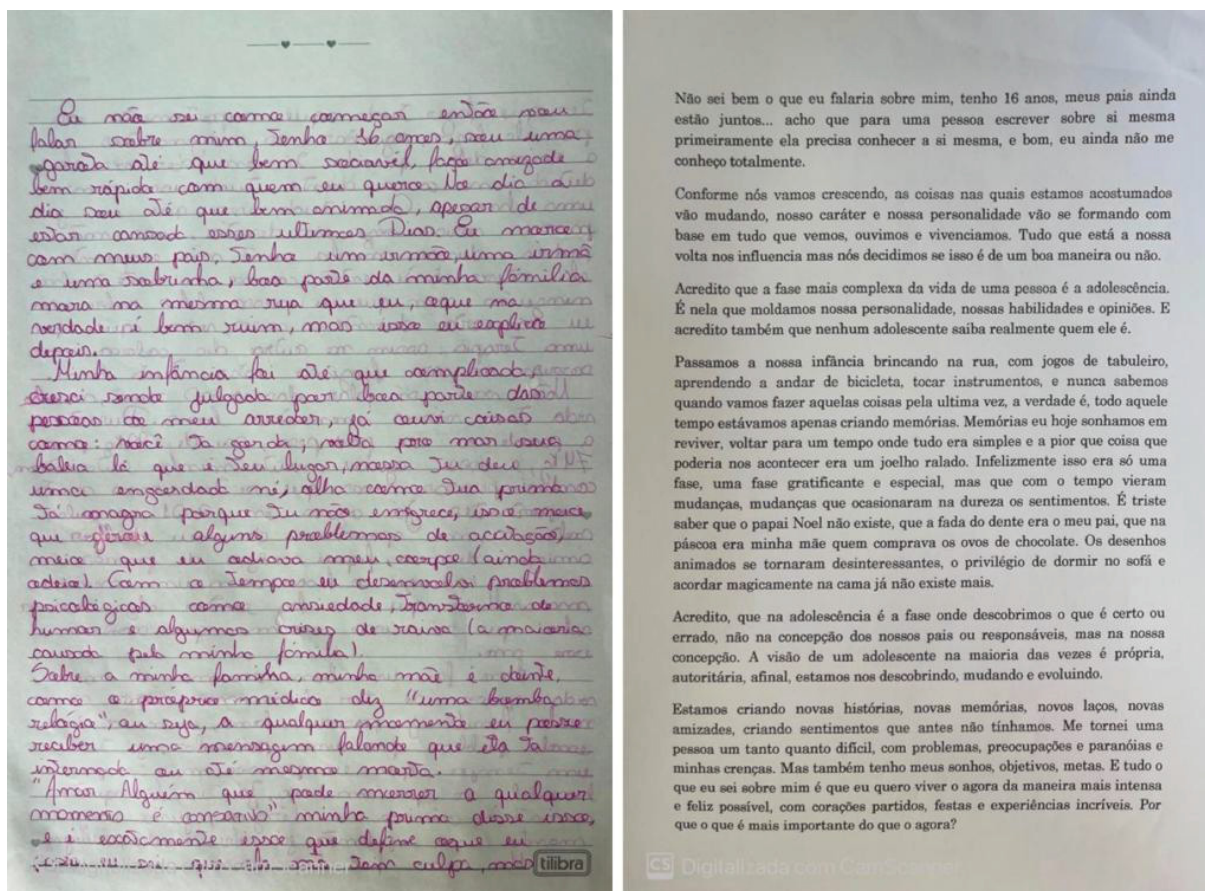


FONTE: o autor (2021)

Ao todo, foram entregues 20 trabalhos. Sendo a turma composta por 29 estudantes, o professor considerou satisfatório e verificou da maioria deles ter participado com afinco da atividade. Não houve questionamentos a respeito sobre 9 estudantes não terem entregues, pois, como já citado, era uma atividade opcional.

Os elementos vindos das autobiografias foram lidos, refletidos e trabalhados pelo autor da pesquisa. Dentro do escrito por Schutze (2013), percebeu-se de muitos textos terem vindos com conteúdos não narrativos; por isso foi importante o autor da pesquisa dissertativa realizar uma análise formal do texto, identificando esses elementos.

FIGURA 6 – DOIS EXEMPLOS DE AUTOBIOGRAFIAS ENTREGUES PELOS ESTUDANTES



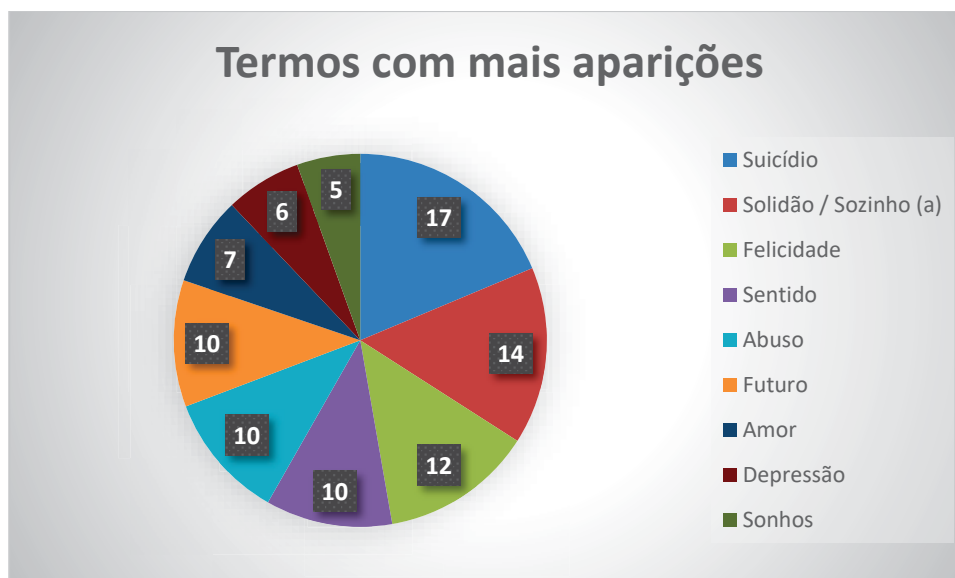
FONTE: o autor (2021)

## 6.2 ANÁLISE DAS AUTOBIOGRAFIAS

As histórias foram entregues por adolescentes, e foi interessante perceber sua visão de mundo, bem como a visão de si mesmos. O tom da maioria das histórias foi triste e negativo, porém, em algumas o final foi esperançoso. Alguns termos foram recorrentes. Por exemplo: das 20 autobiografias entregues, 17 relataram a questão do suicídio em algum momento. Isso, de certa forma, corrobora o relatado no capítulo 2 deste trabalho, que abordou a citada problemática como algo forte no mundo contemporâneo.

Dos termos que mais apareceram (considerando aqueles que se repetiram 5 vezes ou mais), o gráfico a seguir mostra os valores de quantidade (em sentido horário, do maior ao menor, iniciando pelo termo "suicídio", e culminando no termo "sonhos"). Foram 9 termos que apareceram 5 vezes ou mais: 4 em sentido negativo e 5 em sentido positivo.

GRÁFICO 3 – TERMOS COM MAIS APARIÇÕES



FONTE: o autor (2021)

Outros termos como *drogas*, *corpo* e *estresse* apareceram apenas 1 vez. Um fator interessante é de todas as autobiografias citarem a questão da religião, seja de forma positiva ou negativa (criticando religião de familiares ou negando a existência de algo transcendente, por exemplo). Devemos ter em mente da cidade de Camboriú, em Santa Catarina, ter uma forte religiosidade cristã, tanto católica quanto evangélica<sup>15</sup>, e isso influencia no dia a dia dos seus cidadãos.

Os temas mais repetidos merecem uma atenção detalhada. Possivelmente os alunos reagiram a uma provocação do professor, principalmente relacionada à aula de debate do dia 20 de abril. Nessa aula, os alunos abertamente falaram sobre questões pessoais, e, de fato, suicídio e solidão foi um assunto visto recorrente. Inclusive a questão do suicídio voltou durante a aula sobre Viktor Frankl, no dia 27 de abril. De fato, o professor, como um formador de opinião e educador, acaba de certo modo influenciando em determinadas construções dos estudantes, ainda mais em uma atividade que exige a questão da personalidade e individualidade.

Não houve dificuldades em relação a contar sua própria história de vida, haja vista do anonimato imposto à atividade prática. Mas, assim como visto no capítulo

<sup>15</sup> Um dos maiores eventos pentecostais do mundo, o Congresso Internacional de Missões dos Gideões Missionários da Última Hora, acontece anualmente em Camboriú.

anterior, as autobiografias passam a ser uma escrita um tanto tendenciosa (vide o exposto sobre a hagiografia) e o próprio autor faz sua interpretação dos fatos vividos. Falarei aqui dos 3 termos que mais apareceram.

Sobre a questão do *suicídio*, houve alguns relatos bem fortes. Uma das autobiografias inclusive mostrou detalhes de uma tentativa de suicídio, felizmente não consumada, onde quem escreveu falou da possível utilização de um instrumento cortante (faca) para fins de autoimolação. O suicídio, segundo essa pessoa, não aconteceu, pois, em questão de segundos, pensou em sua família e amigos

Isso remete ao ponto central do arcabouço teórico dessa pesquisa: a questão do sentido. Conforme o Gráfico 3, termos como *sentido*, *futuro* e *sonhos* apareceram algumas vezes, e também expressões que remetem a isso, como, por exemplo, um trecho que reproduzo: “[...] a terapia está me ajudando muito a entender tudo o que está acontecendo, me conhecendo e tentando sempre ser a melhor versão de mim mesma”. Expressões como essa, do autoconhecimento, remetem a uma busca por significado de si. Projetos de vida no futuro, como “[...] cursar engenharia de produção”, “[...] sou uma pessoa com muitos sonhos e ambiciosa, sei que o mundo está me esperando e que eu vou viver coisas maravilhosas nele”, também foram recorrentes e mostram a ideia de finalidade nos propósitos da vida.

Sobre a *solidão*, mesmo adolescentes constantemente vivenciando o dia na escola e passam rodeados de pessoas, se sentem sozinhos. Essa solidão, vista em termos na autobiografia como “não tenho ninguém” acaba vinculadas a outras expressões como “ninguém entende o que passo”. Percebeu-se a necessidade aqui de um aprofundamento maior, haja vista de o conceito ser citado, mas sem muitos pormenores.

Sobre a *felicidade*, citada 12 vezes, foi vista sempre atrelada a algo: “me sinto feliz com minha família”, “os animais me deixam felizes” ou até mesmo “queria um amor de verdade para me deixar feliz”. A felicidade é trabalhada nos textos através de vínculos afetivos muito fortes, ligados a coisas, pessoas, animais, transmitindo um sentimento interior a quem escreveu.

Passados alguns meses, no dia 23 de novembro, ao finalizarem as aulas normais da turma (nas duas semanas seguintes seriam as provas finais), o professor trouxe novamente as biografias, mostrando aos alunos os resultados dos termos

recorrentes (conforme o Gráfico 3), e tendo novamente uma conversa sobre a questão do sentido. Com autorização dos estudantes, o professor leu alguns trechos selecionados, relacionados principalmente aos 2 termos que mais aparecerem, o suicídio e à solidão, provocando um pequeno debate. Uma estudante, em específico, falou abertamente sobre sua autobiografia, trazendo uma reflexão a respeito de *bullying* sofrido. O professor não fez questionamentos a respeito de construções teóricas que poderiam ter aparecido no trabalho, mas percebeu do conteúdo visto a respeito do Existencialismo, de certa forma, ter feito os estudantes refletirem sobre si mesmos.

No final dessa aula do dia 23 de novembro, o professor perguntou se os estudantes queriam a destruição dos trabalhos, mas uma aluna sugeriu serem guardados pelo docente, já que era parte de um trabalho especial da sua vida. Os demais concordaram, e as autobiografias foram então guardadas pelo professor em seu arquivo acadêmico pessoal.

### 6.3 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

O trabalho prático teve como objetivo trabalhar a questão da autobiografia do sentido, recordando conceitos filosóficos, principalmente oriundos do Existencialismo e da Psicologia. A metodologia narrativa, por exemplo, pode ser utilizada pelos professores de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Estrangeira para trabalhos similares. O itinerário formativo de Projeto de Vida também pode usar dos mesmos parâmetros elencados para realizar uma atividade similar.

Outros conteúdos relacionados à Filosofia podem ser explorados através da escrita de si: ao trabalhar as *Confissões* de Agostinho, as cartas trocadas entre Abelardo e Heloísa, o *Ecce Homo* de Nietzsche, entre outros. Inclusive este professor aplicou novamente, em outra instituição, o processo de escrita de si, através da confecção de uma carta que seria endereçada a alguém com vínculo afetivo forte (baseado nas cartas de amor de Abelardo e Heloísa). A atividade foi realizada com os 1os anos do Ensino Médio, em junho de 2023, na Escola de Educação Básica Professora Julia Miranda de Souza, no município de Navegantes, Santa Catarina.

FIGURA 7 – ATIVIDADE DE ESCRITA DE SI BASEADA EM ABELARDO E HELOÍSA



FONTE: o autor (2023)

A construção da autobiografia proposta também teve suas falhas. Muitos conceitos poderiam ter sido mais abordados e os resultados seriam outros. O rigor científico e pesquisa aprofundada também se empobrece, e aí entramos em uma seara delicada a respeito das instituições escolares brasileiras não serem tanto um local de prática da ciência. Talvez se possa pensar de um tempo maior para tratar dos conceitos ter sido necessário. Óbvio da questão do engessamento curricular e planejamento ter pesado sobre isso. Veremos sobre isso nas considerações finais, mas é um ponto a ser refletido para aplicações futuras.

O nexos com a Psicologia poderia ter sido mais explorado. Profissionais que aplicam atividades com a escrita de si, podem elaborar um projeto interdisciplinar com a equipe psicopedagógica da escola, ou, caso a escola não possua um profissional dessa área, viabilizar, junto à direção, a presença de um(a) psicólogo(a) a fim de não só trabalhar uma visão terapêutica, mas mostrar também toda a questão científica e teórica por detrás da fundamentação desse trabalho, promovendo aos estudantes uma melhor compreensão conceitual.

A abertura de diálogo sobre os alunos sobre a escrita de si é um ponto a ser sempre enfrentado com muita clareza. É possível dessa mesma atividade, aplicada em outro contexto socioeconômico, tivesse resultados completamente diferentes. Também, há de se estar preparado para possíveis situações que possam causar

forte emoção, pois a escrita de si também abre um leque de possibilidades e desafios a respeito de interpretar situações passadas, muitas vezes dolorosas e traumáticas.

Sabe-se de resistências, principalmente nos últimos anos, onde diz-se da escola apenas como papel de transmissão de conteúdos, vindo de setores que não gostam de abordagens polêmicas (na realidade estes setores têm motivações bem claras de controle social e institucional). Por isso, o educador com coragem para aplicar a questão da autobiografia sobre o sentido da vida deve ter claro seu contexto educacional e também social, e esteja preparado para possíveis enfrentamentos a ocorrerem.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi um desafio em muitas questões. Primeiramente, por dinamizar o conteúdo proposto, tão engessado pelo fato deste pesquisador estar, na época da prática, lecionando em uma instituição particular. Além do mais, o contexto da pandemia de COVID-19 pairava durante a confecção tanto teórica quanto na aplicação prática. Essa situação, deveras problemática em diversos sentidos, teve reflexos diretos nos elementos trabalhados. É possível que, sem ela, os resultados da pesquisa tivessem sido completamente diferentes, pois a pandemia trouxe sim novas interpretações sobre os problemas existenciais, inclusive para o luto.

Ao organizar suas aulas para realizar a prática do Mestrado Profissional, este pesquisador deparou-se com a burocracia própria de uma instituição particular, bem como a pobreza intelectual do material didático disponível da rede. O conteúdo sobre Existencialismo, por exemplo, apresenta apenas um esquema sobre Merleau-Ponty, Sartre, Simone de Beauvoir e alguns exercícios sobre o mesmo (ver Anexo 1) (DORIGO, 2021). Claro que o educador não deve ficar focado apenas no material didático, mas sim, a partir da Base Nacional Curricular Comum, e o currículo base de sua unidade federativa, elencar os conteúdos e formular seu planejamento. Deve-se entender também toda uma realidade onde as instituições particulares possuem conteúdos focados no vestibular, com uma metodologia voltada em conceitos-chave, muitas vezes sem aprofundamento e pouco debate sobre o assunto. Lembremos que, para um educador filosófico isso se torna deveras problemático, haja vista de o próprio cerne da Filosofia ter a crítica e a contestação. Um dos autores aqui estudados, Kierkegaard, lutou bravamente contra a sistematização aos moldes hegelianos, inclusive desafiando a instituição mais respeitada de sua época e país, a Igreja (KIERKEGAARD, 2021); então, pensar uma educação questionadora das imposições fez parte da construção desse trabalho. O pesquisador e professor procurou contornar essa problemática, organizando um calendário e também promovendo a reflexão crítica com o estudantes a respeito do tema proposto pela pesquisa.

Os temas do Existencialismo, abordados para o trabalho, precisaram ser condensados, e, obviamente ficaram empobrecidos em seus elementos conceituais e rigor científico. Porém, precisamos entender dos mesmos temas precisarem ser

adaptados e ruminados para o contexto do Ensino Médio. Viktor Frankl, por exemplo, não é um teórico estudado nas instituições de Educação Básica no Brasil, e precisou ser encaixado, obvio com critérios científicos, na proposta estudada. Sobre Søren Kierkegaard, ele é um autor que aparece brevemente em diferentes materiais didáticos de Filosofia para a Educação Básica, e muitas vezes apenas como o precursor ou até mesmo, “fundador” do Existencialismo. Essa relação também é problemática e questionável, pois, como visto nas páginas 18 e 19 desta pesquisa, há uma controversa relacionada ao próprio termo *Existencialismo*. Muitos pesquisadores kierkegaardianos, por exemplo, já afastam Kierkegaard da corrente, vista como uma interpretação francesa, a partir de Marcel e Sartre, do problema da existência. Segundo vários comentadores, a alcunha de Kierkegaard como “pai do Existencialismo” acaba causando vários mal-entendidos e empobrece seu pensamento (TEIXEIRA, 2021b). A própria definição de Kierkegaard como filósofo também é algo passível de discussão e crítica (BICHIR *In*: TEIXEIRA, 2021a), visto dele mesmo ter-se definido como um “autor religioso” (KIERKEGAARD, 1986, p. 22) e de toda sua obra ter relação com o Cristianismo. A pesquisa aqui não quis abordar esses assuntos com pormenores, visto ter se pautado em acolher uma organização de conteúdo pré-estabelecida através dos parâmetros curriculares e fazer uma aplicação prática. Porém, isso pode ser um pontapé inicial para a reestruturação da forma como Kierkegaard é abordado nos materiais escolares disponíveis.

Sobre a questão da autobiografia, como a mesma se pautou sobre a questão do sentido da vida, foi necessário dos elementos conceituais tivessem de ser expressos nessa linha. Poder-se-ia objetar uma questão tendenciosa nesse ponto: o pesquisador então lecionou apenas no sentido de obter a atividade prática e quiçá os resultados da mesma? Esse foi um questionamento que, de certa forma, norteou toda a interpretação para a composição da escrita dessa dissertação, e também deixou uma marca pessoal. Como educadores da Filosofia, temos de fomentar uma perspectiva crítica, inclusive consigo mesmo. Havia a possibilidade de os resultados obtidos não serem alcançados? Poderia ter existido frustração? Quem sabe se no dia proposto para a entrega do trabalho os estudantes não o tivessem feito? São questões que teimo em refletir, mas, analisando em termos kierkegaardianos, foram possibilidades de certa forma a terem trazido uma determinada angústia; todavia, nesse caso, não há respostas confortantes para tal.

A atividade foi direcionada para um objetivo prático, mas, as conclusões foram imensamente ricas e questionadoras, como vimos no capítulo anterior.

O outro desafio foi relacionado a questão da metodologia. A própria Filosofia, por vezes abre-se para o rigor metodológico, por vezes também a crítica. O pesquisador viveu esse paradoxo, mas, ao encontrar a metodologia narrativa, aplicada na atividade autobiográfica, percebeu nos envolvidos uma nova compreensão de si mesmo e dos outros, pois, ao escrever a autobiografia, fizeram uma nova leitura de si mesmo (SAHAGOFF, 2015). Essa leitura é altamente tendenciosa, pois, mesmo sob a condição de anonimato, apenas mostra o que o autor quer. Como, por exemplo, discutir sobre a noção de verdade nesse aspecto?

Compreender os conceitos apresentados, bem como utilizá-los para construir um sentido de vida pleno e autêntico, é algo extremamente subjetivo e somente cada estudante envolvido na aplicação prática teve esse conhecimento: e essa relação conceitual-prática também foi um grande desafio. A atividade possuiu o intuito de motivar a escrita de si com o objetivo de pensar o sentido existencial, algo muitas vezes esquecido durante as atividades diárias. A Filosofia, desde os sofistas, diz que “[...] o homem é a medida de todas as coisas” (PLATÃO, 2010, p. 222). Porém, cabe destacar aqui da Filosofia não ser um Projeto de Vida (nome de alguns itinerários formativos vindos da reforma do Ensino Médio). Pensar o sentido muitas vezes passa pela desconstrução dos sentidos, ou seja, uma atitude negativa e/ou opositora. O próprio Sócrates, tanto admirado por Kierkegaard, através da ironia, tinha uma atitude inclusive de desvalidar os conceitos e a realidade à sua volta:

[...] A realidade dada a uma certa época é a válida para a geração e os indivíduos na geração, e contudo, se não quisermos dizer que todo desenvolvimento acabou, é preciso que essa realidade seja desalojada por outra realidade, e isso tem de acontecer através de e com os indivíduos e a geração. (KIERKEGAARD, 2006, p. 225)

O tema do *sentido da vida* é abrangente, e não esgota nas linhas e nas práticas propostas, pois possuem várias interpretações e compreensões ao longo da tradição filosófica, bem como na Literatura e na Psicologia, e também outras ciências. Por isso, este trabalho deixa em aberto para os seus leitores e outros que assim desejarem aplicar a mesma metodologia em sala de aula possam ampliar o foco conceitual, bem como pensar outras possibilidades e usos da autobiografia filosófica. Disciplinas escolares como Língua Portuguesa, Literatura, História,

Sociologia e os itinerários formativos podem ajudar nesse processo, inclusive para um projeto interdisciplinar.

A atividade foi também desafiadora e deu a este pesquisador um repensar conceitual filosófico, tanto no quesito teórico, quanto prático. Estudar autores geralmente encontrados fora do cânone proposto nas atividades didáticas comuns do país sempre é desafiador, bem como implementá-los em um sistema já estabelecido na organização e em um calendário escolar rígido. Tudo isso, soma-se aos imprevistos comuns do dia a dia do pesquisador, expostos, de forma breve e sucinta nos agradecimentos deste trabalho.

Por fim, este pesquisador quer concluir que pensar o sentido da vida, apesar de ser delicado, é algo extremamente importante na caminhada existencial, independente do prisma do qual se interpreta sobre o sentido, seja na ideia de finalidade, significado, vocação, sonhos, etc. Os adolescentes estão iniciando seus questionamentos sobre a vida e também elaborando conceitos, e passam, como vimos, por experiências diversas, muitas vezes até dolorosas. Somos indivíduos únicos, criamos nossa história, cultura, amor e significados diversos para as coisas à nossa volta, e temos de lidar com diferentes situações, principalmente as adversas, que desafiam a caminhada cotidiana. Cada um, dentro de sua vida, terá seu próprio sentido, mesmo “[...] quando nada mais resta” (FRANKL, 2014, p. 54).

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ABELARDO, P. **História das minhas calamidades**. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Col. Os Pensadores).
- ADORNO, T. **Kierkegaard: construção do estético**. São Paulo: Unesp, 2010.
- AGÊNCIA BRASIL. Mídias sociais elevam depressão entre meninas, diz pesquisa. **Época Negócios**, Rio de Janeiro, 06 jan. 2019. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/01/midias-sociais-elevam-depressao-entre-meninas-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- AGOSTINHO. **Confissões**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- \_\_\_\_\_. **A cidade de Deus – Vol. 1**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- ANGLO. **A História do Sistema Anglo**. 2022. Disponível em: <<https://www.sistemaanglo.com.br/quemsomos>>. Acesso em: 23 set. 2023.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Col. Os Pensadores).
- BALANÇO GERAL ITAJAÍ. Balneário Camboriú está no ranking de suicídio. **ND+**, Florianópolis, 19 set. 2017. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/noticias/balneario-camboriu-esta-no-ranking-de-suicidio/>>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, 2018 (Versão em revisão). Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC\\_19dez2018\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. **Boletim Epidemiológico**, v. 52, n. 33, set. 2021. Disponível em: <[https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/2021/boletim\\_epidemiologico\\_svs\\_33\\_final.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf)>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- \_\_\_\_\_. Santa Catarina (Estado). Secretaria de Estado de Educação e Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação docente para educação infantil e séries iniciais**. Florianópolis: COGEN, 1998.
- BOFF, C. **O livro do sentido – vol. I: crise e buscar de sentido hoje (parte crítico-analítica)**. São Paulo: Paulus, 2014.

\_\_\_\_\_. **O livro do sentido** – vol. II: Qual é, afinal, o sentido da vida? (parte teórico-construtiva). São Paulo: Paulus, 2021.

BORIS, G. D. J. B. A (pouco conhecida) contribuição de Brentano para as psicoterapias humanistas. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 193-197, dez. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200010)>. Acesso em: 14 jan. 2019.

BOTELHO, R. Depressão entre jovens cresce; desafio é distinguir a doença de atos típicos da adolescência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 mar. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/03/1866241-depressao-entre-jovens-cresce-desafio-e-distinguir-a-doenca-de-atos-tipicos-da-adolescencia.shtml>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

BOURKE, V. J. **Santo Agostinho**. Rio de Janeiro: Agir, 1955.

CAMUS, A. **Núpcias, o verão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

\_\_\_\_\_. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CHARDAIN, P. T. **O fenómeno humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

COUTO, E. S.; MISSIAS-MOREIRA, R.; CARMO, Q. S. Redes sociais e educação: a narrativa de si por meio da escrita no Twitter. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 10, n. 21, p. 148–159, maio/ago. 2018. Disponível em: <[https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento\\_diversidade/article/view/3694](https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/3694)>. Acesso em: 23 ago. 2023.

CRUZ, W. A. A. O sentido da vida na filosofia de Kierkegaard. **Revista Paranaense de Filosofia**, v. 1, n. 1, p. 92-104, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/rpfilo/article/view/5889>>. Acesso em: 23 set. 2022.

D'ASSUMPÇÃO, E. A. **Suicídio**: como entender e lidar com essa trágica realidade. Petrópolis: Vozes, 2021.

DESCARTES, R. **Regras para a orientação do espírito**. São Paulo: Publifolha, 2021.

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DERRIDA, J. **Otobiografias**: O ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio. Rio de Janeiro: Zazie, 2021.

DOHERTY, H. **Organic Philosophy** – Vol. III: Outlines of biology. Body, soul, mind, spirit. Londres: Trübner & Co. Paternoster Row, 1871.

DORIGO, G. **Filosofia**: curso D. São Paulo: Somos Educação, 2021.

DUNKER, C. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: Planeta, 2021.

DURKHEIM, E. **O suicídio**: estudo sociológico (introdução, livro II, cap. I e livro III, cap. I). São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Col. Os Pensadores).

EPICURO. **Carta Sobre a Felicidade** (a Meneceu). São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FARAGO, F. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 35. ed. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2014.

\_\_\_\_\_. **A descoberta de um sentido no sofrimento**. [Entrevista cedida à Carole Charlewood], Network, South African Television, 23 jun. 1986. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ilRNmwNvuWk>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. **O que não está escrito nos meus livros**: memórias. São Paulo: É-realizações, 2010.

\_\_\_\_\_. **O sofrimento humano**: fundamentos antropológicos da psicoterapia. São Paulo: É-Realizações, 2019.

\_\_\_\_\_. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar uma razão de viver. São Paulo: É -realizações, 2015.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia e Existencialismo**: Textos selecionados em Logoterapia. São Paulo: É -realizações, 2020.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante, 1973.

GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papirus, 2012.

GASS, I. B. (org.). **Uma introdução à Bíblia** – Vol. 5: Exílio babilônico e dominação persa. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Cebi, 2005.

GIOVETTI, P. **Fenômenos extraordinários de místicos e santos**. São Paulo: Paulus, 2017.

HADOT, P. **Epicuro e as bases do epicurismo**. São Paulo: Unesp, 1999.

HEFFERNAN, T. J. (org.). **The passion of Perpetua and Felicity**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012.

HOBSBAWN, E. **A era do capital**: 1848 – 1875. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

JOLIVET, R. **As doutrinas existencialistas**. Porto: Tavares Martins, 1961.

KIERKEGAARD, S. A. **É preciso duvidar de tudo**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

\_\_\_\_\_. **Lettres à Regine Olsen**. Bazoges-en-Pareds: Tisseau, 1949.

\_\_\_\_\_. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2010a (Col. Pensamento Humano).

\_\_\_\_\_. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**. 3. ed. Bragança Paulista: São Francisco, 2006.

\_\_\_\_\_. **O desespero humano**. São Paulo: Unesp, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa: 70, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pós-escrito às Migalhas Filosóficas – Vol. 1**. Petrópolis: Vozes, 2013 (Col. Pensamento Humano).

\_\_\_\_\_. **Pós-escrito às Migalhas Filosóficas – Vol. 2**. Petrópolis: Vozes, 2016 (Col. Pensamento Humano).

\_\_\_\_\_. **Práticas do Cristianismo**. Londrina: Livraria Família Cristã, 2021.

\_\_\_\_\_. **The Journals**. Nova Iorque: Harper, 1959.

KIYMAZ, T. On the meaning of “the meaning of life”. **Unisinos Journal of Philosophy**, n. 20, v. 2, p. 146-154, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/fsu.2019.202.04>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LE BLANC, C. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003 (Col. Figuras do Saber).

LIRA, J. L. (org.). **Academia Brasileira de Hagiologia – ABRHAGI: Breve histórico**. Sobral: UVA, 2005.

MARCEL, G. **La dignité humaine et ses assises existentielles**. Paris: Aubier, 1964.

MARTINS, A. C. **A subjetividade nas doutrinas existencialistas**. Fortaleza: Acecult, 2018.

MARX, K. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MENDES, A. A. P. **Didática e metodologia do ensino de filosofia no ensino médio**. Curitiba: Intersaberes, 2017 (Série Estudos de Filosofia).

MESNARD, P. **Kierkegaard**. Lisboa: 70, 2003.

MURICY, K. **Ecce homo: a autobiografia como gênero filosófico**. Rio de Janeiro: Zazie, 2017.

NASIO, J. **A depressão é a perda de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

NEPOMUCENO, M. L. Redes sociais enquanto nova ágora? Comunicação digital, polarização e os códigos de comportamento urbanos e virtuais. **GeoTextos**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/48860>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NUSSBAUM, M. **The Fragility of Goodness**: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

OLIVETO, P. Brasil tem maior incidência de depressão entre países em desenvolvimento. **Correio Braziliense**, 26 jul. 2011. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2011/07/26/interna\\_ciencia\\_saude,262696/brasil-tem-maior-incidencia-de-depressao-entre-paises-em-desenvolvimento.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2011/07/26/interna_ciencia_saude,262696/brasil-tem-maior-incidencia-de-depressao-entre-paises-em-desenvolvimento.shtml)>. Acesso em: 20 set. 2023.

ORELLANA, J. D. Y. et al. Excesso de mortes durante a pandemia de COVID-19: subnotificação e desigualdades regionais no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 1, p. e00259120, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00259120>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

PAULA, M. G. **Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard**. São Paulo: Paulus, 2009 (Col. Filosofia).

PHILIPPE, M. D. **Introdução à Filosofia de Aristóteles**. São Paulo: Paulus, 2002.

PLATÃO. **Defesa de Sócrates**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

\_\_\_\_\_. **Teeteto**. Lisboa: Fundação Caloste Gulbekian, 2010.

PROTASIO, M. M. **Da genialidade sensível ao amor à norma**: existência e consciência em Kierkegaard. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia – Vol. I**. São Paulo: Paulus, 1990.

\_\_\_\_\_. **História da Filosofia** – Vol. III. São Paulo: Paulus, 1991.

REYNOLDS, J. **Existencialismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes: 2014 (Col. Pensamento Moderno).

ROSA, G. M. O.; PULINO, L. H. C. Z. O humano em Søren Kierkegaard e em Viktor Frankl. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 37, 1 abr. 2020.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6877>>. Acesso em: 14 set. 2021.

ROUSSEAU, J.J. **As Confissões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965 (Col. Clássicos De Bolso).

SAHAGOFF, A. P. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. In: SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – SEPESQ, 11., 2015, Porto Alegre. **Anais da XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação – SEPESQ**. Porto Alegre: UniRitter, 2015.

SALLES, A. L. **Angústia existencial: psicologia à luz de Kierkegaard**. Curitiba: Juruá, 2019.

SANTA CLARA, C. J. S. Melancolia: da antiguidade à modernidade - uma breve análise histórica. **Mental**, Barbacena, v. 7, n. 13, p. x, 2009. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272009000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272009000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 set. 2023.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Col. Os Pensadores).

SOUSA, J. B. **Carta a Meneceu sobre a felicidade**. 43 f. Monografia de graduação (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação** – 1º tomo. São Paulo: UNESP, 2005.

SCHUTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

STEWART, J. **Soren Kierkegaard: subjetividade, ironia e crise da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2017.

TEIXEIRA, N. M. (org.). **Kierkegaard através do tempo**. São Paulo: Liberars, 2021a.

\_\_\_\_\_. A relação entre self e sociedade na obra de Kierkegaard. **Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 13 n. 34, p. 25-51, 2021b.

Disponível em:

<<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/12135>>. Acesso em: 21 set. 2023.

TERESINHA. **História de uma alma**: manuscritos autobiográficos. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1986.

UERJ. **Pesquisa da Uerj indica aumento de casos de depressão entre brasileiros durante a quarentena**. 5 maio 2020. Disponível em: <<https://www.uerj.br/noticia/11028/>>. Acesso: em 17 ago. 2020.

VALLS, A. **Kierkegaard cá entre nós**. São Paulo: Liberars, 2012.

VAN LOON, H. W. **A história da humanidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIKTOR FRANKL INSTITUTE. **Viktor Emil Frankl**. Viena, 2020. Disponível em: <<https://www.viktorfrankl.org/biography.html>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

ZUMTHOR, P. (org.). **Correspondência de Abelardo e Heloísa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

## GLOSSÁRIO

**Angústia:** atitude do ser humano em face de sua situação do mundo, diante das variadas possibilidades.

**Autobiografia:** processo de escrita de si, discorrendo sobre aspectos históricos, familiares e sociais.

**Desespero:** atitude do ser humano em face de si mesmo, onde se vê incapaz de realizar-se.

**Depressão:** doença psico-biológica, onde há falta de transmissão dos hormônios que produzem a felicidade, alegria e bem estar. Tem consequências como a perda do sentido, o vazio existencial e a possibilidade do suicídio.

**Existência:** modo de ser do ser humano, ou uma definição ou delimitação. Aqui na pesquisa, a existência está ligada ao conceito de vida.

**Morte:** cessação da vida física ou descontinuidade da existência. Pode ser encarada como um evento natural ou até mesmo um mistério metafísico.

**Sentido:** significado, propósito, valor ou finalidade.

**Sufrimento:** um estado emocional caracterizado por dor, angústia, aflição e desconforto, que vai além do aspecto físico, podendo ser psicológico, moral e existencial.

**Suicídio:** atitude de pôr fim à própria vida, que pode ter origem em variados motivos, sejam de ordem biológica ou psíquica.

**Vida:** conjunto de fenômenos biológicos das espécies conhecidas, onde há um determinado grau de organização, do nascimento até a morte. Também pode ser vinculada à história de um indivíduo. Aqui na pesquisa, vida está ligada ao conceito de existência.

## APÊNDICE – Quando nada mais resta

Enquanto avançamos aos tropeços, quilômetros a fio, vadeando pela neve ou resvalando no gelo, constantemente nos apoiamos um no outro, erguendo-se e arrastando-nos mutuamente. Nenhum de nós pronuncia uma palavra mais, mas sabemos neste momento que cada um só pensa em sua mulher. Vez por outra olho para o céu onde vão empalidecendo as estrelas, ou para aquela região do horizonte em que assoma a alvorada por detrás de um lúgubre grupo de nuvens. Mas agora meu espírito está tomado daquela figura à qual ele se agarra com uma fantasia incrivelmente viva, que eu jamais conhecera antes na vida normal. Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, vejo seu olhar como que a exigir e a animar ao mesmo tempo e – tanto faz se é real ou não a sua presença – seu olhar agora brilha com mais intensidade que o sol que está nascendo. Um pensamento me sacode. É a primeira vez na vida que experimento a verdade daquilo que tantos pensadores ressaltaram como a quintessência da sabedoria, por tantos poetas cantada: a verdade de que o amor é, de certa forma, o bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana. Compreendo agora o sentido das coisas últimas e extremas que podem ser expressas em pensamento, poesia – e em fé humana: a redenção pelo amor e no amor! Passo a compreender que a pessoa, mesmo que nada mais lhe reste neste mundo, pode tornar-se bem-aventurada – ainda que somente por alguns momentos – entregando-se interiormente à imagem da pessoa amada. Na pior situação exterior que se possa imaginar, numa situação em que a pessoa não pode realizar-se através de alguma conquista, numa situação em que sua conquista pode consistir unicamente num sofrimento reto, num sofrimento de cabeça erguida, nesta situação a pessoa pode realizar-se na contemplação amorosa da imagem espiritual que ela porta dentro de si da pessoa amada. Pela primeira vez na vida entendo o que quer dizer: Os anjos são bem-aventurados na perpétua contemplação, em amor, de uma glória infinita...

À minha frente um companheiro cai por terra, e os que vão atrás dele também caem. Num instante, o guarda está lá e usa seu chicote sobre eles. Por alguns segundos interrompe minha vida contemplativa. Mas num abrir e fechar de olhos eleva-se novamente minha alma, salva-se mais uma vez do aquém, da

existência prisioneira, para um além que retoma mais uma vez o diálogo com o ente querido: Eu pergunto – ela responde; ela pergunta – eu respondo.

“Alto!” Chegamos ao local da obra. “Cada qual busque sua ferramenta! Cada um pegue uma picareta e uma pá!” E todos se precipitam para dentro do galpão completamente às escuras para arrebanhar uma pá jeitosa ou uma picareta mais firme. “Como é, não vão se apressar, seus cachorros imundos?” Dali a pouco estamos no valo, cada um em seu lugar da véspera. A picareta estilhaça o chão congelado, soltando até fagulhas. Nem mesmo os cérebros ainda degelaram, os companheiros continuam calados. Meu espírito ainda se apegava à imagem da pessoa amada. Continuo falando com ela, e ela continua falando comigo. De repente me dou conta: nem sei se minha esposa ainda vive! Naquele momento fico sabendo que o amor pouco tem a ver com a existência física de uma pessoa. Ele está ligado a tal ponto à essência espiritual da pessoa amada, a seu “ser assim” (nas palavras dos filósofos) que a sua “presença” e seu “estar-aqui-comigo” podem ser reais sem sua existência física em si e independente de seu estar com vida. Eu não sabia, nem poderia ou precisaria saber, se a pessoa amada estava viva. Durante todo o período do campo de concentração não se podia escrever nem receber cartas. Mas isto naquele momento de certa forma não tinha importância. As circunstâncias externas não conseguiam mais interferir do meu amor, na minha lembrança e na contemplação amorosa da imagem espiritual da pessoa amada. Se naquela ocasião tivesse sabido: minha esposa está morta – acho que este conhecimento não teria perturbado meu enlevo interior naquela contemplação amorosa. O diálogo espiritual teria sido igualmente intenso e gratificante. Naquele momento apercebo-me da verdade: “Põe-me como um selo sobre o teu coração... por que o amor é forte como a morte.” (Cantares 8.6)

(FRANK, V. **Em busca de sentido**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 54-56)

## ANEXO 1 – CONTEÚDO SOBRE EXISTENCIALISMO NO MATERIAL DIDÁTICO DOS ALUNOS DA REDE ANGLO EM 2021

1

CURSO D - FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

# Filosofia do século XX

### PARA PENSAR

Observe a imagem.



Retrato de Pablo Picasso, de Juan Gris, 1912 (óleo sobre tela).

Entre as escolas de arte moderna, o Cubismo foi uma das mais influentes e, ao mesmo tempo, uma das que mais chocaram o público. Olhando para telas cubistas, muitas vezes as pessoas têm a impressão de algo deformado ou monstruoso.

Contudo, pode-se dizer que os princípios do Cubismo indicam algo mais familiar do que se poderia conceber em um primeiro momento. Consideremos, por exemplo, o que significa dizer que vemos uma pessoa. Queremos indicar que somos capazes de perceber a presença inteira de alguém em dado momento, porém nunca vemos uma pessoa inteiramente. Olhamos seu rosto, partes do corpo, suas costas, seu perfil, etc. Vemos cada parte a um tempo, a depender do ângulo ou de nossa atenção, afinal, não somos capazes de ver alguém de todos os ângulos e formas possíveis ao mesmo tempo. No entanto, isso não nos impede de dizer que vimos essa pessoa.

#### EIXO(S)

#### ESTRUTURANTE(S):

##### Investigação científica

EMIFCHSA01

EMIFCHSA02

EMIFCHSA03

##### Mediação e intervenção

sociocultural

EMIFCHSA07

EMIFCHSA08

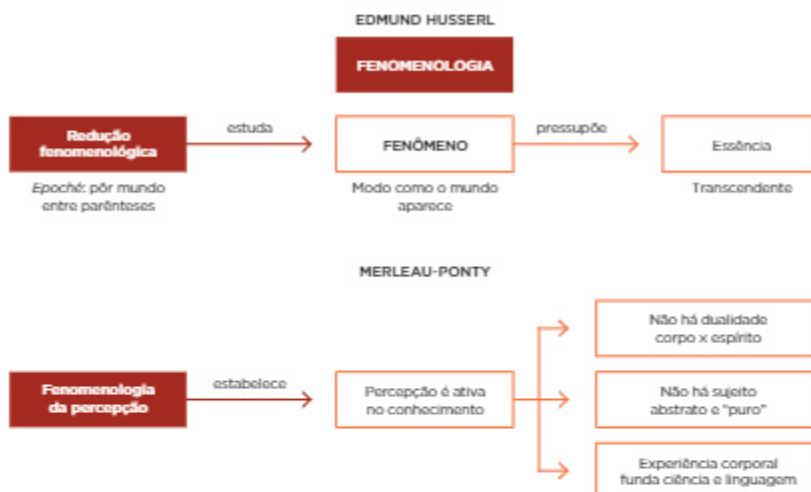
EMIFCHSA09

O Cubismo explicita bastante essa realidade. Como no retrato de Pablo Picasso pintado por Juan Gris, diversos perfis da face e do corpo do retratado são trazidos à superfície no mesmo plano. É como se o artista compusesse um todo de partes de nossa percepção.

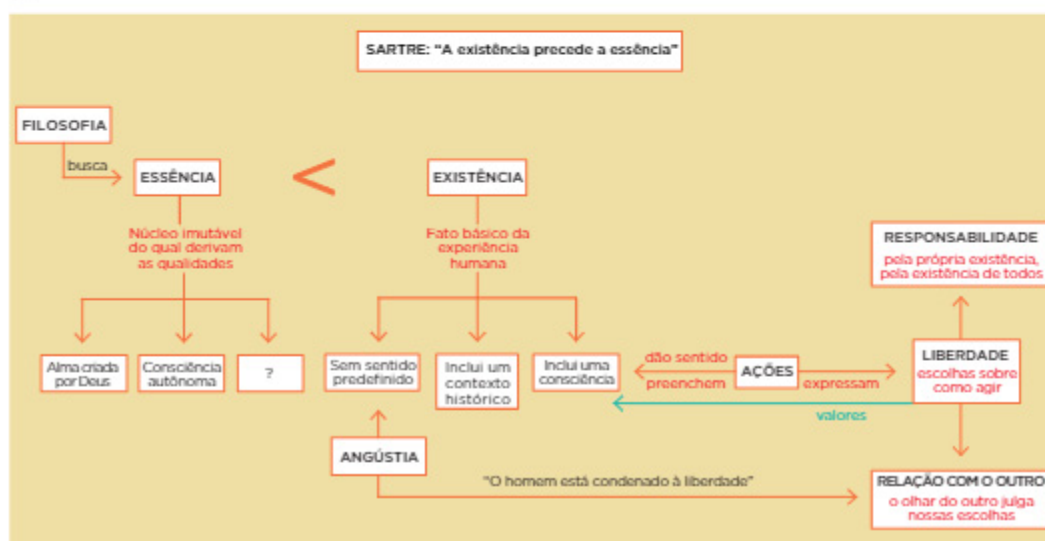
O Cubismo teria indicado algo sobre nossa forma de perceber e conhecer o mundo? E quais seriam, por exemplo, as consequências disso para nossas crenças sobre a ciência, a Filosofia, a liberdade e a política?

### Neste módulo

1.



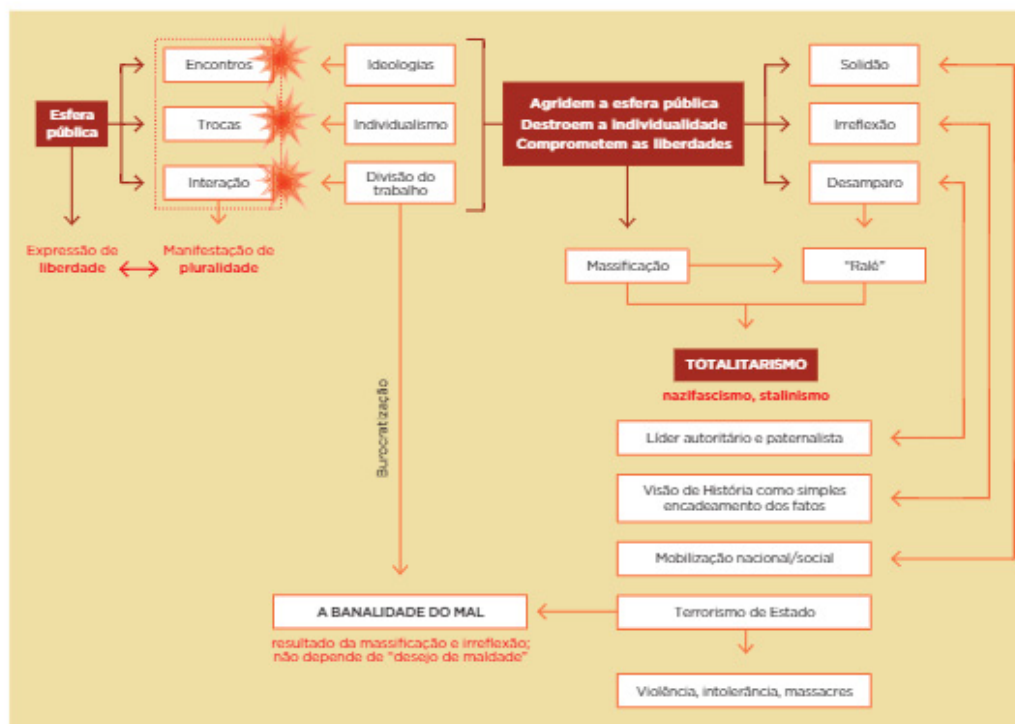
2.



3.



4.



## LEITURAS COMPLEMENTARES

### Fenomenologia

Depois da ciência e da pintura, também a Filosofia e, sobretudo, a Psicologia parecem atentar para o fato de que nossas relações com o espaço não são as relações de um puro sujeito desencarnado com um objeto longínquo, mas as de um habitante do espaço com seu meio familiar. Que se busque compreender, por exemplo, esta famosa ilusão de ótica, estudada já por Malebranche, e que faz que a Lua, ao nascer, quando ainda está no horizonte, nos pareça muito maior do que quando atinge o zênite. Malebranche supunha que a percepção humana, por uma espécie de raciocínio, superestima a grandeza do astro. Se, com efeito, nós o olharmos através de um tubo de papelão ou de uma caixa de fósforos, a ilusão desaparece. Ela é devida, portanto, ao fato de que, ao nascer, a Lua se apresenta a nós para além dos campos, dos muros, das árvores, de que esse grande número de objetos interpostos nos torna sensível sua grande distância, de onde concluímos que, para conservar a grandeza aparente que ela guarda, estando contudo tão afastada, é preciso que a Lua seja muito grande. O sujeito que percebe seria comparável ao cientista que julga, estima, conclui, e a grandeza percebida seria, em realidade, julgada. Não é assim que a maior parte dos psicólogos de hoje compreendem a ilusão da Lua no horizonte. Eles descobriram, por experiências sistemáticas, que é uma propriedade geral de nosso campo de percepção comportar uma notável constância das grandezas aparentes no plano horizontal, enquanto, ao contrário, elas diminuem muito rapidamente com a distância em um plano vertical, e isso sem dúvida porque o plano horizontal para nós, seres terrestres, é aquele em que se fazem os deslocamentos vitais, no qual se desenvolve nossa atividade. Assim, aquilo que Malebranche interpretava pela atividade de uma pura inteligência, os psicólogos desta escola relacionam a uma propriedade natural de nosso campo de percepção, a nós, seres encarnados e obrigados a nos movermos sobre a Terra. Em Psicologia como em Geometria, a ideia de um espaço homogêneo, oferecido inteirinho a uma inteligência sem corpo, é substituída pela ideia de um espaço heterogêneo, com direções privilegiadas, que estão em relação com nossas particularidades corporais e com nossa situação de seres lançados no mundo. Reencontramos aqui, pela primeira vez, esta ideia de que o homem não é um espírito e um corpo, mas um espírito com um corpo, e que ele só alcança a verdade das coisas porque seu corpo está como que atado a elas.


MERLEAU-PONTY, Maurice. *Cosmologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 15-18.

### Existencialismo

Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. [...] Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos. Se a existência, por outro lado, precede a essência e se quisermos existir, ao mesmo tempo que construímos a nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade. [...] Assim sou responsável por mim e por todos, e crio uma certa imagem do homem por mim escolhida; escolhendo-me, escolho o homem.

SARTRE, Jean-Paul. *Existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1971. p. 12-13 (Coleção Os Pensadores).

## ANEXO 2 – PLANO DE AULA

	<p><b>Colégio Anglo – Unidade Camboriú</b>          Av. José Francisco Bernardes, 80 - Centro, Camboriú - SC,          88340-233          Fone: (47) 3095-0175          E-mail: coordenação@anglocamboriu.com.br</p>	<p><b>Formação Geral Básica</b>          Ciências Humanas e Sociais</p> <p><b>Área do conhecimento</b>          Filosofia</p>	<p><b>Professor</b>          Nahor Lopes de Souza Junior</p> <p><b>Período</b>          1º Trimestre - 8/02 à 14/05</p>	<p><b>Turmas</b>          2º A</p>
<h3><u>PLANO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA</u></h3>				
<p><b>COMPETÊNCIAS GERAIS</b></p>	<p>Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.</p>			
<p><b>COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS</b></p>	<p>Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.</p>			
<p><b>HABILIDADES DA ÁREA OU ESPECÍFICA</b></p>	<p>(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.</p> <p>(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.</p> <p>(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.</p>			
<p><b>OBJETO DO CONHECIMENTO</b></p> <p>09/02 Acolhida e boas vindas</p> <p>23/02 Introdução à Filosofia Contemporânea</p> <p>02/03 Hegel e o idealismo</p> <p>09/03 Debate sobre o Dia da Mulher</p> <p>16/03 Schopenhauer</p> <p>30/03 Marx e Engels</p> <p>06/04 Nietzsche</p> <p>13/04 Introdução ao Existencialismo</p> <p>20/04 Debate sobre os conceitos existencialistas</p> <p>27/04 Viktor Frankl e o sentido da vida</p> <p>04/05 Entrega das autobiografias e marcação da prova</p> <p>11/05 Revisão para a prova</p>	<p><b>METODOLOGIA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aulas expositivas e dialogadas</li> <li>• Uso do quadro branco e data show</li> </ul>	<p><b>CRITÉRIOS/ INSTRUMENTOS AVALIATIVOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em sala e nas atividades propostas</li> <li>• Caderno completo</li> <li>• Atividade de autobiografia (opcional)</li> <li>• Avaliação trimestral</li> </ul>		
<p><b>REFERÊNCIAS:</b></p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. <b>Base Nacional Curricular Comum</b>. Brasília: MEC, 2018.</p> <p>_____. Santa Catarina (Estado). Secretaria de Estado de Educação e Desporto. <b>Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio</b>: Formação docente para educação infantil e séries iniciais. Florianópolis: COGEN, 1998.</p> <p>DORIGO, G. <b>Filosofia</b>: curso D. São Paulo: Somos Educação, 2021.</p>				

## ANEXO 3 – AUTOBIOGRAFIA DIGITADA

### Minha autobiografia (resumida)

Bom eu estou sentada em minha cama, no fim de um dia um pouco cansativo, e hoje achei o dia perfeito pra falar sobre meus sentimentos. Nunca foi algo fácil pra mim o fato de se abrir pra outras pessoas, pois sempre tive em mente que “a dor do outro é maior que a minha então por que preocupar outras pessoas com meus problemas?”, nunca achei que fosse encontrar alguém que me entendesse, acontece que guardei tanta coisa pra mim que cheguei a um estado da minha vida na qual não havia mais solução do meu ponto de vista.

Fui criada em uma família cristã, na qual tem ensinamentos que são um pouco rígidos e eu sempre tive medo de decepcionar meus pais, até porque sempre ouvi a frase “não incomoda seu pai” pelo fato de desde seus 18 anos sofrer com transtorno de bipolaridade e ser internado diversas vezes, na qual acredito que guarda muitas magoas por tudo o que passou e fez. Hoje ele esta muito bem, toma suas medicações, todo mês vai ao medico, mas já tive algumas lembranças ruins dele em minha casa. Minha mãe já sofreu muito por causa dele e não é atoa que tem depressão profunda e teve depressão-pós-parto assim que nasci.

Tenho duas irmãs, a mais velha de 28 anos é como uma mãe pra mim e somos completamente inseparáveis, ela é a minha razão de querer viver. A minha outra irmã tem 24 anos, e nunca fomos tão próximas, não gosto muito dela, na verdade tenho um pouco de nojo ao me lembrar das suas atitudes comigo, mas não á culpo tanto, acho que ela só estava em uma fase de descoberta e aceitação quanto a sua sexualidade.

Sempre fui uma garota que quis ter vários amigos, e na verdade sempre tive, mas acabava me decepcionei muito. Até agora tive algumas amigas tão chegadas como irmãs, porem com todas me decepcionei muito e tive de me afastar. Tentei agradar todos pra ser aceita... Aos poucos comecei a me moldar e fazer coisas do estilo de cada um. Mas minha vida mudou completamente de 2019 em diante quando conheci um garoto

Só o fato de lembrar ele me faz chorar, pois eu sei o que passei com ele, sei como doeu, sei como ele acabou com a minha vida aos pouquinhos. Eu o conheci na escola, um dia ele me chamou e viramos amigos, começamos a conversar e fui gostando dele, mesmo ele dizendo que eu tinha que mudar isso e aquilo que lhe irritavam... Começamos a ficar, mas descobri que ele tinha relações com uma de minhas “amigas”, eu já tinha me apegado e tudo bem perdoar uma vez neh? Mesmo que tenha me magoado muito, achei que seria melhor dar outra chance. Depois disso decidimos namorar, mas meus pais não aceitaram, e ele começou a me tratar mal, me deixava falando sozinha, ou às vezes ficava com diversas meninas diferentes e justificava dizendo “que eu estava chata demais”. Ele me convenceu a tirar minha virgindade, disse que me amava que eu era especial e que não iria me deixar, estava tão cega por ele que me entreguei, a coisa que era mais importante pra mim ele tirou, e na semana seguinte me deixou para namorar com outra.

Depois ele voltou "arrependido" e como eu estava tão magoada por ter perdido minha castidade resolvi voltar, pois eu faria de tudo pra ter ele novamente, e mesmo eu sabendo que me fazia mal, eu insisti, pois o amava.

Com muito custo meus pais liberaram nosso namoro, e eu achava que com isso ele ficaria feliz e voltaria a me tratar bem, porem só piorou... Havia dias que eu não queria ter relação com ele, mas ele ficava bravo, me empurrava pra longe dele e era estúpido, muitas vezes ia pra casa e decidia não falar comigo o resto do dia. Eu comecei a ter crise de ansiedade, estava cansada de ser bem tratada na frente dos outros, e quando ninguém estava vendo eu era um lixo, tinha que transar quando ele queria e aonde queria, se eu dissesse que estava em um dia ruim era "drama meu". Cansava de descobrir que ele trocava ligações comigo pra falar com outras garotas, mas eu acabava recebendo um presente para perdoá-lo. Eu muitas vezes só queria-me ver livre dele, mas eu não conseguia, era como se eu precisasse dele para viver. Minhas crises de ansiedade se tornaram crises de pânico, e claro meus pais decidiram que eu deveria ser tratada, frequentei psiquiatras para ter auxílio de medicação e uma terapeuta duas vezes por semana o que me ajudou muito. Mas sempre omiti tudo aos meus pais.

Para meu ex tudo o que eu fazia o incomodava, deixava-o irritado, ou eu não era suficiente, sério não havia mais um dia que não brigávamos pelas atitudes tóxicas dele. Sempre que eu tinha uma crise, geralmente quando era forçada a algo que não queria... Começava a chorar e tremer e ele simplesmente me dava um tapa no braço pra me empurrar pra longe dele, um dia ele me mandou calar a boca e parar de chorar. Ele não me deixava sair com os poucos amigos que eu tinha, monitorava minhas redes sociais, até mesmo meu whatsapp estava logado em seu celular. Depois de 4 meses seguidos sendo abusada por ele, contei a minha terapeuta que queria morrer mas não informei o motivo pois tinha medo de meus pais saberem. Porem eu estava muito decidida de que precisava ser feliz, precisava para de sofrer por alguém que me fazia chorar todas as noites. Lembro que voltei decidida pra casa naquela noite que iria terminar com ele, estava cansada de me sentir suja e infeliz, poxa eu tenho 16 anos, o que seria de mim daqui uns anos? E terminei, mas não entendo por que eu continue amando ele, parece que parte de mim acreditava que ele podia melhorar, mas parte de mim lembra que ele me fez sofrer demais.

Logo que terminei, me senti muito deslocada, só queria voltar pra ele todos os dias, e era horrível querer ter ele, mas saber o que aconteceria caso fizesse isso, e eu acordava todo dia e pensava "por que eu amo ele?" "por que eu quero tanto ele?", e parecia que quanto mais eu tentava esquecer, mais eu lembrava. E meus pais não entenderam o real motivo do término, e nem a minha irmã que era a minha melhor amiga por esse motivo eu coloquei em minha cabeça que passaria por isso sozinha e do meu jeito, pois não iriam acreditar em mim.

Aos poucos eu comecei a viver minha vida, mas não de uma forma saudável... Comecei a sair quase todas as noites com diversos grupos de amigos, para beber e fumar, às vezes fugia de casa de madrugada pra ir à minha amiga. Eu tinha terminado com ele, mas a minha vida estava totalmente incompleta, era como se o tempo todo eu precisasse estar fora da realidade para não pensar nele. Depois do término passei a ficar com garotas, me sentia acolhida e me sentia eu mesma, não tinha medo e nem receio de que elas me machucariam, mas claro meus pais jamais aceitariam isso.

Comecei a menosprezar minha família e viver tudo do meu jeito; mas toda festa que eu ia, toda vez que eu saía, acontecia algo que me deixava pior do que já estava. Alguns "amigos" meus se aproveitaram de mim enquanto eu estava bêbada, e no outro dia eu acordava e só sabia chorar e essas coisas fizeram crescer dentro de mim a vontade de morrer. Minhas amigas? Eu perdi uma a uma, só queria minha presença pra fazer farra, começaram a se afastar de mim, pois segundo elas "eu andava muito depre e chata". Início desse ano comecei a abusar na bebida mesmo sozinha e nas minhas próprias medicações que por serem controladas me faziam delirar.

Lembro que em uma terça de manhã fui pra escola e um menino do ensino médio me tratou muito mal, e de alguma forma muitas lembranças vieram à tona em minha mente, comecei a chorar desesperadamente na mesa do refeitório, pois eu não aguentava mais aqueles fardos, eu só queria beber, ficar dopada logo pra para de chorar e esquecer que aquele babaca do meu ex-namorado que ficava na minha mente o tempo todo me impedindo de seguir em frente. Então eu cheguei em casa, meu pai estava trabalhando e minha mãe estava em Itajaí fazendo seu tratamento de câncer. Lembro-me de começar a chorar e olhei pra sacada e pensei "por que não?", mas seria bobagem e dolorido. Então fui até meu quarto... Peguei meu remédio e tomei 3 comprimidos, eu não queria morrer de overdose, só queria ficar inconsciente o suficiente pra esquecer a vontade de morrer. Acontece que depois disso eu só lembro-me do meu pai me puxando pela blusa pra eu não cair da sacada assim que chegou em casa, lembro da minha mãe chorando e me obrigando a entregar o celular e ir dormir.

Quando acordei não me lembrei de absolutamente nada, era como se eu tivesse apenas uma noite longa e um sonho na qual não me lembrava dos detalhes. Mas aí eu levantei e me senti muito fraca, sentei em minha cama e me recordei de poucas coisas da noite anterior, e que meus pais estavam com meu celular então nesse momento eles já sabiam que a filha deles era "lésbica, drogada, bêbada, viciada, e puta" a única coisa que pensei é "Meu Deus eles me odeiam, eu não consigo olhar pra eles, é agora ou nunca, eu TENHO que morrer" peguei minha navalha e fiz um corte no pulso, o sangue começou a correr e eu comecei a chorar tão alto que meu pai entrou correndo no meu quarto e me abraçou, ele me olhou e disse "filha não faz isso, eu estou aqui, a gente vai te ajudar". Depois disso minha irmã conversou comigo sobre tudo o que eu havia feito, e principalmente sobre o abuso sexual que sofri e que ainda é uma ferida gigante, nunca a vi chorar tanto dizendo que queria mata-lo por ter me feito sofrer.

Achei que minha família não me entenderia, mas descobri que são os meus melhores amigos, fiquei dois meses sem ir pra escola, por motivos de segurança e recuperação psicológica que eu necessitava no momento. Eles me ajudaram tanto, não me julgaram não me criticaram por ter feito coisas ruins, apenas se preocuparam comigo, e queriam me ver bem e feliz. Passei a frequentar a igreja novamente e refiz amizades que realmente se importaram com a minha dor e que queriam me ajudar, mas não com bebidas e drogas. Hoje o maior motivo de querer viver é Deus, eu vi que só preciso estar na presença dele pra sentir feliz, colocar um hino nos dias ruins e conversar com ele é muito melhor do que beber e chorar. E minha família é a minha segunda maior razão de viver, pois se não fosse eles, eu estaria morta hoje.

Ainda é difícil, tenho que aprender a viver com muita coisa que aconteceu, às vezes lembro, mas tento ser forte, preciso ser forte, tenho novos motivos para querer viver e sei que um dia eu vou olhar para trás e pensar que valeu a pena cada noite de choro, e cada noite sem dormir, pois irei me tornar uma mulher incrível. O meu passado me ajudou a perceber o que eu não quero para o meu futuro.

## ANEXO 4 – AUTOBIOGRAFIA MANUSCRITA

Eu tenho uma unica lembrança de quando tinha 4 anos, só me lembro de brincar com carrinho então não é muito relevante, minha infância foi bem normal então não iri me aprofundar.

Aos 7 anos eu entrei no 1 ano, gostava de jogar bola e virar cartinho. Meu pai iam trabalhar logo cedo, então a parte da manhã eu ficava na minha tia Carla, gostava muito de ir lá e assistir desenho que na TV a cabo. Minha tia era uma pessoa um tanto louca podemos dizer assim, as vezes ela me ajudava a fazer os deveres enquanto ela fumava e bebia cachaca, apesar disso ela era uma pessoa sensacional, por um ~~esse~~ consumo dela não acabou em uma doença, que depois de alguns meses vem a piorar e ela faleu, mas apesar de ser muito apesgado a ela eu não conheci o sentimento de perda.

Alguns anos depois, provavelmente no 9º ano vou fazer alguns novos amigos que viciam praticamente ~~em~~ no futuro.

2020 o ano que fiz uma viagem inesquecível onde fui para a europa e pude ver meu irmão que mora na Inglaterra.

Esse ano foi um pouco conturbado, eu fiquei em isolamento, pois tinha acabado de voltar de viagem, isso no começo do ano e logo entrou a quarentena então meu ano inteiro foi EAD.

2020 era pra eu ter me batizado, porém conversando com os pastores percebi uma falsidade nêles, e vi que aquele lugar não era pra mim daí um bato e parei de ir o igreja e também me tornei ateu apesar de minha mãe não saber disso, tive crises existenciais e comecei a desenvolver uma depressão, poucas pessoas sabem que eu passei e que passo até hoje.

Pensava em suicídio todos os dias, mas de uma forma ~~de~~ de que iria acontecer comigo pra onde eu iria. Um dia que nunca vou esquecer, foi o dia que peguei uma faca pra mim não tive coragem pensei nos meus pais e na minha família, hoje em dia estou melhor, as vezes ocorre a situação de "gatilha" de que algo faz eu ficar bem mal. Recentemente tive uma conversa com um amigo mais velho que me ajudou bastante e tanto sempre ocupou meu tempo e isso me ajuda. Hoje em dia tenho um auto-controle apesar de os vezes "quebrai", essa foi um pouco de minha história.